

REVISTA DA SEMANA

Nº 22 • 1-6-46

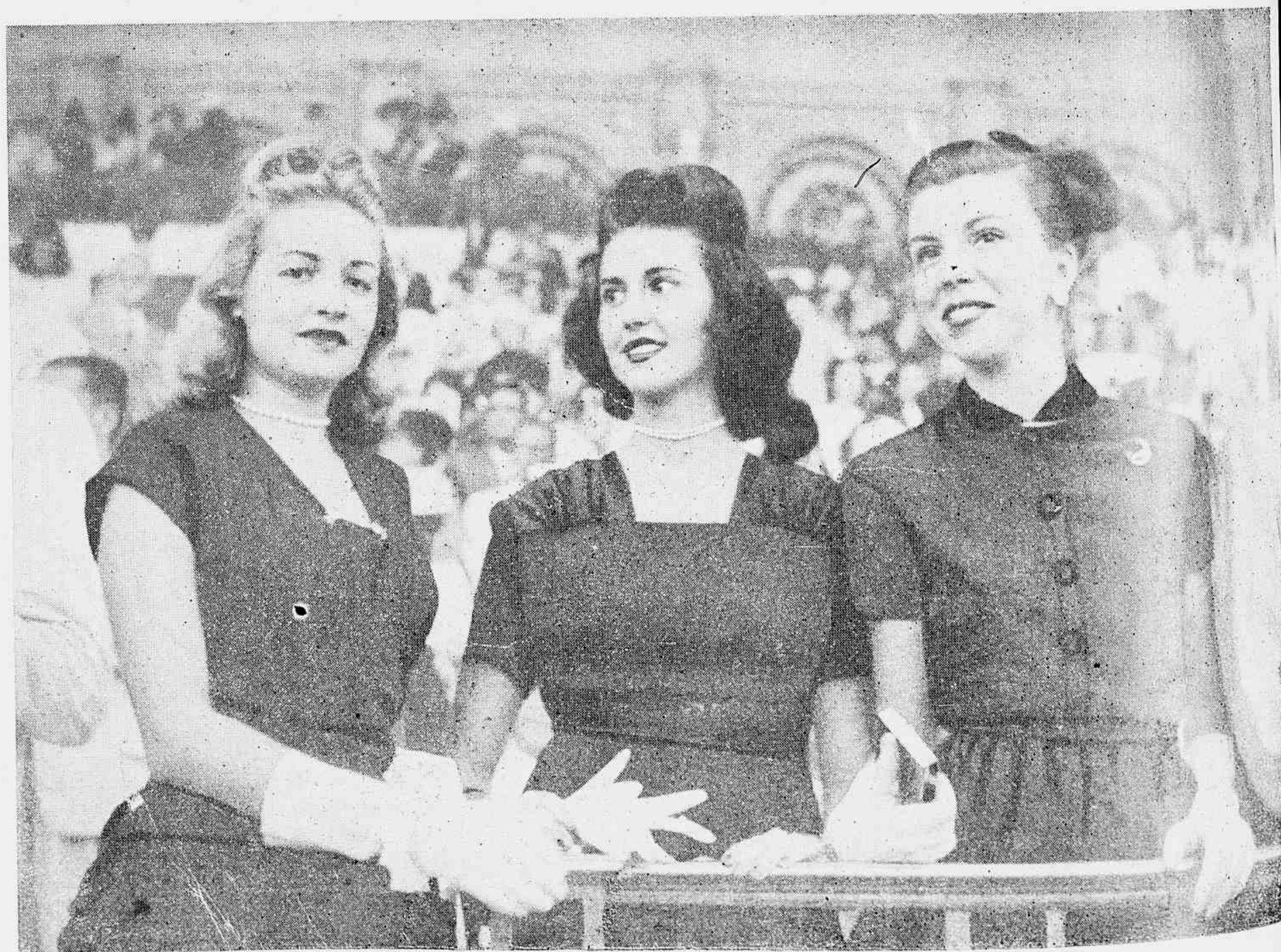
NA CAPITAL CR\$ 1.50 • NOS ESTADOS CR\$ 2.00





JOCKEY CLUB MUNDANO

Domingo último mais uma brilhante reunião realizou-se no Hipódromo da Gávea, com um programa de sensacionais carreiras, que se desenrolaram no mais vivo entusiasmo. Nesta página estampamos alguns flagrantes colhidos durante os intervalos.



E

que
jac
jou
sac
tes
pa
tes
em
o
en
ser

ter
ser
nã
lit
cõ
rá
ta
ou
ro
ço
le
co
Q
be
qu

vi
m
E
nã
te
h
m
ta
do
b



EXULTARAM com certeza os namorados argentinos com a sentença aplicada por um juiz da provincia de Buenos Aires que absolveu um patrão acusado de ter beijado a empregada. Sabe-se lá por que a beijou, e senão o terá feito com grande dose de sacrificio para não perder-lhe os serviços nestes tempos difíceis de encontrar substituta para o forno e fogão! Mas o pai da moça protestou esclarecendo que ao tomar a filha como empregada, não o fizera o patrão "para todo o serviço" e só para certos e determinados, entre os quais não figurava a obrigação de ser beijada.

O juiz, porem, homem saudosista dos seus tempos de mocidade, velho de bom fígado e senso de humor, preferiu considerar que "se não houve violencia no beijo não haverá delicto". E louvou-se "em extensas considerações, citando escritores que analisaram o caráter do beijo". Certamente lá surgiu a citação classica de Rostand no "Cyrano" e de outros analistas dos mais famosos beijoqueiros. Tudo para concluir que no caso em apreço, e "segundo testemunhas, não houve violencia nem opposição", logo, não havia por que condenar o pobre e ardoroso "muchacho". Quer dizer que houve testemunhas quando o beijo foi dado, e se o foi em público, é porque a intenção não podia ser maldosa.

Mas o crime não está no beijo e sim na violencia com que ele seja aplicado, ainda mais, se houver opposição da parte contraria. Essa a jurisprudencia firmada pelo juiz. Ora, não prevalecendo nenhuma dessas agravantes, claro que ninguem pode dizer se o cava-lheiro deu ou recebeu esse beijo. Pode mesmo a iniciativa ter partido d'ele, mas quantas vezes a reciproca faz inverter a função dos papeis, e o atacante passa de beijado, a

O AGRADAVEL DELITO

Estamos vendo daqui o rapaz sentado no banco dos réus, suportando as investidas do Promotor, de cabeça baixa e palpebras cerradas, arrependido até á alma do crime feio que praticou, mas crime que lhe deu um minimo de prazer por um maximo de aborrecimento. Que lhe sirva de experiencia, pois nesses negocios de beijos, é sempre o homem quem leva a peor, ainda quando aparentemente vive o papel de atacante.

Senão, vejamos o beijo nupcial, dado aos pés do altar. Quem o dá? O noivo, porque assim manda o ritual, mas perguntem a quem o recebe nessa hora, se foi preciso tomar um curso para aprender a recebê-lo.

Talvez na Argentina, como nos Estados Unidos e mesmo aqui por estes lados, o beijo esteja caindo muito na vulgaridade. Não é mais preciso entrar nas trevas de um cinema para assisti-lo em grande estilo, na tela ou na platéia. Beija-se ao ar livre, na frente de estranhos, beijam-se as noivas — dos outros também — no ato dos cumprimentos, e beijam-se na face os herois das guerras que es-

tamos assistindo. O beijo é quase rotina, é lugar-comum. Nós vimos em plena Broadway, um dia destes, nos restaurantes mais frequentados, entre um e outro "drink", pares de namorados beijando-se escancaradamente e sem maiores consequencias. Na noite de São Silvestre ou nos grandes dias historicos, o beijo é quase obrigatorio, e quem não beija nem é beijado, francamente, é porque está mesmo abaixo da condição humana. O beijo ficou sendo rotina.

Mas prevalecendo a teoria do juiz de Buenos Aires, também não houve delicto no beijo traíçoeiro de Judas, posto que dado sem violencia, até com fingida manifestação de humildade, e muito menos houve opposição por parte de Jesus. Os beijos traidores são dados com branduras e caricias, mal disfarçando seus verdadeiros propositos, fingindo lealdade e afeto.

Houve tempo em que o cinema foi acusado de escola dos beijos, mas os produtores de filmes resolveram desmentir esse concenito e reduzoram sistematicamente os beijos quílometricos por medida de economia do filme virgem. Conservou-se ao menos a virgindade de muitos metros de pelicula.

De qualquer modo, estão de parabens os namorados na Argentina, e as namoradas então, nem se fala. Saibam eles aproveitar a vista grossa do juiz camarada e beijem-se á vontade — mas sempre sem violencia no ataque nem opposição na defesa. Defendam-se como bem entenderem. Mas pelas duvidas convem que os patrões não se decidam a beijar as criadas na frente das caras-metade, ainda que continue persistindo a escassez dessas prestimosas colaboradoras do serviço domestico. Lembrem-se que apesar da falta de empregadas, ainda é mais difícil encontrar outra boa esposa.

CELESTINO SILVEIRA

SAMBA E TRABALHO



MESA
entre

Por
rios?
infla
que
"Dev
pava
buiç

O
como
de lá
noite
que
ginaç
diz
que
gênc
luta
a com
E
senta
mos
nas
inter
dêl
músi
do p
O
temp
inri



MESA REDONDA — Num dos pontos frequentados pelos compositores de samba, o reporter ouve o que se fala e o que se grita em torno do momentoso assunto que é o conflito entre o samba e o trabalho. Da esquerda para a direita, Pedro Camargo, Carlos Morel (cantor), Arlindo Marques, Roberto Roberti, Germano Augusto e Gadé constituem uma autêntica mesa redonda. E enquanto falava o presidente da S.B.A.C.E.M., o autor de "Faustina" estira o braço e pede a palavra. E começa a sessão.

Por que faltam ao trabalho os operários? — Falam os compositores — "A inflação é anterior ao samba" — "O que falta é estímulo ao trabalho" — "Davia-se soltar o samba e prender o povo" — "A censura dos textos é atribuição da polícia" — "A barriga é que manda na gente", palavras de Ary Barroso

Reportagem de
ADHEMAR NOBREGA

O assunto está na ordem do dia. Há muito tempo, cerca de dois anos, um homem do povo, escravo do trabalho como todos os pobres que vivem neste vale de lágrimas, esse pobre diabo que só tem a noite e o dia, querendo ter a sensação de que era um "bon vivant", valeu-se da imaginação e empreendeu uma "fuga", como se diz na gíria da psicanálise. Isto é, aquilo que ele desejaria fazer, se as duras contingências da vida não o amarrassem a uma luta contínua pelo pão (?) de cada dia, passou a constituir o motivo de um samba.

E se esse gênero de música dispensa apresentação aos leitores, muito menos o faremos com relação ao samba em questão. Apenas o que nos move nesta reportagem é o interesse suscitado pelo problema que o texto dele levantou, qual seja o da influência da música popular na capacidade de trabalho do povo.

O caso se resume no seguinte: de algum tempo para cá, o índice de nossa produção industrial tem experimentado um decréscimo

vimento sensivelmente moroso, senão um retrocesso. Operários faltam com frequência ao trabalho, baixa o nível da produção de cada um, um desinteresse manifesto pela perfeição da obra se evidencia, enfim, há um desânimo generalizado, um clima de "fim de festa" dentro das oficinas.

O AUMENTO DE SALÁRIOS?

Muita gente se interessou pelo assunto. Os depoimentos dos industriais e chefes de escritório, embora não afinem em todas as tonalidades, têm todavia um aspecto comum: a culpa é do aumento de salários. Os operários estão ganhando de mais e, não alimentando ambições por um "standard" de vida mais digno, se limitam a trabalhar apenas o estritamente necessário à subsistência... (Não, leitor, não é anedota. Eles dizem isso mesmo).

DIFICULDADE DE TRANSPORTE?

Todo mundo sabe que é uma demonstração de coragem e uma prova de resistência física e bom humor andar de bonde ou nos trens de subúrbio desta cidade que, não sabemos se por generosidade, bairrismo ou ironia, um dia recebeu o qualificativo de Maravilhosa. E quem quer que tenha assistido a essas exhibições de acrobacia dos pingentes ou se submetido a elas, também sabe que esses meios de transporte são o veículo da quase totalidade dos nossos operários.

Assim, opinam alguns que a dificuldade de transporte é a causa das numerosas faltas ao trabalho. Mas isso também é uma hipótese, apenas. É uma hipótese muito menos

sugestiva do que aquela que responsabiliza o samba.

"TRABALHAR, EU NAO, EU NAO..."

E aqui chegamos à pedra angular do problema. Lá um dia, alguém se lembrou que as letras de músicas populares poderiam ter influência sobre o animo do trabalhador, predispondo-o ou retraindo-o em face da luta pela vida. E botou-se a culpa no samba a que já aludimos acima e que termina com a comprometedora confissão:

"Trabalhar, eu não, eu não..."

Foi mesmo que mexer em caixa de maribondos. Em pouco tempo, professores, estudantes, jornalistas, funcionários públicos, comerciantes, "camelots" e banqueiros começaram a se empolgar pelo assunto. Dizem as más línguas que até o Lord Maior e o Lord do Sêlo Privado tiveram uma conferência sobre o palpitante caso, por pouco não incluído na agenda da O.N.U.

Já se cogita, mesmo, de estabelecer uma censura para os textos dos sambas, visando condenar as letras que incitem ao desinteresse pelo trabalho, ao mesmo tempo que se pensa em estimular a criação de músicas convidando o povo a gostar do "batente"... verdadeiros sambas trabalhistas.

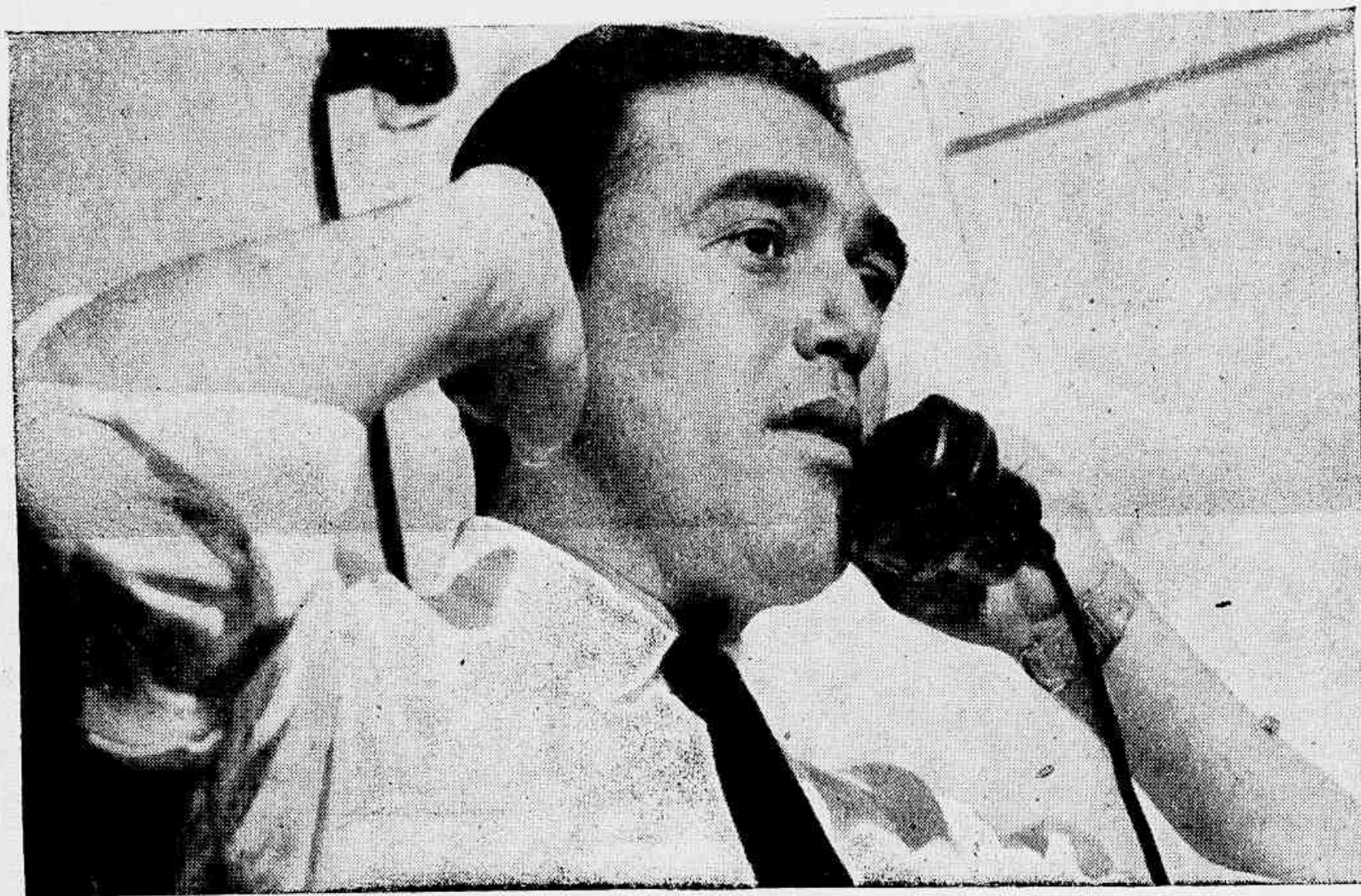
Assunto pitoresco, sem dúvida, nada como ouvir a opinião dos compositores populares, figuras diretamente ligadas ao problema...

NA U.B.C.

Famos a União Brasileira de Compositores, na rua Sete de Setembro. No balcão.



"SÓ PODE SER ANEDOTA" — Quando René Bittencourt ouviu a nossa pergunta teve este comentário e este gesto, virando-se para Alberto Ribeiro. E o presidente da U.B.C. ouviu e respondeu: se a inflação é anterior ao samba, por que culpar o samba?



QUE É QUE FALTA? — O que falta é estímulo ao trabalho — disse Roberto Martins. E acrescentou: Eu já convenci a minha irmã de que era mais econômico deixar o emprego". Ela seguiu o meu conselho e val muito bem, obrigado.



LEMBRANÇA DO SALGUEIRO — O conhecido Gado do Salgueiro que samba a noite inteira e de manhã cedo para-se para beber para chegar à repartição antes de fechar o ponto, mostra praticamente ao exortar, empunhando um tamborão que o samba não é inimigo do trabalho. Ao lado, José Berto, um salgueiro de outras cores e outras lembranças.

René Bittencourt, autor de "Sertaneja", aguardava o momento de receber parte dos seus direitos, arrecadados pela sociedade.

— René, que acha você de tudo isso? — perguntamos-lhe depois de expor o motivo de nossa presença.

— Só pode ser anedota. Já li nos jornais alguma coisa a respeito mas não acredito que ninguém, de boa fé, esteja empenhado em atribuir ao samba a responsabilidade pela diminuição da produção. Só pode ser anedota — esta é a minha impressão...

"A INFLAÇÃO É ANTERIOR AO SAMBA"

E antes que terminasse de falar, vem lá de dentro, já inteirado do assunto, o sr. Alberto Ribeiro, presidente da U.B.C. Entrando na conversa, o autor de "Seu Gregório" foi dizendo:

— Escute, meu amigo. Eu tenho um comentário a esse propósito de vestir camisa de força na música popular. Trata-se da letra de um samba que eu fiz há muito tempo e que termina assim:

"Estatuto é palavrório.

Não havendo produção,

Tome nota, "seu" Gregório,

Vou morrer de inanção."

— E afora isso, você não tem outras declarações a fazer?

Antes de tudo, convém notar que a inflação, com o seu cortejo de dificuldades para a vida do pobre, é anterior ao samba a que você se refere e cujo autor é, por sinal, propagandista de profissão, passando o dia no mais duro "batente".

"O QUE FALTA É ESTÍMULO AO TRABALHO"

A U.B.C. tem um escritório na rua 13 de Maio. Para lá nos dirigimos e foi com Valdemar de Abreu que falamos, logo de início:

— Há realmente algumas letras à toa, mal feitas, mas isso não vem ao caso. Por que ninguém se lembra de tantas outras que são patrióticas, tendo como tema a dignificação do trabalho?

— Por exemplo. . .

— Por exemplo: "Promessa", de Evaldo Rui e Custódio Mesquita; "Brasil, usina do mundo", de Alcir Pires Vermelho e João de Barro, e "Trabalhei, trabalhei", de Roberto Roberti. Não. Essa história de acusar o samba não pega. Ele sempre foi muito útil ao Brasil.

— O que falta é estímulo ao trabalho — berra o compositor Roberto Martins, com aquele físico de polícia especial e aquela camaradagem de gente decente. — O que falta é estímulo ao trabalho, isso sim. O nosso operário é de uma grande capacidade de trabalho. De trabalho e sofrimento. Que o digam o tamanho das filas e o do pão. Vejamos: quantas horas por dia ele trabalha?

— Oito, sem dúvida.

— Realmente. Ele passa oito horas na oficina mas, desde madrugada, o operário está de pé em função do emprego, pois tem de enfrentar um trem-sardinha, entrar numa interminável fila de ônibus ou arriscar a vida como pingente de um bonde abarrotado que se arrasta preguiçosamente como se fosse responsável pelo sono dos seus trezentos passageiros. Às 11 horas, tem de escolher entre gastar dez cruzeiros no almoço ou engulir o conteúdo da marmita, comida feita de madrugada e que ele requeenta num fogão improvisado no chão. À noite, a mesma via-crucis. Me diga uma coisa: isso convida alguém a trabalhar?

— Mas você não está dentro do assunto da reportagem. O que nós queremos saber é sua opinião em torno da questão da influência positiva ou negativa do samba sobre o ânimo do trabalhador. Isto é o que nos interessa.

— Não fugi da pergunta. Eu estava que...

la maneira, com o dia inteiramente sujeito às exigências do trabalho, não tem tempo nem sequer de ver os filhos acordados, senão aos domingos e feriados, quanto mais para dar-se ao luxo de ouvir música, admitindo-se que ele tenha aparelho de rádio!

E depois de atender a uma telefonema, prossegue com veemência:

— E além disso, convém fazer uma comparação com o que se passa na Argentina. Todos nós sabemos como são negativos, do ponto de vista de em que nos situamos, os textos dos tangos. Às vezes, as letras abordam mesmo temas do "bas-fond" e no entanto não existe lá esse conflito entre a música popular e a capacidade de trabalho.

Para terminar, eu lhe dou uma informação bem elucidativa do meu ponto de vista. Tenho uma irmã que trabalhava para custear a sua vaidade, o que é muito natural. Mas, um dia peguei um lápis e mostrei a ela, por a mais b, que era mais econômico deixar o emprego, em consequência do qual gastava mais do que o ordenado. Ela aceitou o conselho e está muito satisfeita.

"O SAMBA NÃO ARRANJA NADA"

O Café Nice continua a ser o quartel general dos compositores populares, um ponto de reunião obrigatório para os profissionais da cuica, pelo menos para os sambistas de salão.

Em roda de uma mesa estavam o cantor Carlos Galhardo e os sambistas Valdemar Silva, Ari Monteiro e Osvaldo Santos.

Parece que nos esperavam, pois mal falamos no assunto, Galhardo ponderou com ironia:

— Mas como é que ainda há alguém que confie na influência do samba para isso ou para aquilo! O samba não arranja nada. Se ele valesse, as cousas estariam correndo muito bem. Ainda o ano passado, Ataulfo Alves fez um que dizia "queremos pão, queremos casa p'ra morar" e o resultado: haja filas. Filas e mais filas e nada de pão nem de casa. Como é então que ele vai convencer os operários a faltar ao serviço? Ora, não vou nessa bola. Vamos sair para outra.

— Pode anunciar — diz Ari Monteiro — que se a música popular tem prestígio assim eu vou resolver a situação com uma canção queremista, mais ou menos assim:

"Para acabar nossa mágua
Nós todos queremos pão
E leite puro e sem água
E açúcar sem cartão."

E' PENA...

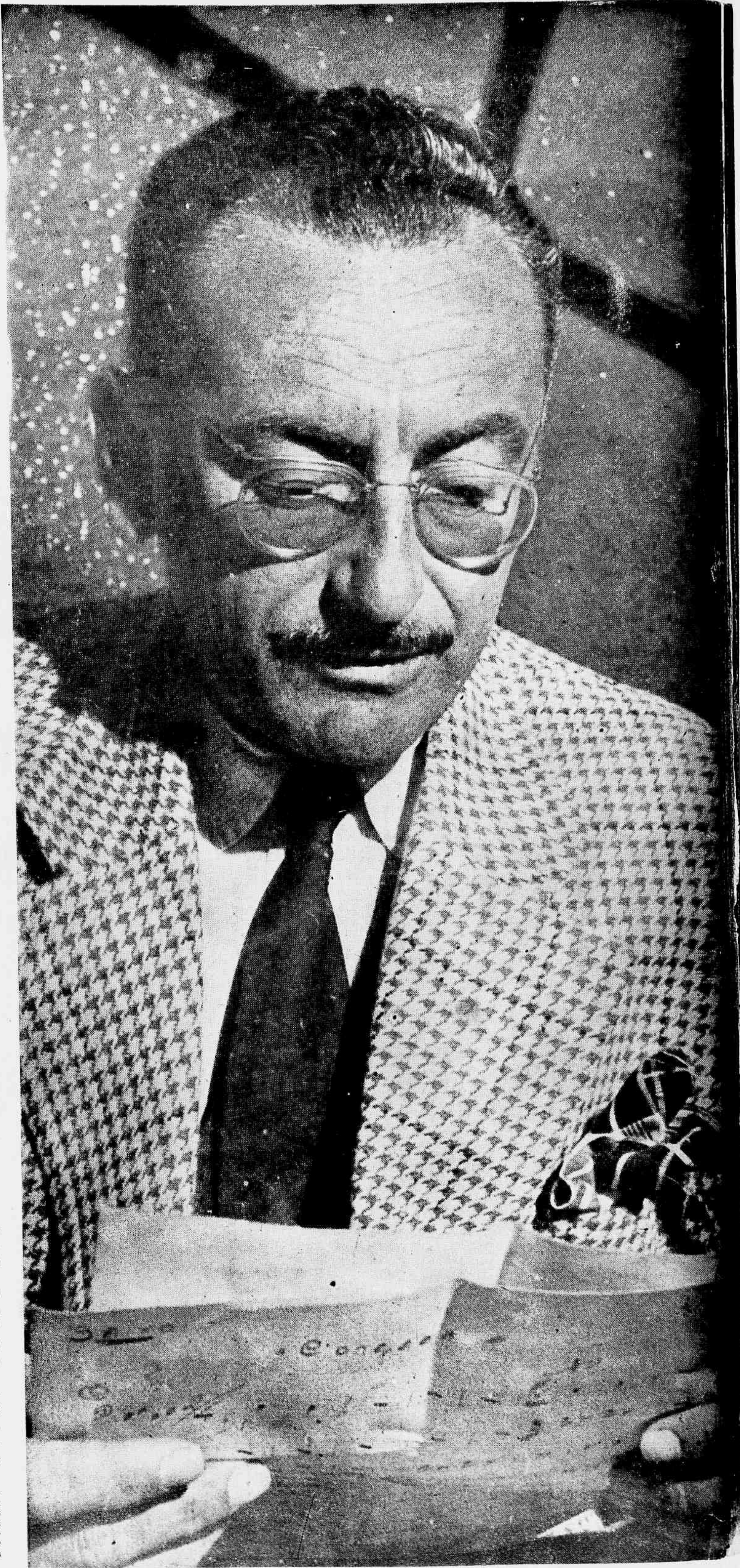
No escritório da casa Irmãos Vitale encontramos o sambista Germano Augusto, "doublé" de compositor e de "chauffeur" profissional. Estava, como René Bittencourt na U.B.C., em frente ao "guichet", esperando boas notícias...

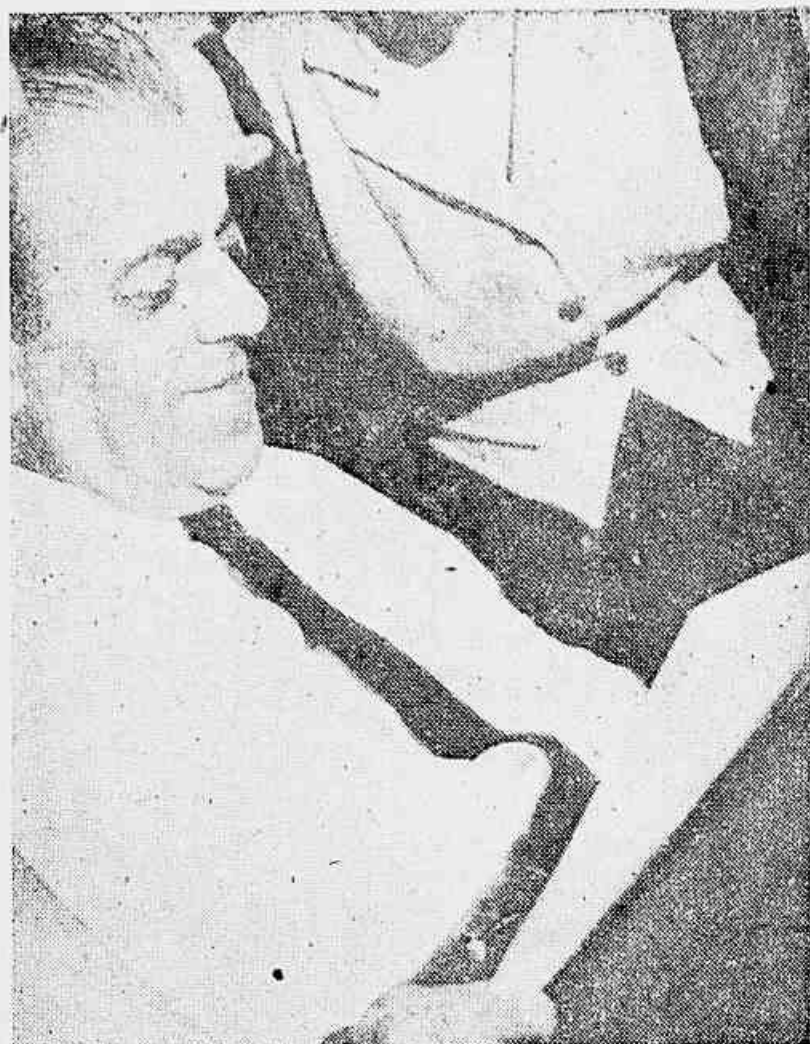
No fundo de um corredor, avistamos um pequeno estúdio para ensaio, onde jaziam esquecidos um piano e um violão. E enquanto isto, o sambista continuava no "guichet", fazendo cálculos e contando notas. Notas de banco, bem entendido.

Quando acabou a trabalhosa harmonização do cálculo da receita em face das contas a pagar, o autor de Comício em Mangueira virou-se para nós com um sorriso. A receita fora boa. Ciente do assunto foi falando com meias palavras:

— Você sabe, a gente não pode se responsabilizar pelas letras de todos os sambas que aparecem. Esse que tem causado tanta discussão, por exemplo, não é de um profissional. Mas o samba é espontâneo e se ele diz

A BARRIGA E' QUEM MANDA NA GENTE — Ary Barroso dita ao repórter a letra do seu último samba, ainda inédito, e que termina com essa frase meio prosaica mas de uma realidade a que ninguém pode fugir. Agora essa pitoresca resposta, o famoso autor do "Taboleiro da baiana" diz que talvez fosse mais acertado soltar o samba e prender o povo do que pretender censurar os textos da música popular.





VERDADEIROS MONUMENTOS — Villa-Lobos diz que a censura é um caso afeto à polícia, mas a verdade é que "de vez em quando aparecem verdadeiros monumentos de samba". Do ponto de vista artístico — acentuou — só um curso de senso estético.

"Trabalhar, eu não, eu não", e o povo gosta, que é que se pode fazer?

INIMIGO DO SAMBA? — E' isto o que muita gente pensa de Villa-Lobos. Mas não se trata de ser inimigo ou apologista. O genial criador do "Rude Poema" coloca nas suas devidas proporções a música como expressão artística elevada, o folclore e a música popular. Na foto abaixo, o grande compositor enquanto examinava passagens de uma das suas Bachianas, em companhia das professoras Arminda Neves d'Almeida e Julieta d'Almeida Strutt.

Gadé, entretanto, é mais incisivo na sua opinião:

— E' pena que só agora tenham se lembrado do samba. No entanto, há muitos, por aí, cujas letras fariam inveja aos discursos desses patriotas.

— E' só isso o que você tem a dizer?

— Só. Prefiro tocar piano a me preocupar com isto.

E sentou-se ao piano, mastigando em seguida os acordes do Prelúdio em dó sustenido menor de Rachmaninoff. Decididamente, além de não querer dizer mais nada, convidava-nos **musicalmente** a sair. Junto ao piano, Osvaldo Ribeiro concordava com ele balançando a cabeça. E só.

A MAIOR TOLICE

— Eu não falo como presidente da S.B.A. C.E.M. Não quero comprometer uma sociedade que foi fundada há poucos dias com declarações que não sei como serão recebidas. Mas, pessoalmente, pouco tenho a dizer: é a maior tolice que já se fez em torno do samba.

E gesticulando com eloquência, acrescentou o presidente da Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores de Música:

— Na minha opinião, o povo é o responsável por isso. Responsável porque gostou da música e começou a divulgá-la por toda

parte. Se a produção nas fábricas está diminuindo por causa da letra, a vítima é também o povo. Então, não há nenhuma providência a tomar. Não se pode culpar o veneno se alguém resolveu tomar formicida. Mas tudo isto, repito, é a maior tolice que já se fez a respeito de música popular.

Enquanto falava, rodeavam-no vários outros compositores que iam chegando, constituindo aos poucos uma autêntica mesa redonda, com Pedro Camargo, Carlos Morel (cantor), Roberto Roberti, Germaño Augusto e Gadé.

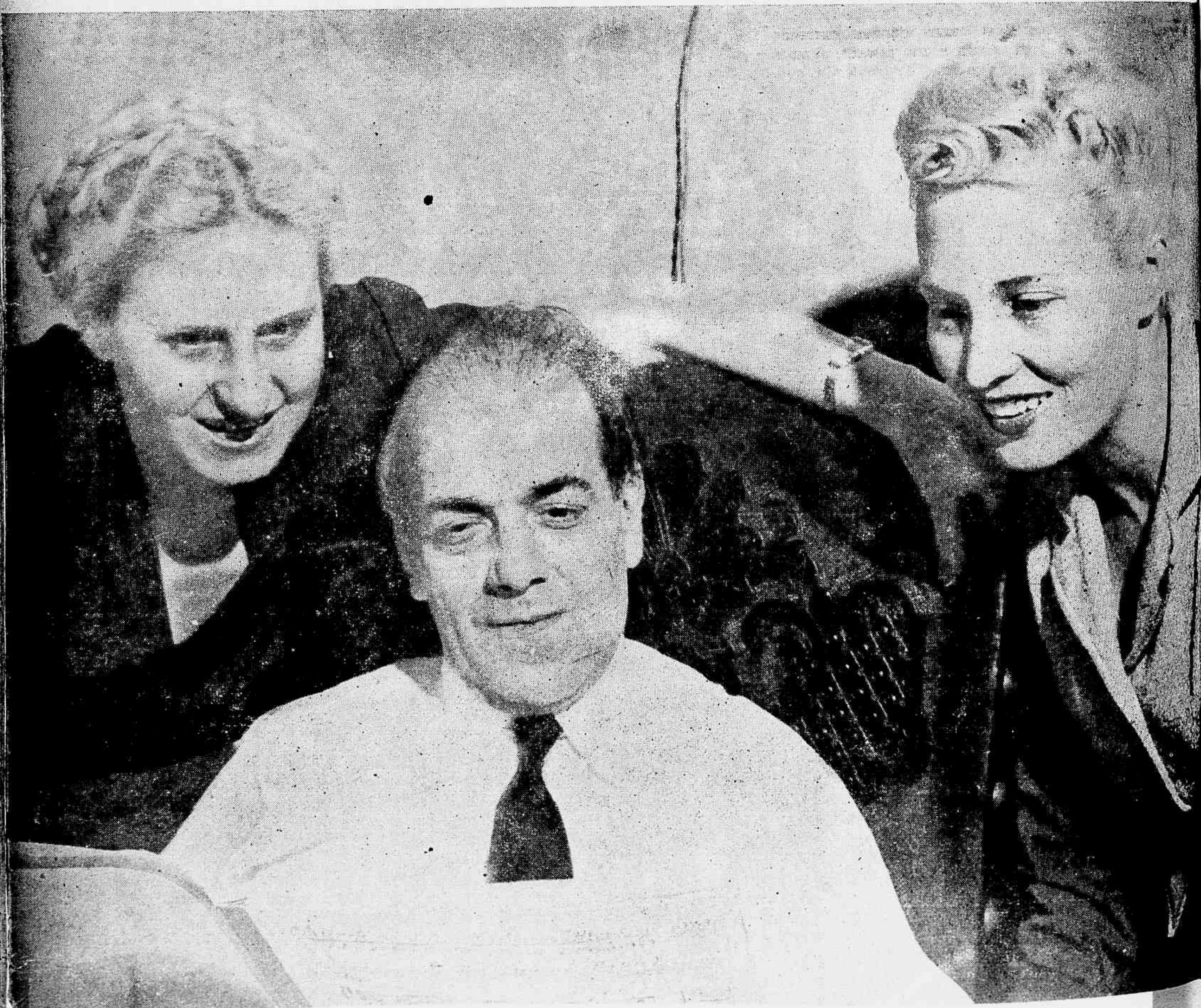
Roberto Roberti é o mais exaltado, lembrando que, de parceria com Arlindo Marins, tem um samba que diz: "Deixa passar o trabalhador".

— Quem não deixar passar — acode Gadé — é... (cortado pela prudência do reporter).

— Além disso, tenho outro samba — prossegue Roberto — que vale mais como incentivo ao trabalho do que toda propaganda que se venha a fazer, porque, acima de tudo, não foi encomendado. Foi espontâneo.

FALA UM VETERANO

Donga é um veterano da música popular. O popular autor de "Meu jardim", porém, é cauteloso, quando toma conhecimento da intenção do reporter.



NAO
mesm

—
fazer

—
está

E

pular

se o

entra

—

carac

e ed

músi

nal.

pula

O m

moni

jardi

milh

ções

Ma

samb

se re

e se

pres

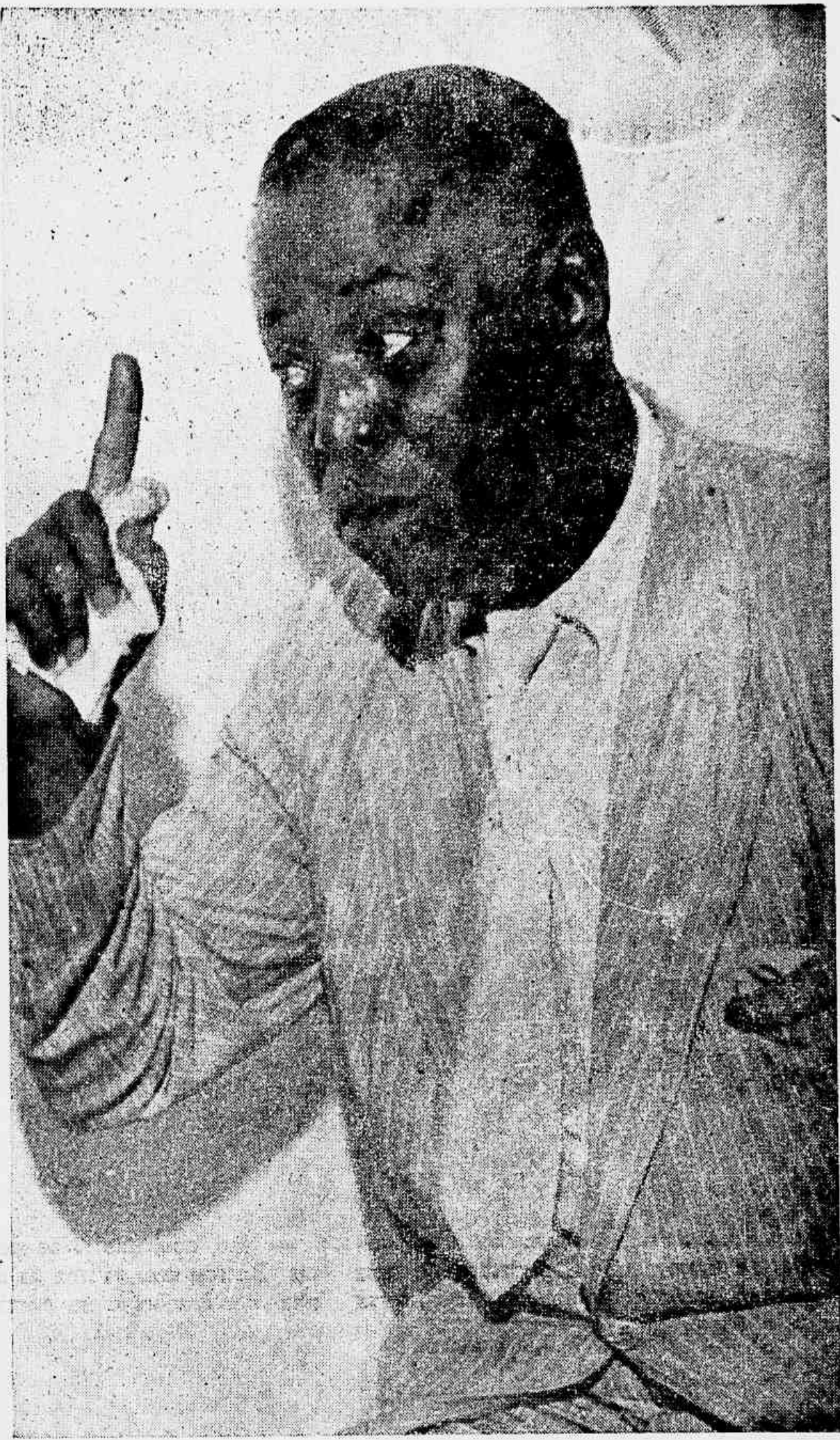
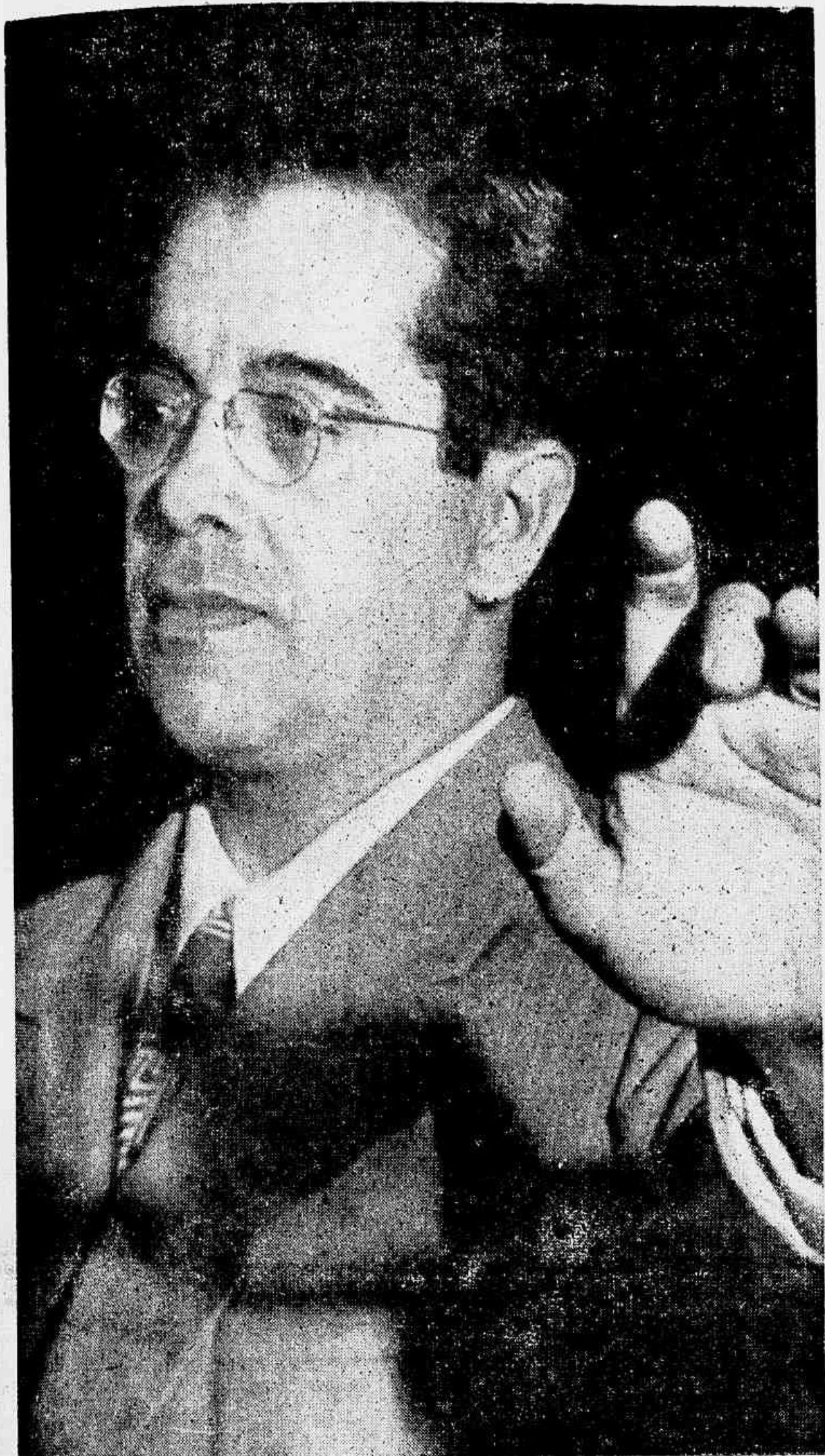
Ca

Rádi

hora

temp

ous



NÃO ACHO GRACA nessas letras de mau gosto, disse Gaó. Eu acho que se devia tomar, mesmo, uma providência para corrigir os abusos. E o popular regente da Rádio Globo mostrou que não é defensor das letras mal feitas, sob o pretexto de que se trata de música popular.

CUIDADO! — Donga, veterano das rodas de samba do Rio, antes de dizer qualquer coisa, recomenda: "Cuidado! Vê lá o que me vai fazer. Eu sou funcionário público..." E o dedo espetado no ar e a preocupação manifestada pelo olhar bem traduziam a preocupação.

— Cuidado com isso. Vê lá o que me vai fazer. Eu sou funcionário público e...

— Mas, Donga, não se trata do que você está pensando.

E aos poucos fomos tranquilizando o popular compositor de "Pelo telefone", que ele se orgulha de ter sido o primeiro samba a entrar nos salões granfinos.

— Bem. Para mim, a música pode ser encarada sob três aspectos: cultural, artístico e educacional. A acusação que pesa sobre a música em questão afeta o aspecto educacional. E a verdade é que mesmo músicas populares têm sido aproveitadas com esse fim. O maestro Villa-Lobos, por exemplo, já harmonizou uma música de minha autoria, "Meu jardim", a qual foi cantada por dezenas de milhares de crianças, numa das comemorações da Independência do Brasil.

Mas se, ao lado disso, aparece um ou outro samba, com uma letra como essa a que você se refere, é porque certamente o povo pensa e sente dessa maneira. O samba é uma expressão do povo.

"NÃO ACHO GRACA..."

Gaó, o aplaudido regente da orquestra da Rádio Globo, também foi ouvido. Quase à hora do ensaio de sua orquestra, mal teve tempo de falar ao reporter, mas disse alguma coisa que vai doer nos calos de muita gente: — Você sabe de uma coisa? Devia-se mes-

mo tomar uma providência contra certas letras. Porque a verdade é que há textos que são de amargar... Esse por exemplo, que levantou a questão, para mim não tem nenhum interesse. Não acho graça em se fazer confissão pública de vagabundagem.

"JOÃO SEM TETO"

Ary Barroso nos deu uma verdadeira entrevista relampago. Mal ia saindo do elevador, na Rádio Tupi, provocamos o assunto e ele não se fez de rogado:

— A resposta eu a tenho aqui. E' a letra de um novo samba que vou publicar no dia 15 de junho vindouro. Faça o favor de copiar. O título é "João sem teto".

"Eu sou o João-com-fome
Que pouco a pouco se consome
Sem ter p'ra quem apelar.
Meu fogão
Há tanto tempo parado
Anda triste, enferrujado
Não presta mais p'ra cozinhar.
Ai, ai...

Eu sou João-sem-teto,
Não tenho curso de arquiteto
Mas construí o meu lar
Debaixo de uma ponte,
Num subúrbio da Central
Até que me despeje
A Polícia Municipal.
Eu sou João-da-fila

Debaixo da chuva não estrila
Debaixo do sol, discute futebol.

Ai, ai, ai...

"Seu" doutor quer ver

Todo mundo no "batente"

Mas não sabe o "seu" doutor

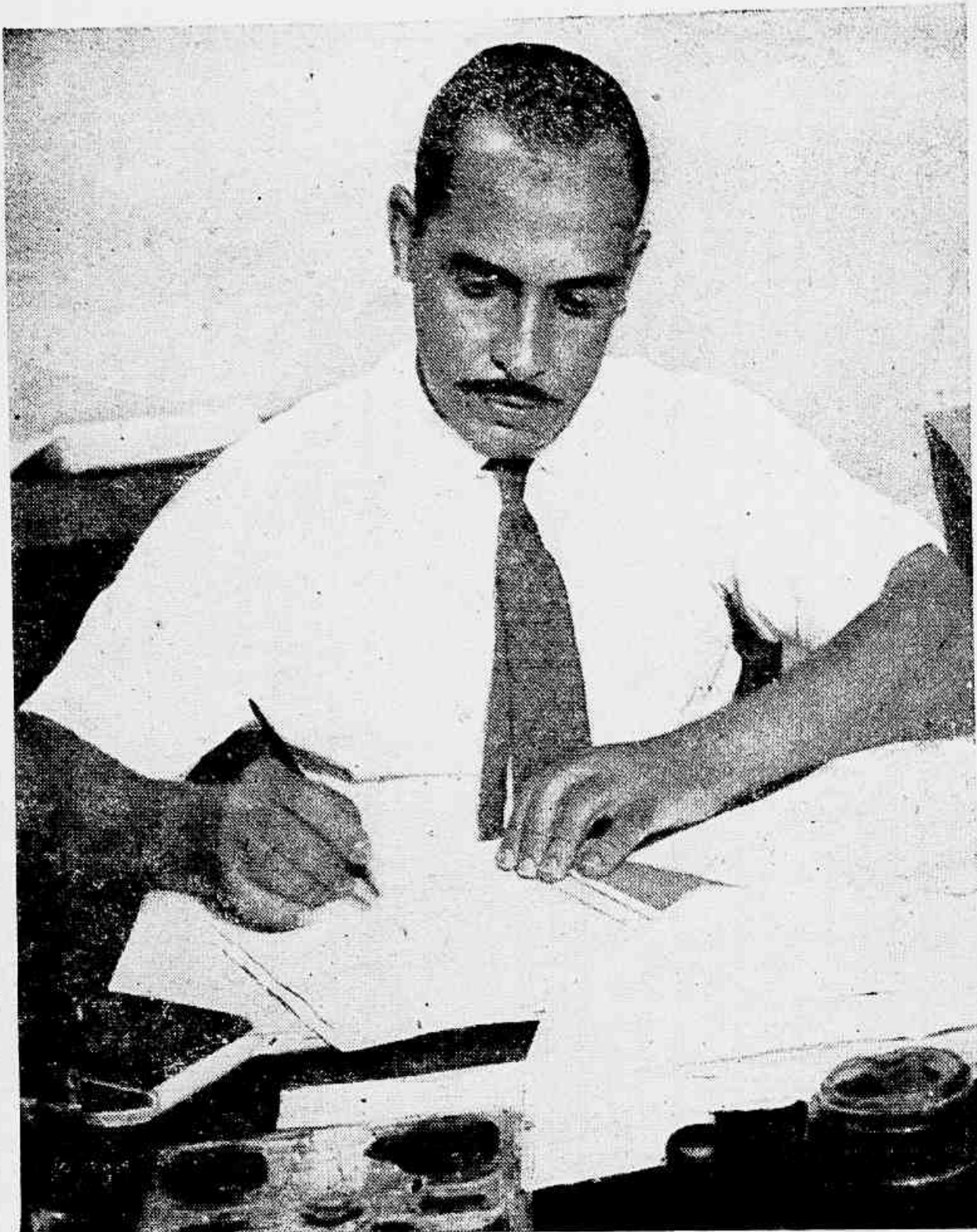
Que a barriga é que manda na gente..."

Além disso, eu queria acrescentar que estão se lembrando do samba muito tarde. E no entanto, pode crêr, ele tem feito muito mais pelo Brasil do que muita gente pensa. O samba é o nosso verdadeiro Ministério das Relações Exteriores, tal a propaganda que ele faz, do nome do Brasil. Se uma determinada letra diz que não se deve trabalhar, é porque o povo não quer trabalhar. O samba diz o que o povo pensa. Enfim, eu acho que em vez de censurar os textos como se quer fazer, devia-se soltar o samba e prender o povo.

— Não é boa a bola? — disse Ary se despedindo.

**DE VEZ EM QUANDO APARECEM
VERDADEIROS MONUMENTOS...**

Diz-se que pelo dedo se conhece o gigante. E é uma verdade. A frase que encima este trecho da reportagem, por exemplo, uma vez pronunciada com a exploração de todos os recursos sonoros que ela apresenta, lembrará ao leitor os generosos e estonteantes conceitos de Villa-Lobos.



COMPOSITOR E ESCRITURARIO — Quando perguntávamos a Valdemar de Abreu (Dunga) se o samba prejudicava o trabalho, ele disse alguma coisa mas a sua resposta foi esta: de deixar-se fotografar na condição de escriturário da U.B.C., sendo ao mesmo tempo compositor de samba. Em todo caso, Dunga diz que há algumas letras à toa mas isso não vem ao caso.



PORQUE CULPAR O SAMBA? — Ao lado do piano em que tocava Gadé, Geraldo, outro compositor cujo sobrenome nos escapou, também deu a sua opinião. Para ele, o samba é um divertimento do povo, uma necessidade do pobre. Por que então culpar o samba pelo fato de algumas pessoas faltarem ao trabalho?

Fomos encontra o maior músico da América Latina examinando a partitura de uma "Bachiana" em companhia das professoras Arminda Neves d'Almeida e Julieta d'Almeida Strutt. E apesar de se tratar de música erudita e sobretudo de música de Villa-Lobos, ele ria como uma criança, tal como faz às vezes, para contrastar com os célebres estouros que o povo está acostumado a ouvir, no estádio do Vasco da Gama, nos 7 de Setembro, e que ele ia reeditando para o reporter quando lhe dissemos a nossa intenção.

O INVERSO DA MEDALHA — Acusaram o samba de contribuir para diminuir o ânimo do trabalhador em face de suas obrigações. Aqui está o inverso da medalha: "Canção do trabalhador", marcha que concita o operário a exaltar o Brasil com os seus braços de ferro.

Aos trabalhadores do Brasil

Canção do Trabalhador

Música e Letras de ART KERNER

Somente a voz do progresso
É do Brasil a esperança!
Os nossos braços de ferro
Dão-lhe grandezas e pujança!

Seja na terra brasileira,
Seja no céu ou no mar,
Sempre estaremos presentes,
Tendo, na Pátria, o altar!

Trabalhador,
Inextinguível, feliz,
Emsempre,
Exalta o Brasil!
Trabalhador!
Expressado, cordado,
Do homem alado,
Da nossa Bandeira!

— Não, não, não! Não dou mais entrevistas. Eu sou uma vítima da imprensa. As minhas declarações saem sempre truncadas, incompletas, mutilando o meu pensamento.

O reporter não insistiu. Não era prudente. Tangenciando o assunto, começamos a falar no Boletim Latino-Americano de Música cujo VI volume, dedicado ao Brasil, está sendo publicado sob a sua orientação, e do interesse despertado pelo assunto fomos criando um clima favorável a nova investida, desta vez com sucesso.

— Não é preciso explicar. Já sei de que se trata.

E Villa-Lobos falou:

— Eu que sou um ouvinte constante de rádio, sobretudo de novelas, não tive até o presente a oportunidade de ouvir o samba a que você se refere. Os que eu tenho ouvido na maioria são de muito pouco interesse mas, de vez em quando, aparecem verdadeiros monumentos de samba, tanto na letra como na linha melódica, instrumentação e interpretação. Lembro-me, por exemplo, de um de Dorival Caymmi assim como (não me lembro dos nomes) os arranjos feitos por Radamés Gnattali na Rádio Nacional, para o programa "Um milhão de melodias", cujo trabalho de realização forçosamente terá de agradar a quem aprecia a música original, acessível e bem acabada.

— Mas, maestro, e quanto ao assunto da nossa reportagem?

— Bem. Esse problema de censura às letras de músicas não é da alçada de um artista. Não quero dar minha opinião a respeito de assunto que é atribuição da polícia. Entretanto, quanto ao bem ou ao mal que a música popular possa fazer à cultura de um povo, tenha a palavra a posteridade. É bem verdade que uma letra sendo divulgada por intermédio de uma canção popular possa ser acessível, forçosamente o assunto dessa mú-

sica ficará vivendo no sub-consciente do povo. Mas se esse povo tem uma visão progressista dos fenômenos da criação popular que não é mais do que um desabafo fisiológico, saberá colocar as cousas nos seus devidos termos. Se há pessoas que interpretam esses fenômenos com segundas intenções, a culpa, creio eu, não será dos ingênuos criadores desses textos rústicos que são inofensivos e realmente trazem para a vida de uma cidade um aspecto pitoresco e de bom humor, no caso, tão próprio dos cariocas, concorrendo para amenizar as agruras da vida de cada um. Do ponto de vista artístico, apenas tenho que lamentar que no Brasil, onde tanto esforço fazemos para a educação do gosto artístico, ainda perdue em muita gente, mesmo com um certo grau de cultura, o conceito de que as manifestações musicais incultas valem como representações da nossa arte musical.

— Mas maestro...

— Eu bem que não queria falar. Agora espere. Haja visto o que acontece com o rádio que na quase totalidade dos seus programas apresenta esse gênero de música como índice de cultura do nosso povo. Isto, sem falar na contribuição dos "speakers" que fazem, por sua conta, a apologia de tudo o que lhes parece digno de elogio. E o resultado é que eles conseguiram estabelecer uma terrível confusão entre os verdadeiros valores e os parasitas da arte.

— E não haverá remédio?

— Só um curso de senso estético, especialmente destinado aos responsáveis pelo nível cultural do rádio.

E enquanto o genial criador das "Cirandas" concluía as suas declarações, sem saber por que, lembrávamo-nos das novelas de rádio. Olhávamos para Villa-Lobos e pensávamos no Sombra...

HOTEL
SÃO PAULO



tro
ba
ba

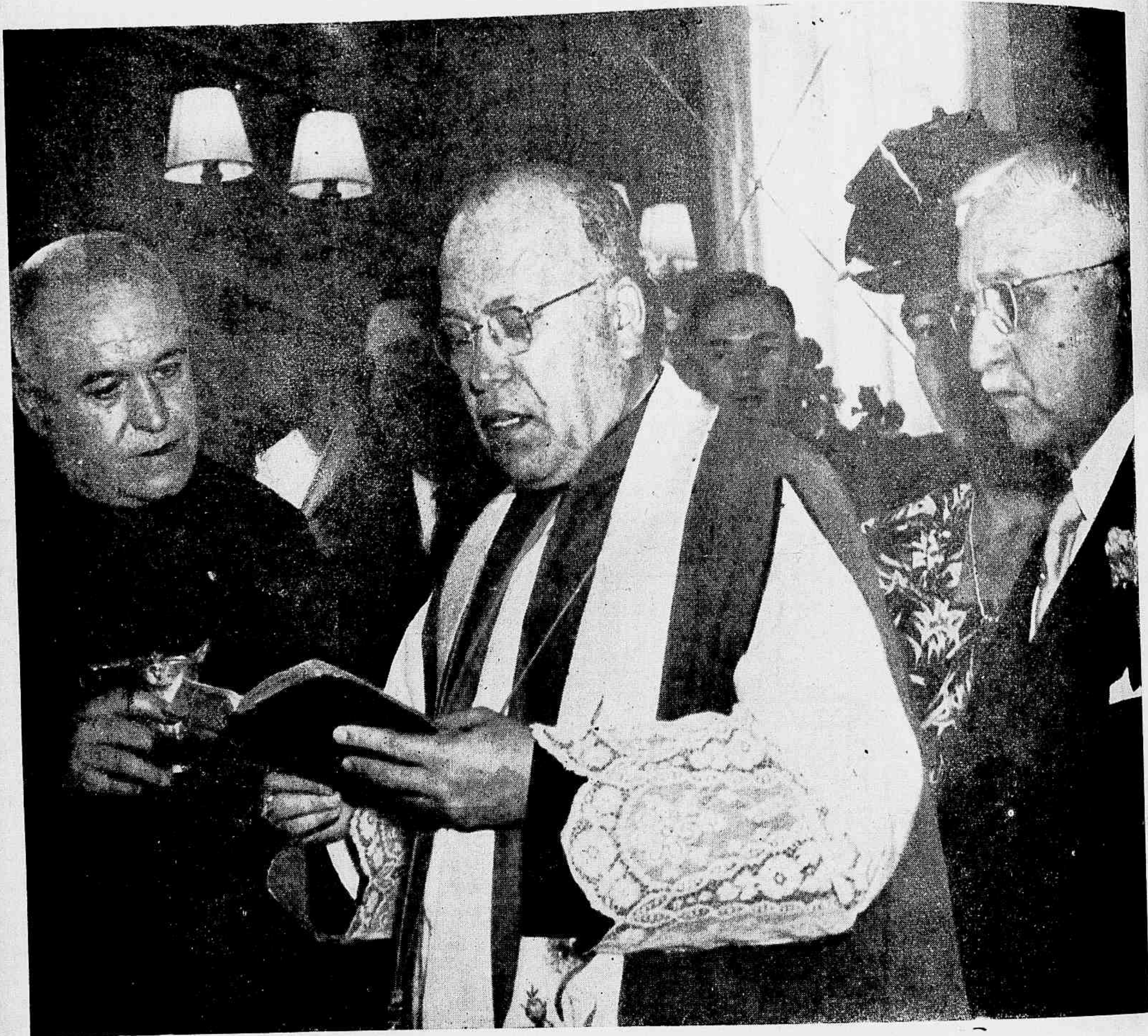
vo.
sta
o é
erá
os.
nô-
eio
ses
cal-
um
aso,
ara
um.
que
orço
ico,
com
que
co-

gora
n o
pro-
omo
sem
e fa-
que
tado
ter-
loru

eclat-
nível

ndar
r por
rádio
razões





O novo Hotel recebendo a benção de D. Carmelo, cardeal arcebispo de S. Paulo

SÃO PAULO pode ufanar-se de possuir agora um dos maiores e mais confortáveis hotéis da América Latina. Inaugurou-se, de fato, na capital bandeirante, a 15 de maio último, o majestoso HOTEL SÃO PAULO, após a cerimônia da benção dada por monsenhor José Maria Monteiro, vigário geral da Arquidiocese, em nome de Sua Eminência o Sr. Cardeal Arcebispo D. Carmelo, tendo comparecido ao ato representantes do Interventor Federal, do Prefeito Municipal e dos Secretários de Estado, e inúmeras pessoas de destaque nos círculos industriais, comer-

ciais, políticos, jornalísticos e sociais de S. Paulo e Rio.

Empreendimento levado a efeito pelo grande industrial e ilustre economista sr. Othon L. Bezerra de Mello, o HOTEL SÃO PAULO, por sua imponência, pela decoração sobria e artística de seus salões e aposentos, pela rara distinção de seu mobiliário, causa magnífica impressão aos que o visitam.

O HOTEL SÃO PAULO está situado na praça das Bandeiras, próximo ao Viaduto do Chá, e conta 202 quartos

e salões, 181 salas de banho privativas, salões de visitas, de leitura, restaurante, bar, distribuídos em 21 pavimentos que são servidos por três elevadores, oferecendo aos seus hóspedes o máximo conforto.

E' dirigido pela Sociedade Novos Hotéis Brasileiros, Ltda., empresa fundada e dirigida pelo sr. Othon L. Bezerra de Mello e especializada na administração de hotéis, para o que dispõe de um corpo de técnicos de renome.

Após a solenidade inaugural foi servida uma taça de

O sr. Luiz Brito Bezerra de Mello fazendo o discurso inaugural

O acad. João Luso discursando na solenidade de inauguração do luxuoso estabelecimento





Aspecto do refeitório, vendo-se o sr. Othon L. Bezerra de Mello, sr. e sra. João Luso e o casal Professor Nelson Romero

Grupo de senhoras da sociedade paulistana presentes á inauguração

champagne, pronunciando o sr. Luiz Brito Bezerra de Mello as seguintes palavras:

"O Hotel São Paulo, que S. Ex. o sr. Interventor acaba de inaugurar e S. Ex. o sr. vigário geral de benzer não foi idealizado visando exclusivamente objetivos econômicos, não foi construído com finalidade comercial apenas.

Representa o Hotel São Paulo também, e principalmente, uma demonstração do grande apreço que meu pai, o sr. Othon L. Bezerra de Mello, sempre tributou á terra onde alguns filhos seus foram educados, uma prova concreta de confiança na inteligência, no espírito de ordem, na sensatez, na capacidade de trabalho, no desenvolvimento do poder econômico do povo paulista, uma homenagem enfim, ao Estado de São Paulo.

As afinidades de meu pai com São Paulo datam de muito tempo.

Visitas repetidas e prolongadas, amizades sólidas e sinceras intercambio constante de vultosos interesses econômicos, tudo prende meu pai á terra paulista.

As sete fábricas textis que ele dirige têm de fato aqui, em São Paulo, seus maiores clientes, e é em São Paulo que algumas dessas fábricas se abastecem de matéria



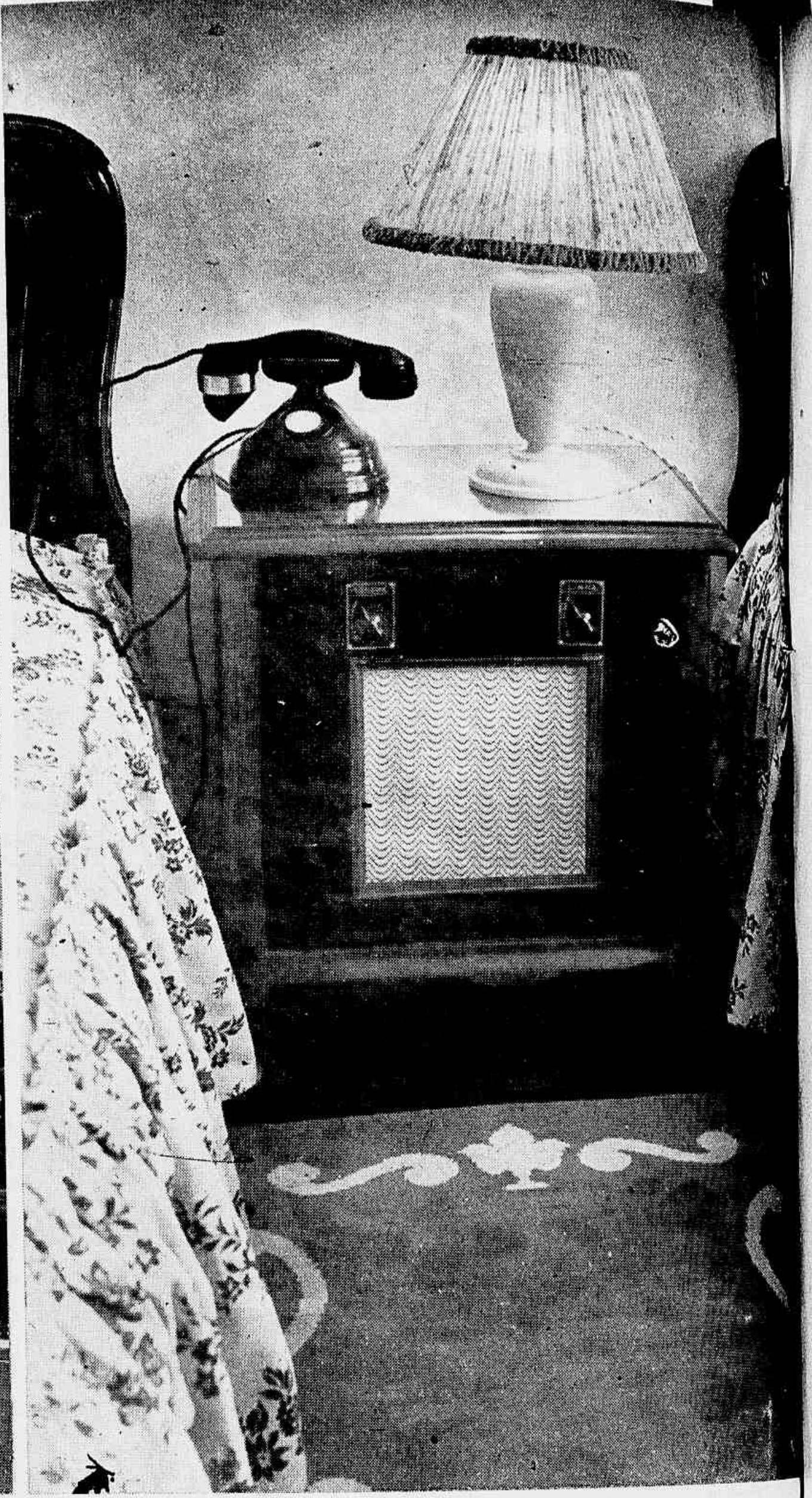
Grupo de convidados

Sras. Othon L. Bezerra de Mello e Magalhães Castro, em palestra





Aspecto do magnifico salão de estar do Hotel



Um d-talhe dos luxuosos apartamentos para casal

14

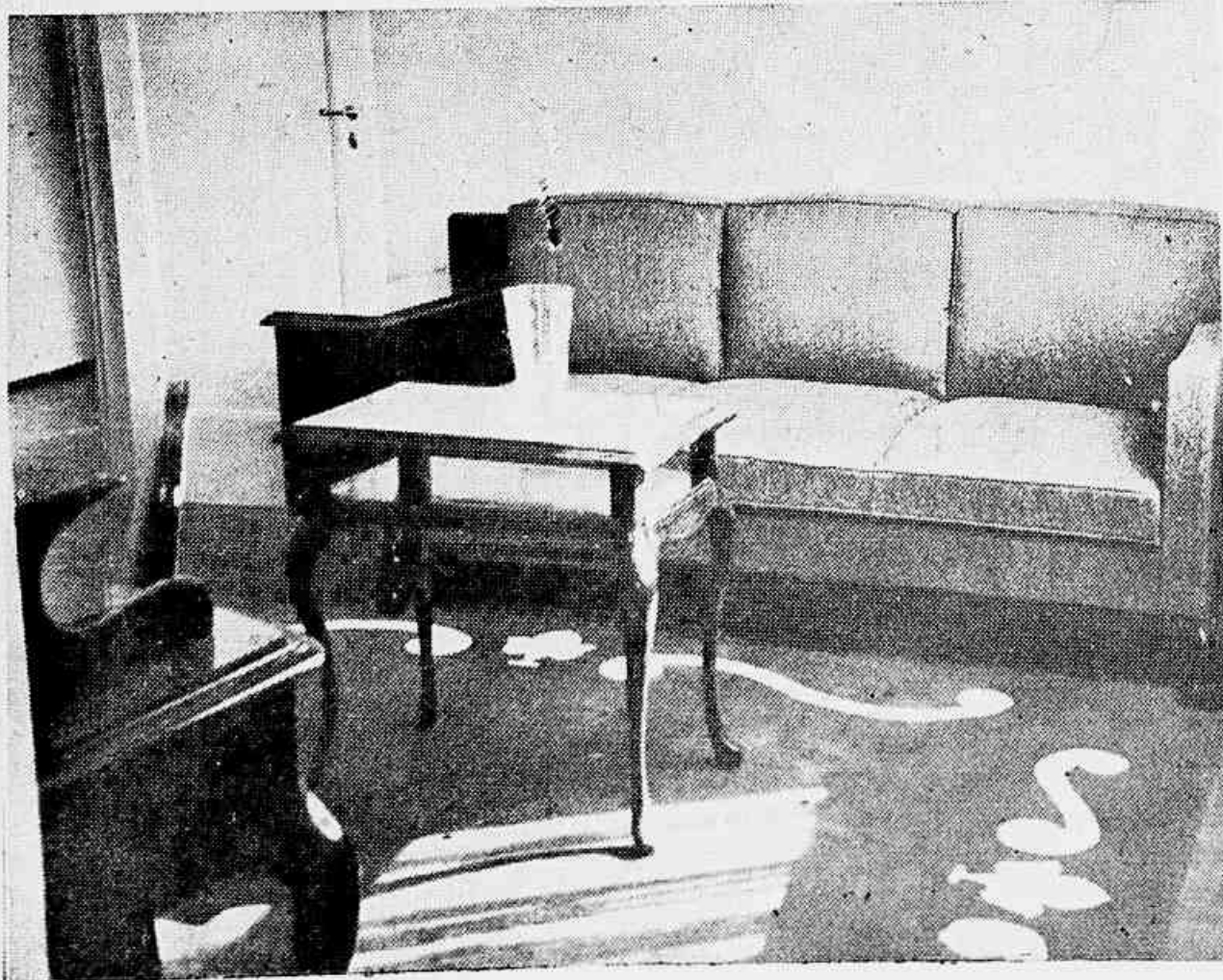
prima, de máquinas, de acessórios, das mil utilidades necessárias á vida de qualquer indústria.

Sugestões foram feitas a meu pai para que construísse

neste local um edificio de apartamentos, ou de escritórios, que decerto daria maior renda líquida e muito menor trabalho.

Preferiu ele, entretanto, edificar este hotel, com todos os percalços que a construção lhe deu e que a exploração lhe dará, uma vez que seu grande desejo era prestar á

Detalhe da sala de estar dos apartamentos para casal



Outro aspecto sugestivo dos apartamentos para casal



coletividade paulista um serviço relevante, qual o de facilitar a vinda de turistas e de homens de negócios a esta grande e bela cidade.

Serviço idêntico prestou meu pai a Recife, Pernambuco, onde construiu, há 20 anos passados, o Recife Hotel, que foi por muito tempo o melhor hotel daquela cidade. E também ao Rio de Janeiro, onde edificou e dirige o Aeroporto Hotel, que, sem o vulto do Hotel São Paulo, tão útil está sendo aos que procuram a Capital da República.

Ao inaugurar-se o Hotel São Paulo, rememorando as dificuldades que teve de vencer — escassez de material e de mão de obra especializada, e o aumento vertiginoso dos preços de custo — dificuldades essas decorrentes do estado de guerra e que elevaram ao triplo o primitivo orçamento, quer meu pai expressar de público seus mais sinceros agradecimentos ao ilustre dr. Arthur Antunes Maciel, digno presidente interino da Caixa Econômica Federal de São Paulo, às autoridades estaduais e municipais, ao proecto engenheiro dr. Dacio de Moraes, que com absoluta probidade e competência construiu este edificio, ao sr. Hermann Carl Boumann, inteligente e dedicado colaborador, cujos inestimáveis serviços, seja fiscalizando a construção, seja decorando e equipando todo o hotel, devem ser salientados, e ainda a todos aqueles que, direta ou indiretamente, o auxiliaram neste grande e tão trabalhoso empreendimento.

Senhor Interventor,

Senhor Vigário Geral do Arcebisado.

Senhor Prefeito de São Paulo.

Senhoras e Senhores.

Meu pai e a Sociedade Novos Hotéis Brasileiros Ltda. agradecem a V. Ex., sr. Interventor, a honra que lhes deu de inaugurar o Hotel São Paulo. A V. Ex. sr. Vigário Geral do Arcebisado, a distinção de dar sua benção a este edificio. E a V. Ex. sr. Prefeito, a todos vós presentes senhoras e senhores, o acolhimento que dispensastes ao seu convite e o grande prazer que lhes proporcionastes assistindo a este ato e compartilhando de sua alegria."

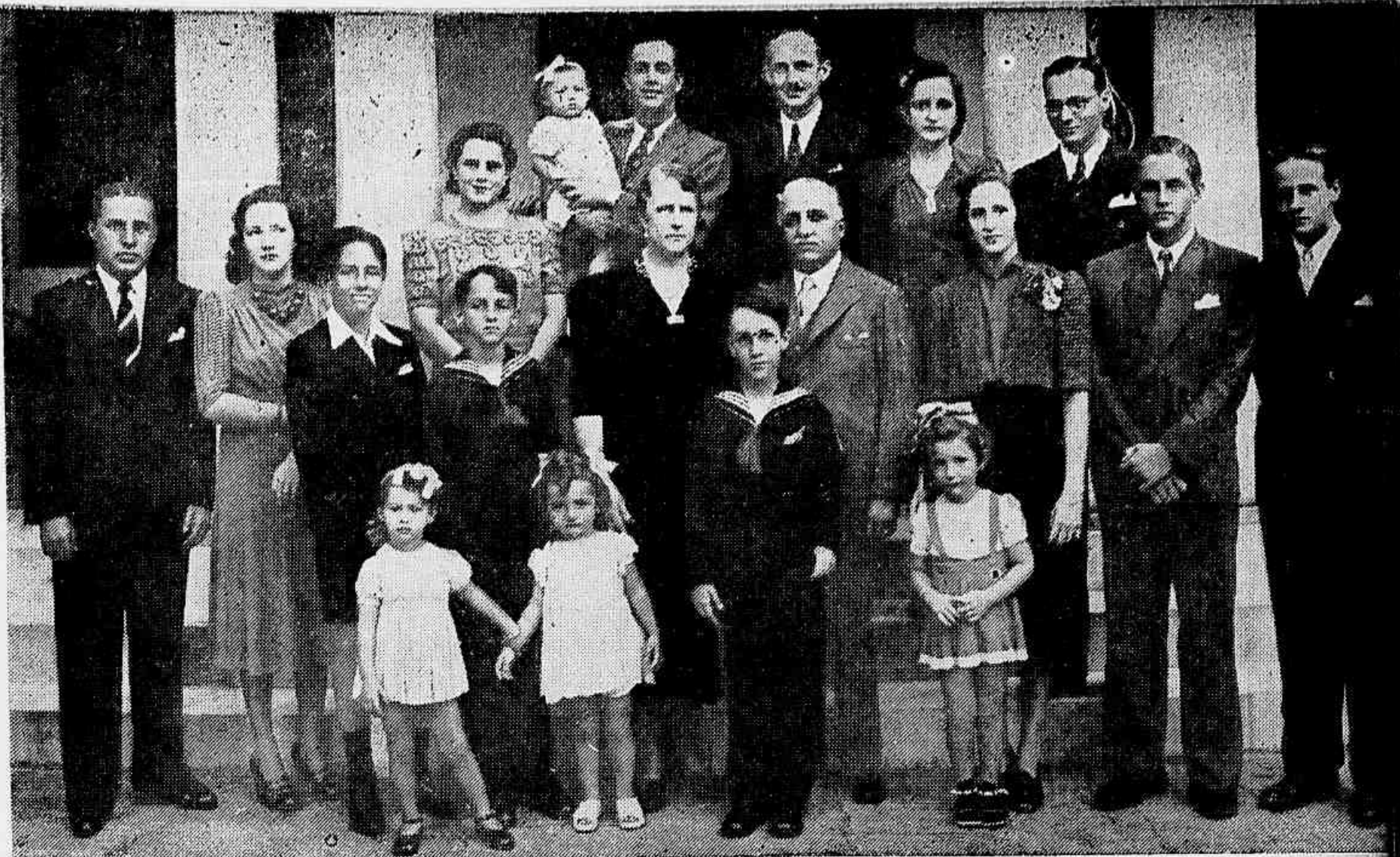
Falaram em seguida o monsenhor José Maria Monteiro, o academico sr. João Luso, o professor Nelson Romero e o jornalista sr. Paulo Amaral Mello, todos enaltecendo o espirito de iniciativa e a capacidade de trabalho do sr. Othon L. Bezerra de Mello.

O embaixador Macedo Soares, interventor federal, e senhora quiseram distinguir o sr. Othon L. Bezerra de Mello e família, oferecendo-lhes no Palacio dos Campos Elísios um almoço em que tomaram parte o prefeito municipal, dr. Abrahão Ribeiro, os secretários de Estado e outras pessoas gradas, entre as quais os academicos Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo e João Luso.

O embaixador Macedo Soares saudou o homenageado que agradeceu, falando em seguida o senador Novais Filho, de Pernambuco, que em belo discurso fez ressaltar as virtudes, a grande capacidade de trabalho e o espirito empreendedor do sr. Othon L. Bezerra de Mello, cujas atividades, frisou, se estendem aos Estados de Pernambuco, Alagoas, Estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Distrito Federal, e terminou brindando a acolhedora terra paulista na pessoa de S. Excia o sr. Interventor.

As fotografias que ilustram estas páginas, colhidas especialmente por nossa reportagem, dão aos nossos leitores uma idéa aproximada da grandiosidade do HOTEL SÃO PAULO, vendo-se na página inicial uma perspectiva do majestoso edificio, e nas páginas seguintes aspectos interiores e flagrantes das diversas fases da inauguração, e ainda fotografias da familia do sr. Othon L. Bezerra de Mello.

A inauguração do HOTEL SÃO PAULO constituiu, sem dúvida, um acontecimento de relevo na vida da capital paulista.



Fotografia tirada em 1940, vendo-se o sr. Othon L. Bezerra de Mello e familia



Sr. Othon L. Bezerra de Mello rodeado por alguns membros da sua numerosa familia, em 1945



O casal Othon L. Bezerra de Mello e seus netinhos, fotografia tirada em 1945

A SEMANA EM REVISTA

VAMOS PASSEAR NA AVENIDA?



A localização dos "auto-lotação" nas duas praças vizinhas da Avenida Rio Branco — a Mauá e a Paiz — impedindo a passagem desses coletivos pela nossa principal via-pública, recebeu protestos de ambas as classes interessadas: os motoristas e o público. Os primeiros, porque deixam de atender com a mesma eficiência a sua clientela, e os segundos muito mais, porque terão de fazer um giro cada vez mais difícil, através da Avenida, para cima ou para baixo até alcançar o ponto obrigatório pela Inspetoria, para os lotações.

Ora, senhores, ainda se qualquer dessas medidas lograsse efeitos positivos, isto é, se a Avenida ficasse realmente melhor de percorrer, descongestionada de veículos, vá lá. Mas quanto mais se retiram coletivos desse perímetro urbano, mais a Avenida fica intransitável, a pé ou de carro. Não sabemos de onde surgem tantos carros, sabendo-se que não foi normalizada a importação de novos automóveis, e que os ônibus são os mesmos, senão menos, de antes da guerra. Aumenta a população, desde que

temos novamente uma parte em trânsito, com a normalização das viagens interestaduais e mesmo para o estrangeiro. Medidas eficientes, não aparecem. E pensar que esse magno problema poderá ser solucionado com os paliativos iguais a esse verificado esta semana, da proibição dos lotações pela Avenida, seria insólito se não fosse ainda mais dramático. A vida do pobre está ficando dia a dia mais difícil, todos o sabem mas nunca é demais repetir. Não é pela volúpia de dispendir cinco cruzeiros que o carioca procura um lotação — é porque se cansou o dia inteiro com o seu trabalho exaustivo e porque teve de suportar algumas filas. E' porque os ônibus passam — quando passam — super-lotados, só não conduzindo passageiros nos balaústres, porque não há balaústres nos ônibus. E os bondes? Esses, só por milagre deixam de registrar, cada dia, algumas dezenas de acidentes fatais. O carioca está cansado do trapezio da vida e da ginástica para obter condução de casa para o serviço e vice-versa. Dificultar-lhe a aquisição do coletivo para voltar aos penates depois de dez ou doze horas de labor, obrigá-lo a palmilhar a Avenida ou dispendir mais alguns centavos no ônibus numero um, cada vez mais escasso, ou no "coca-cola", também tomado de assalto, entre pisadelas e sopapos, é ignorar a realidade desse panorama da capital do maior país sul-americano.

E' PROIBIDO NAMORAR!



Não é de hoje, mas desde a fundação do mundo, que o fruto proibido se converte no mais cobiçado. Quem pretender que alguém deixe de fazer uma determinada coisa, não tente, nem por sembras, uma proibição nesse sentido. O segredo dos governos democraticos está justamente em não proibir, dando a ilusão da inexistência do menor perigo. Há em Nova York, no Central Park, uma tribuna permanente, onde se reúnem a qualquer hora do dia, aqueles que pretendem reclamar, seja contra o que for. Juntam-se os grupos, discutem acaloradamente, protestam contra princípios políticos, religiosos ou sociais, e voltam os reclamantes para casa, depois de tomar um "drink" no primeiro "drug-store". As autoridades não tomam conhecimento do fato e os jornais nem sequer abrem um pé de coluna para registrá-lo.

Fuma-se nos cinemas, só porque ali existe um letreiro proibitivo. O mesmo nos três primeiros bancos dos bondes. E talvez — quem sabe? — depois da proibição do jogo, existam por aí, muito bem disfarçados, pontos de reunião de jogadores viciados e ávidos de contrariar a lei...

Só não havia aparecido ainda quem se lembrasse de proibir... o namoro.

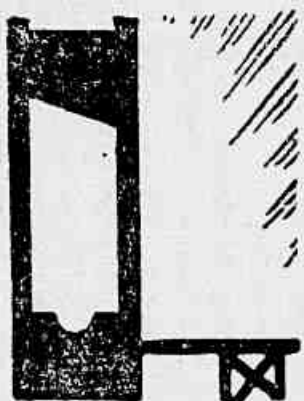
Sim, o namoro, esse divertimento que é a inocência em pessoa, tão agradável para o homem conquistador inveterado, quanto para a mocinha que não encontrou ainda o seu primeiro e grande amor. Namorar é fazer um "test" para o casamento, e obrigar alguém a contrair matrimônio sem esse período experimental, é levá-lo mais certamente à infelicidade conjugal, num país onde o divórcio não existirá tão cedo.

Pois os jornais surpreenderam-nos, esta semana, com a notícia: Foi proibido o namoro. Ninguém poderá "flirtar", mesmo acidentalmente. E onde surgiu essa proibição? Ora, onde havia de ser! No Brasil, numa cidade do interior de S. Paulo.

Se a moda pega e a proibição se estender até o Rio, tudo faz prever uma revolução. Namorados dispostos a se revoltarem, podem levar o país à desgraça, porque os prejudicados são agora de ambos os sexos, e não sabemos até onde irá o desespero feminino. Contrariar um homem, proibindo-o de fumar no cinema, ainda se admite, porque o homem vai fumar lá fora, se aparecer o "vagalume" com a lanterninha em punho. Mas impedir que as filhas de Eva se entreguem ao seu esporte favorito... Que perigo!

Ainda está em tempo daquelas autoridades recuarem na sua proibição exorbitante. Ou então, em ultima instancia, a natalidade vai decrescer, num país que está reclamando aumento de população, senhores!

A GUILHOTINA E O "BARBA AZUL"



A execução do doutor Marcel Petiot, em Paris, na madrugada de sábado ultimo, passou despercebida entre o noticiário palpitante dos tiroteios da ante-vespera aqui no Rio. Com o espirito voltado para as ocorrências locais, não sobrou ao carioca muito vagar para tomar conhecimento da execução feita na prisão de La Santé, quando o chamado "barba azul" francês pagou pelo seu crime, ou melhor, pelos seus vinte e sete crimes declarados e reconhecidos, além de outros que ficaram nas brumas da incerteza. E no entanto, o caso do doutor Marcel Petiot não deixa de possuir esse toque romanesco tão habitual nos casos judiciais parisienses, sem que-remos compará-lo nem por longe ao famoso processo Dreyfus. Mas enfim, ainda houve quem tentasse absolvê-lo, sob a atenuante de terem sido todas as suas vítimas, ou agentes da Gestapo ou figuras de relêvo do colaboracionismo francês, durante o tempo da ocupação germanica. Compareceram ao tribunal os parentes dos mais eficientes "maquis", acusando o famoso "barba azul" e pedindo justiça pela morte de seus entes queridos, enquanto o advogado René Floriot insistia, em altos brados, que o seu constituinte seria vítima de um terrível erro judiciário.

"que algum dia ainda há de ser reparado, quando Petiot já não for vivo". No Brasil, nós sabemos como seria solucionado esse caso. A pena de morte ficaria de lado, e talvez que o bandido Marcel Petiot acabasse devolvido à liberdade, com uma folha de serviço limpa e imaculada no "cartão" social, capaz de processar por crime de injúria a quem, algum dia, lhe recordasse um unico, sequer, dos seus vinte e sete crimes. Na França as coisas passam-se de maneira muito outra, e a justiça não falha, mesmo sob a ameaça de erros judiciários. Se os crimes desse monstro ficaram comprovados não importa a análise da origem dos mesmos, e ninguém dá crédito à atenuante imaginada pelos seus defensores, de os ter perpetrado por patriotismo. Onde o patriotismo de um assassino a frio, onde o sentido espiritual do homem que elimina o seu semelhante sem motivos fundamentados, antes a serviço do inimigo comum, mesmo quando este sejam os seus próprios instintos selvagens?

Na França os criminosos são criminosos para todos os efeitos e pagam com a vida os seus crimes. Não foi para outra coisa que se levantou a guilhotina justiceira na prisão de La Santé. Aqui de longe, nós lamentamos a inexistência de um aparelho igual para o ajuste de contas de meia-duzia (meia duzia só?) de ilustres cavalheiros que deixaram o povo nas filas, suplicando pão — e não o conseguindo...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 22 :: 1-6-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00
ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Vendedores: Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-2622 — Gerência: 22-2530 — Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570 — Fotografia: 22-1013 — Portaria: 22-5002
Corresp. de Bahia: — J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 209 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são da responsabilidade dos autores
ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

NESTE NUMERO

N.º 22
1-6-46

REPORTAGENS

Samba e Trabalho (Adhemar Nobrega)	4/10
Atualidades Mundiais	20/21
A nossa vida é um bailado (Celius Aulicus) ..	24/31

LITERATURA

O agradável delito (Celestino Silveira)	3
Carta a Edite (Meredith Anderson)	19
O velho (Helcius de Oliveira)	23
O segredo de Lady Jane (Philips Oppenheim) ..	32
Expansão americana de arte francesa (Esgragnolle Doria)	36

SECÇÕES

A Semana em Revista	16
Coisas do Brasil	18
Nos Bastidores Femininos	33
Figuras e Fatos	37
Teatro	40
Artes Plásticas	41
Musica (Roberto Lyra Filho)	11

FEMININAS

Nos dias quentes de inverno	34/35
Peles	39
Modelos Práticos	42
Para gente meuda	43

HUMORISMO

De Bom Humor	22
"Charge" de Raul	56

CURIOSIDADES

Um pintor espanhol anti-fascista	38
Bibi em "Conchita"	47/49

NOVELA

"A Vidente" (Amaral Gurgel)	57/58
-----------------------------------	-------

NA CAPA

MARTHA VICKERS, da Warner

OS CONCURSOS LITERARIOS DA "REVISTA"

ENCERRADO O 4.º CONCURSO DE CONTOS

Terminou ontem, 31 de maio, o prazo para recebimento dos originais destinados ao 4.º Concurso de Contos, instituído por esta revista. Daremos no próximo número a relação dos doze originais premiados, cuja publicação será feita nestas páginas, em nossos números seguintes, cabendo ao autor de cada um, o prêmio de cem cruzeiros.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade



nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

PO DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS

Está se realizando a seleção das peças de teatro, relativas ao nosso concurso teatral, cujo prêmio, denominado "Prêmio Apolonia Pinto", constará de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para o autor da peça colocada em primeiro lugar, quantia oferecida pelo Clube Ginástico Português. Esses originais estão sendo agora distribuídos pelos outros membros da comissão julgadora — Bandeira Duarte pela Associação de Criticos Teatrais, Joraci Camargo pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, e Floriano Faissal pela Casa dos Artistas — depois de examinados pelo representante do Clube Ginástico Português, sr. Daniel Rocha. Tendo sido recebidos mais de uma centena de originais, compreende-se a demora no julgamento final, que divulgaremos tão depressa os membros da comissão tenham concluído suas tarefas.

CONCURSO DE ROMANCES

Tambem estão sendo examinados os originais de romances recebidos para o "Prêmio Revista da Semana", julgamento do qual, uma vez concluído, divulgaremos o resultado.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

Joalheria

LUIZ R. RICART

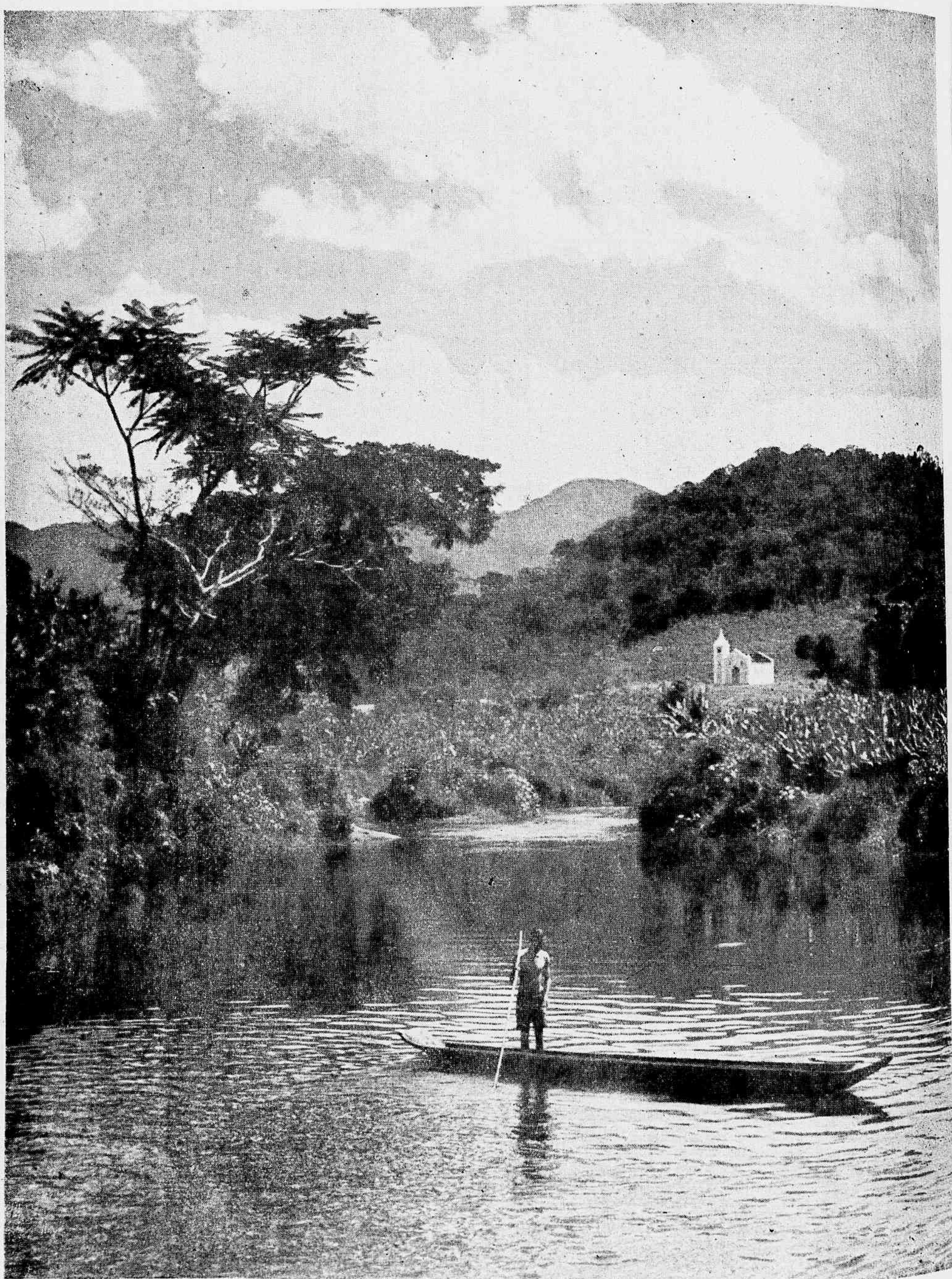
EL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

R. CARIOCA N.º 28

COISAS DO BRASIL

As águas são extensas e caudalosas. As montanhas, intermináveis cordilheiras. As árvores, multiplicadas pelas terras a perder de vista. O céu, imenso e coberto de nuvens cuja sombra se reflete no verde das matas, emprestando-lhe tonalidades distintas — e o homem, minúsculo aparentemente, é um forte dentro desse cenário grandioso. A fotografia que ilustra esta página foi obtida pelo nosso leitor Luiz Francisco Lima, no litoral sul-paulista, e reflete uma paisagem do Rio Itariri. Foi o próprio autor desse bonito flagrante de Brasil que nos ofereceu a legenda mais feliz para o seu trabalho: "A grandiosidade da Natureza e a simplicidade de Cristo". Pequenino e humilde, o templo muito branco onde se reúnem os sertanejos quando ali vai ter o padre também sertanejo. Imensa e esmagadora nas suas pompas, a Natureza inteira, que é a própria obra de Cristo.



UMA brisa fresca brincava com as cortinas de filó, agitando-as levemente. O mesmo vento vinha despentear-lhe os cabelos, mas ele não dava importância a isso, porque estava escrevendo. Não tinha um aspecto severo de quem está concentrado em estudo. Pelo contrário, um sorriso um pouco melancólico bailava-lhe nos lábios, enquanto ele deixava acorrer a pena sobre o papel de cartas.

"Edite:

Hoje à noite não pude dizer adeus. Há vinte anos que a amo, Edite. E amanhã você estará casada. Entretanto, hoje, ao despedir-me, não encontrei as palavras que desejava para dizer tudo o que sinto neste momento. Vai esta carta, escrita agora, na silenciosa tranquilidade do meu quarto, contando tudo aquilo que eu nunca tive a coragem de transmitir... Desde crianças nós nos conhecemos. Quando minha camaradagem com você foi lentamente se transformando num sentimento mais profundo e mais apaixonado, eu não encontrei palavras e topei com o inevitável constrangimento imposto pela própria intimidade. Continuei com esforço a desempenhar o mesmo papel de amigo, colega e "menino levado" que puxava suas tranças no colégio e botava a língua de fora para você... Lembra-se? Mas toda aquela jovialidade tinha qualquer coisa de forçado. Eu sei que você sentiu isso mas estou certo de que não compreendeu o motivo.

Eu fazia tudo para perder esse sentimento por você chegava mesmo a falar mal de você por toda a parte, dizer que você era feia e desengraçada. Mas nem a mim mesmo as minhas palavras convenciam...

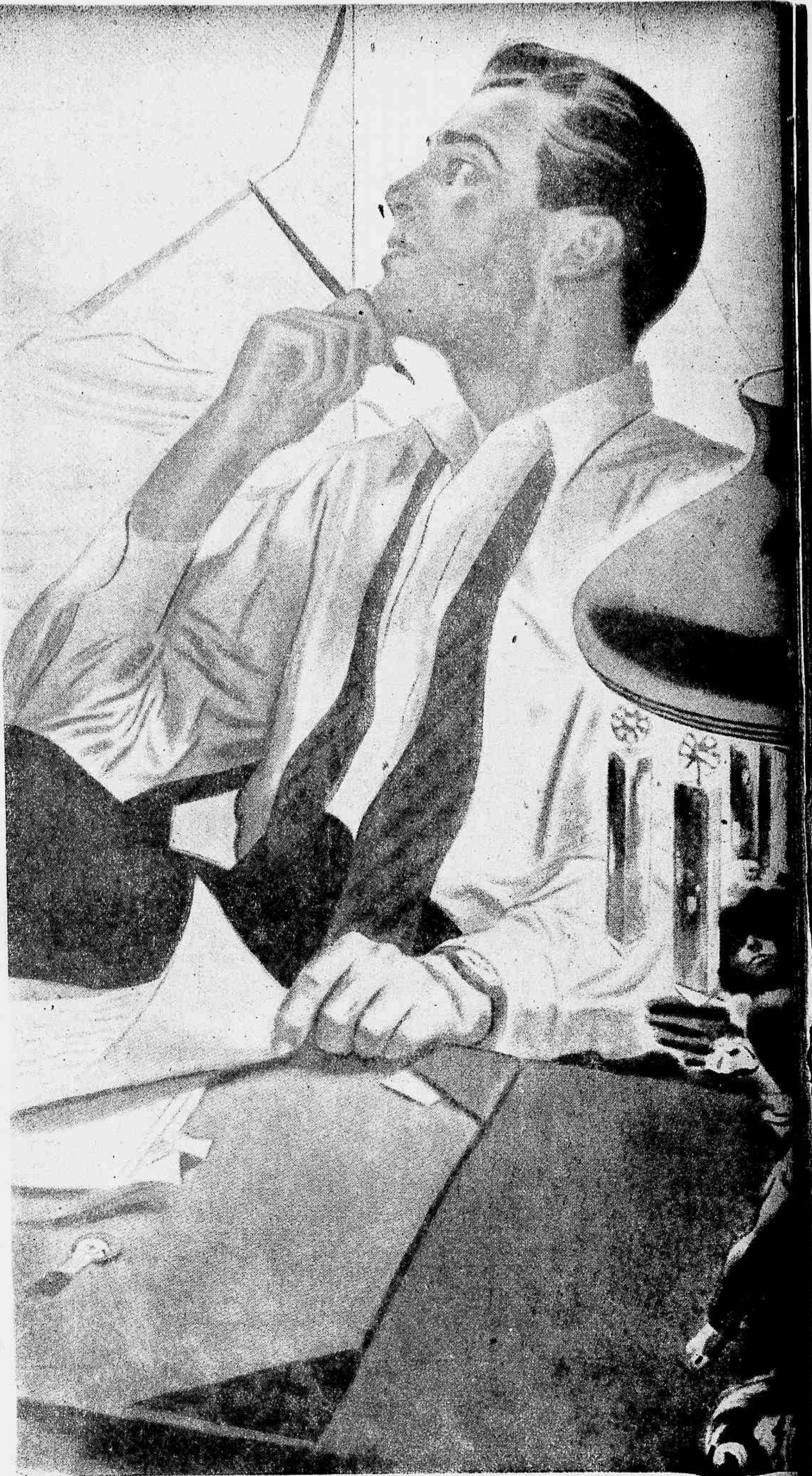
Foram passando os meses. Eu fui para a Faculdade. De lá, com saudades de você, sem coragem de escrever eu lembrava aqueles tempos alegres, quando íamos para a escola, de manhã, você caminhando ao meu lado e eu "contando vantagem", exagerando as minhas modestas proezas de colegial traquinas.

Lembro-me perfeitamente de quando chegou a notícia de que vinha morar na nossa cidade, na casa ao lado, um casal com filhos... Filhos, para mim, significava rapazes. Eu nunca esperei uma menina, que não poderia certamente ser uma companheira de jogos. Você foi a maior decepção da minha vida. Quando vi sua irmã, franzina e delicada, torci o nariz. Você também era assim, mas, depois de certo tempo, verifiquei que poderia acompanhar-me nas brincadeiras porque corria mais do que qualquer menina, trepava nas árvores com uma agilidade de moleque, e não tinha medo de correr pelo mato. Se caía, não chorava — fazia como eu, apertava os lábios, "querendo mamãe", e não dizia nada.

Lembro-me que, depois de instalada, sua família, mamãe disse a papai que deveríamos visitar os novos vizinhos. Eu não estava com muita vontade de ir, mas acabei sendo forçado por mamãe a acompanhá-la porque papai estava ocupado e não podia... a muito descofiado, metido num terno azul marinho que era usado somente para as ocasiões solenes.

CARTA A EDITE

CONTO DE
MEREDITH ANDERSON



Lá em sua casa, você foi apresentada a mim. Saimos para brincar juntos. Duas horas mais tarde, eu estava com o terno completamente sujo, você tinha uma mancha no vestido, mas ambos estávamos felizes. Mais tarde eu fiquei de castigo pela travessura e acho que você também: entretanto estava feito o pacto — haveríamos de seguir juntos daquele dia em diante.

Mamãe gostava muito de você mas me dizia sempre — nunca me esqueci — "aquela menina até parece homem, de tão ativa". Sua irmã era o ideal de minha mãe: calada, quieta, trabalhadora. Mas minha companheira era você: brusca, desageitada, inteligente e "quasi um menino".

Nunca mais me esqueci do dia em que quase a afoguei. Você tinha dito que sabia nadar e eu quis dar um caldo em você, mas você quase morreu. Lembro-me que, depois de alguns minutos, vendo que você não surgia na superfície, mergulhei e trouxe-a, segurando pelo cabelos. Você vinha pálida, respirando com dificuldade, mas ainda teve coragem para me dizer:

— Não foi nada. Eu devia ter dito que não nadava.

Tive muito medo. Pensei que você ia ficar doente e eu naturalmente me responsabilizaria por aquilo. Já me via preso e proces-

(Continua no próximo número)



MAHATMA GANDHI EM AÇÃO — Quando se poderia pensar que a participação política de Gandhi na Índia, em razão de sua idade avançada e de sua aparente debilidade física, tivesse terminado, eis que aparece ativo e eficiente como sempre. Na gravura, Gandhi e Lord Pethrick-Lawrence, Secretário de Estado para a Índia, após uma prolongada conferência.

MULHERES DA ÍNDIA NA POLÍTICA — Mrs. Manmohini Salgal (à esquerda), e Mrs. B. C. Dutt do Conselho Nacional Feminino da Índia, por ocasião de seu encontro com o representante do Gabinete Francês para a Índia, depois do qual obtiveram uma entrevista com o Vice-Rei, para discutir assuntos de revelante importância com relação ao problema feminino indiano.

A INDEPENDÊNCIA DA TRANSJORDÂNIA — O titular do Foreign Office, Ernest Bevin, e o primeiro da Transjordânia, quando assinavam o tratado da independência completa do seu país, na secretaria dos Negócios Estrangeiros, em Londres. Foi esse um acontecimento político de magna importância, e que apaziguou os próprios adeptos mais entusiastas da revolta.



ATUALIDADES MUNDIAIS

Grandes e decisivas modificações veio a guerra implantar em todo o mundo e também na Índia. Até mesmo a mulher indiana evoluiu nos seus direitos, embora também nas suas obrigações para com a Pátria. Agora mesmo, quando o Mahatma Gandhi vem de manter amistosa aproximação com o Vice-Rei e o problema da independência da Índia caminha para um rumo claro e decisivo, também vemos representantes femininas indianas recebidas pelas autoridades britânicas, com as quais discutem problemas gerais.

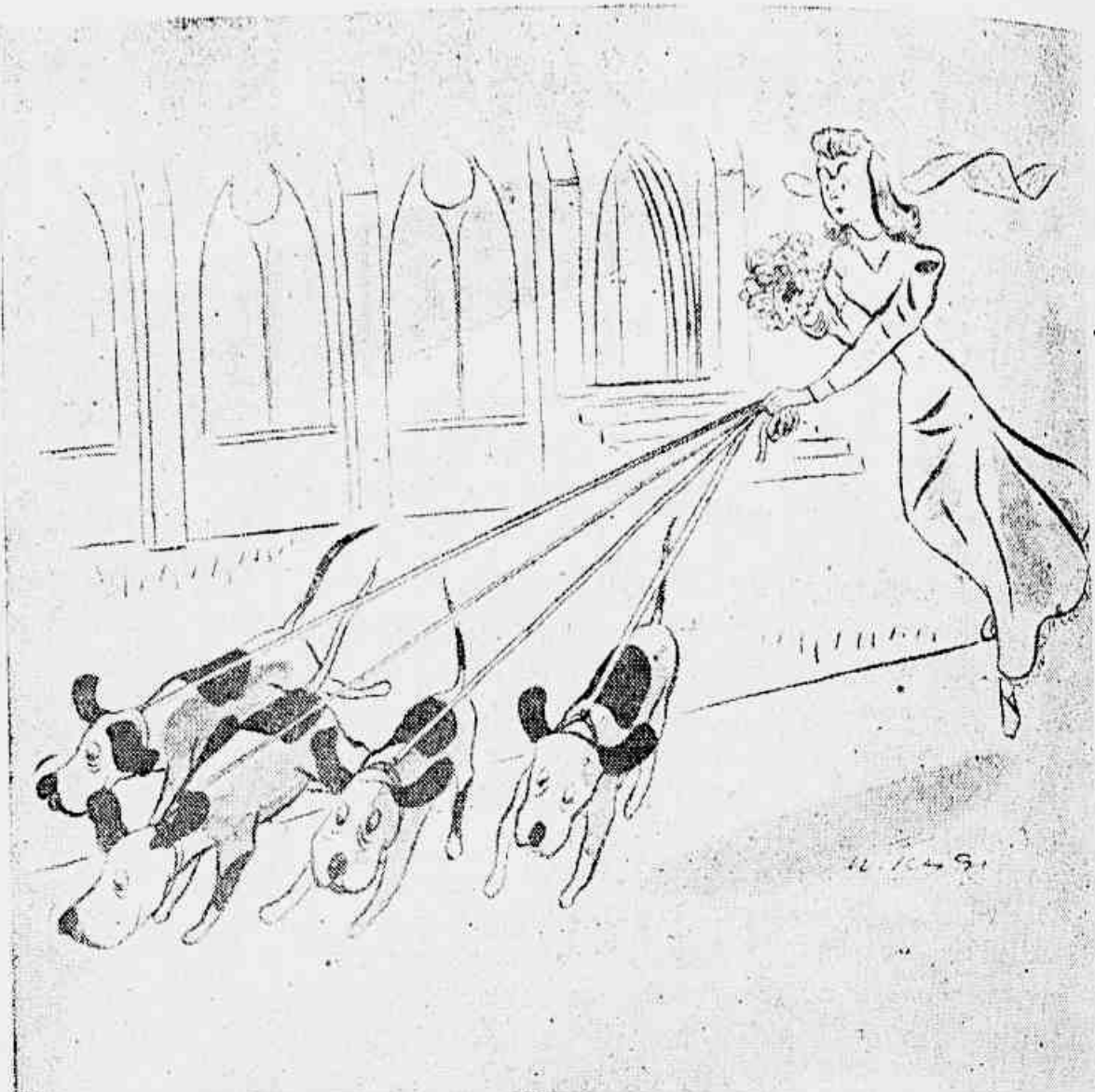
Também a independência da Transjordânia, mediante o tratado assinado pelo seu primeiro ministro com Ernest Bevin, marcou outro capítulo importante no panorama universal da hora presente. E si outros problemas continuam sem solução, numa grande ameaça à paz do mundo — paz que vem de comemorar seu primeiro aniversário há poucos dias — aguardemos, enfim, que os homens de boa vontade acabem por entender-se. E que o fantasma do Apocalypse seja afastado definitivamente.

ORFAO DE GUERRA — O Comitê de Judeus Refugiados obteve do Ministério do Interior da Inglaterra permissão para levar para aquele país, afim de receber tratamento médico, certo número de orfãos de guerra sem nacionalidade. A foto ao lado mostra o aspecto da chegada de um grupo de orfãos, procedente de Praga, onde conheceram os horrores da guerra e nela perderam todos os parentes.

EISENHOWER CONGRATULA-SE COM A RAF — O General Dwight D. Eisenhower (à esquerda), chefe do Estado Maior norte-americano, cumprimentando o Marechal do Ar Sir Arthur Harris, da R.A.F., depois de o ter distinguido com a "Distinguished Service Medal". O heroísmo dos rapazes da aeronautica britânica foi relembrado nessa solenidade, pelo tributo precioso que a RAF prestou à causa aliada.



DE BOM HUMOR...



— Lá vai o general Hawkins, autor do famoso livro "Atacar sempre! Recuar nunca!".



o VELHO



Conto de **HELCIUS DE OLIVEIRA**

Classificado no Concurso da "REVISTA DA SEMANA"

Ilustração de **ARMANDO MOURA**

ANDAVA vagarosamente pela rua, bem junto à calçada, o corpo quase que inteiramente apoiado para o lado direito sobre um bastão

de madeira rústica, e tortuoso — era um velhinho, as feições já cansadas, com a longa barba branca pendendo do queixo até quase o peito e os poucos ca-

belos que restavam na cabeça ajeitavam-se como podiam sob um terrivelmente esfarrapado chapéu de feltro cinza. A primeira impressão de alguém que

o visse, assim pela primeira vez — como eu o vi — era que o velho não duraria, coitado. De fato, o ocaso da vida marcava-lhe o rosto com aquela fisionomia cansada, embora tranquila, e assinalava no corpo já a brevidade da morte — os ossos apareciam sob a pele, salientes, e o busto já se curvava para a frente, sobre o abdomen, como se a coluna vertebral não mais

(Continua na pág. 52)

ENSAIA O CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL — YUCO LINDBERG, UM HOMEM INCANSÁVEL — TRINTA SILFIDES DIANTE DO ESPELHO — SANDRA, UMA BAILARINA DE BOLSO DE COLETE

Escreveu
CELIUS AULICUS

Fotografou
NEWTON VIANA

— O professor Yuco Lindberg está lá em cima ensaiando as moças — disse-nos o sr. Américo Pereira.

De posse da informação subimos por uma infinidade de escadas de madeira. De repente paramos no meio de um salão enorme de assoalho claro. Um piano tocava um alegre moderato e duas dezenas de moças bailavam ao som das notas cristalinas do velho instrumentos.

Estamos parados junto às grades baixas de metal cromado que limitam a pista de ensaio; e, como tivéssemos entrado justamente pelo fundo, não podemos ver o professor Yuco que dirige os passos de suas alunas num dinamismo coreográfico de vendaval sincronizado com a música.

Entre nós e o corpo de bailados do Teatro Municipal estão as grades metálicas; do lado de dentro, junto ao corrimão, alguns bailarinos em passos leves e vaporosos acompanham a corrida dos dedos da pianista, que descrevem evoluções rápidas sobre as teclas. Depois, um grupo de moças, dispostas em fileiras e colunas simétricas, executava os passos do leve bailado.

Pésinhos delicados pisando as taboas claras do assoalho, mãos de ninfas descrevendo piruetas magníficas no espaço, corpos de ninfas embalando-se ao doce afago da música, cabelos de seda voando ao vento quente da manhã carioca, que entra pela janela e agita as cortinas. Cabelos de seda que são como bandeirolas de festa, coloridas e multiformes, enfeitando tudo, transmitindo a todas as coisas a alegria de suas cores e a beleza das suas formas. Se tentássemos pintar a música do velho piano, teríamos por certo que pedir à fantasia as cores daqueles cabelos e as formas daqueles movimentos.

PERDIDOS NO BOSQUE

Já não são seres humanos o que vemos, já não estamos dentro de uma cidade civilizada do século XX. Toda a realidade se perdeu lá fora, todos os homens se anularam dentro da vida, toda a vida se anulou no tempo. Já não ha miséria, já não ha problemas. Ha apenas uma música que toca, ha apenas vinte silfides que dançam. Ha apenas a beleza suave das formas e a harmonia serena dos movimentos.

Já não existe o Rio de Janeiro, o Brasil ainda não foi descoberto. Estamos perdidos

MOVIMENTO — Mesmo em casa, a componente de "ballet" se vê obrigada aos mais cansativos exercícios. Aqui está uma pequena que não descansa. Durante horas e horas ela executa os movimentos coreográficos ao som da música da orquestra, do piano da sala de ensaios e mesmo do rádiozinho doméstico, para não perder a classe. Conhece-se uma bailarina pelo próprio modo de andar, pois mesmo quando faz o "footing" prosaico, ela, habituada como está às evoluções coreográficas, tem qualquer coisa de musical nos seus movimentos.

"A NOSSA VIDA É UMA DANÇA"

DUAS PLUMAS — Os pés de Tamara são leves e volúveis como duas penas ao vento. Correm ligeiros sobre as taboas do assoalho, elevam-se num vôo delicado e gracioso, para cair de novo e de novo correr sobre a pista em movimentos de formigas irrequietas. Cruzam-se, descrevem círculos e espirais, elipses e hélices. São pés geométricos, pés elétricos, pés mágicos. Quase onipresentes, eles estão ao mesmo tempo aqui e acolá, numa magia inexplicável e maravilhosa de movimento e ritmo.

num bosque da Grécia e as silfides dançam. Estes movimentos não são humanos, esta música não é da terra. Estamos às faldas do Olimpo, estamos trancados no Nirvana, estamos perdidos no paraíso.

— Beatriz, Beatriz! Onde estás que não respondes? Guia-nos, Beatriz, que estamos perdidos "in questa selva selvagem".

Estamos tontos dentro do bosque, pois não fomos habituados a caminhar por bosques como este. Somos homens terrenos, andamos sobre sapatos de sola dupla, que nos custam muito dinheiro e alguns calos. Estamos com a cabeça em roda, pois tudo dança no bosque. Dançam as ninfas, dança a relva e dançam os arbustos, agitando ao vento a ramada multicolor de suas longas cabeleiras. Já não é possível prosseguir caminho entre as árvores

que dançam. Acostumamo-nos a ser comandados pelos ponteiros do relógio. E aqui quem comanda tudo é a chave do sol. Um compasso neste bosque tem mais importância que um minuto, uma nota vale mais que um segundo. Aqui ninguém marcha na cadência do "tic-tac" cronométrico de uma máquina suíça. Dança-se ao compasso de uma música suave. Estamos tontos, estamos desorientados, pois essa clepsidra sonora não foi feita para medir a nossa vida, e este chão delicado não foi feito para ser pisado por nós. Estamos perdidos no bosque e não sabemos como prosseguir.

— Virgílio, empresta-nos as tuas sandalias! Pan, dá-nos a tua flauta!

Estamos perdidos no bosque e não podemos caminhar entre as árvores que dançam, agitando as copas coloridas de suas cabeleiras multicores.

SUB TEGMINE FAGI

Doce consolação! Grande alegria! Lá está, no fundo do bosque que dança, sentado um mortal como nós, de cabelos cortados à inglesa e sapatos pesados nos pés doloridos. Lá está ele, no fundo do bosque, de pergaminho e lapis em punho, tentando reproduzir as formas do bosque que dança. Vamos procura-lo, vamos procurar aqui, neste mundo desconhecido e helenico, a solidariedade de um latino depravado por trinta séculos de civilização, vamos buscar o consolo de sua voz, vamos filar os cigarros daquele irmão.

Saimos finalmente do emaranhado das árvores. E a poucos passos sentamo-nos ao lado do desenhista Augusto Rodrigues que, sob a sombra das tilias, vai prendendo no papel os movimentos e as formas do bosque. Ele não dá por nós, tão concentrado se acha em seu trabalho. Saiu do Rio há pouco tempo, e no entanto se habituou depressa a estas formas clássicas e a estes ritmos helenicos. Chega a surpreender-nos não encontrá-lo de túnica.

O artista levanta a cabeça. Cumprimenta-nos sorrindo e, mostrando o desenho, nos afirma que há muito tempo vem fazendo estudos sobre a dança clássica. A figura pintada reproduz as formas e os movimentos do bosque. Mais os movimentos que as formas. Mas voltam as árvores a dançar e os seus passos e evoluções já não podem ser fixadas no papel.

TAMARA DANÇA

Tamara dança. É como uma mariposa que esvoaçasse em círculos e elipses desiguais sobre um silvedo. Os cabelos louros de Tamara estão presos por traz com um laço de fita azul. E o laço é uma borboleta irrequieta que não para. Voa de um lado para outro, sobe e desce em movimentos graciosos, descreve curvas elegantes, volta a erguer-se para baixar de novo serenamente.

O professor Yuco dirige o movimento de seus discípulos. Nenhum de seus gestos se perde, nenhuma de suas palavras se desperdiça. Tudo o que ele ordena é executado com precisão matemática, tudo o que ele faz é imitado com fidelidade maquinal.

Uma ruga vincula de súbito a testa do mestre. Um passo errado de um par de bailarinos foi o suficiente para transformar o seu sorriso num rictus de descontentamento. E, balançando a cabeça num gesto de desaprovação, o professor se dirige para junto de Tamara. O piano ataca de novo o ritmo rápido da partitura. Yuco corre pela pista segurando a bailarina. Para na extremidade oposta e um movimento elegante e seguro eleva a moça acima da cabeça. Começa então um rodopio celere e estonteante. Já não nos parecem dois bailarinos que dançam. Os corpos parecem anulados, tudo se confundiu na subjeti-



FADIGA — Julia Margarida desce as escadas do Teatro Municipal depois de haver tomado parte no ensaio diário a que se submetem todas as componentes do corpo de baile. Está cansada, pois longas foram as horas de trabalho intenso e estudos exaustivos. Mesmo assim, ainda traz consigo, nos movimentos e no porte, uma recordação do bailado.

ENSAIA O CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL — YUCO LINDBERG, UM HOMEM INCANSÁVEL — TRINTA SILFIDES DIANTE DO ESPELHO — SANDRA, UMA BAILARINA DE BOLSO DE COLETE

Escreveu
CELIUS AULICUS

Fotografou
NEWTON VIANA

— O professor Yuco Lindberg está lá em cima ensaiando as moças — disse-nos o sr. Américo Pereira.

De posse da informação subimos por uma infinidade de escadas de madeira. De repente paramos no meio de um salão enorme de assoalho claro. Um piano tocava um alegre moderato e duas dezenas de moças bailavam ao som das notas cristalinas do velho instrumentos.

Estamos parados junto às grades baixas de metal cromado que limitam a pista de ensaio; e, como tivéssemos entrado justamente pelo fundo, não podemos ver o professor Yuco que dirige os passos de suas alunas num dinamismo coreográfico de vendaval sincronizado com a música.

Entre nós e o corpo de bailados do Teatro Municipal estão as grades metálicas; do lado de dentro, junto ao corrimão, alguns bailarinos em passos leves e vaporosos acompanham a corrida dos dedos da pianista, que descrevem evoluções rápidas sobre as teclas. Depois, um grupo de moças, dispostas em fileiras e colunas simétricas, executava os passos do leve bailado.

Fésinhos delicados pisando as taboas claras do assoalho, mãos de ninfas descrevendo piruetas magníficas no espaço, corpos de ninfas embalando-se ao doce afago da música, cabelos de seda voando ao vento quente da manhã carioca, que entra pela janela e agita as cortinas. Cabelos de seda que são como bandeirolas de festa, coloridas e multiformes, enfeitando tudo, transmitindo a todas as coisas a alegria de suas cores e a beleza das suas formas. Se tentássemos pintar a música do velho piano, teríamos por certo que pedir à fantasia as cores daqueles cabelos e as formas daqueles movimentos.

PERDIDOS NO BOSQUE

Já não são seres humanos o que vemos, já não estamos dentro de uma cidade civilizada do século XX. Toda a realidade se perdeu lá fora, todos os homens se anularam dentro da vida, toda a vida se anulou no tempo. Já não ha miséria, já não ha problemas. Ha apenas uma música que toca, ha apenas vinte silfides que dançam. Ha apenas a beleza suave das formas e a harmonia serena dos movimentos.

Já não existe o Rio de Janeiro, o Brasil ainda não foi descoberto. Estamos perdidos

MOVIMENTO — Mesmo em casa, a componente de "ballet" se vê obrigada aos mais cansativos exercícios. Aqui está uma pequena que não descansa. Durante horas e horas ela executa os movimentos coreográficos ao som da música da orquestra, do piano da sala de ensaios e mesmo do rádiozinho doméstico, para não perder a classe. Conhece-se uma bailarina pelo próprio modo de andar, pois mesmo quando faz o "footing" prosaico, ela, habituada como está às evoluções coreográficas, tem qualquer coisa de musical nos seus movimentos

"A NOSSA VIDA É UMA DANÇA"

DUAS PLUMAS — Os pés de Tamara são leves e volúveis como duas penas ao vento. Correm ligeiros sobre as taboas do assoalho, elevam-se num voo delicado e gracioso, para cair de novo e de novo correr sobre a pista em movimentos de formigas irrequietas. Cruzam-se, descrevem círculos e espirais, elipses e helices. São pés geométricos, pés elétricos, pés mágicos. Quase onipresentes, eles estão ao mesmo tempo aqui e acolá, numa magia inexplicável e maravilhosa de movimento e ritmo.

num bosque da Grecia e as silfides dançam. Estes movimentos não são humanos, esta música não é da terra. Estamos às faldas do Olimpo, estamos trancados no Nirvana, estamos perdidos no paraíso.

— Beatriz, Beatriz! Onde estás que não respondes? Guia-nos, Beatriz, que estamos perdidos "in questa selva selvagem".

Estamos tontos dentro do bosque, pois não fomos habituados a caminhar por bosques como este. Somos homens terrenos, andamos sobre sapatos de sola dupla, que nos custam muito dinheiro e alguns calos. Estamos com a cabeça em roda, pois tudo dança no bosque. Dançam as ninfas, dança a relva e dançam os arbustos, agitando ao vento a ramada múltipla de suas longas cabeleiras. Já não é possível prosseguir caminho entre as árvores

que dançam. Acostumamo-nos a ser comandados pelos ponteiros do relógio. E aqui quem comanda tudo é a clave do sol. Um compasso neste bosque tem mais importância que um minuto, uma nota vale mais que um segundo. Aqui ninguém marcha na cadência do "tic-tac" cronométrico de uma máquina suíça. Dança-se ao compasso de uma música suave. Estamos tontos, estamos desorientados, pois essa clepsidra sonora não foi feita para medir a nossa vida, e este chão delicado não foi feito para ser pisado por nós. Estamos perdidos no bosque e não sabemos como prosseguir.

— Virgílio, empresta-nos as tuas sandalias! Pan, dá-nos a tua flauta!

Estamos perdidos no bosque e não podemos caminhar entre as árvores que dançam, agitando as copas coloridas de suas cabeleiras multicores.

SUB TEGMINE FAGI

Doce consolação! Grande alegria! Lá está, no fundo do bosque que dança, sentado um mortal como nós, de cabelos cortados à inglesa e sapatos pesados nos pés doloridos. Lá está ele, no fundo do bosque, de pergaminho e lapis em punho, tentando reproduzir as formas do bosque que dança. Vamos procurá-lo, vamos procurar aqui, neste mundo desconhecido e helenico, a solidariedade de um latino depravado por trinta séculos de civilização, vamos buscar o consolo de sua voz, vamos filar os cigarros daquele irmão.

Saimos finalmente do emaranhado das árvores. E a poucos passos sentamo-nos ao lado do desenhista Augusto Rodrigues que, sob a sombra das tilias, vai prendendo no papel os movimentos e as formas do bosque. Ele não dá por nós, tão concentrado se acha em seu trabalho. Saiu do Rio há pouco tempo, e no entanto se habituou depressa a estas formas clássicas e a estes ritmos helenicos. Chega a surpreender-nos não encontrá-lo de túnica.

O artista levanta a cabeça. Cumprimentamos sorrindo e, mostrando o desenho, nos afirma que há muito tempo vem fazendo estudos sobre a dança clássica. A figura pintada reproduz as formas e os movimentos do bosque. Mas os movimentos que as formas. Mas voltam as árvores a dançar e os seus passos e evoluções já não podem ser fixadas no papel.

TAMARA DANÇA

Tamara dança. É como uma mariposa que esvoaçasse em círculos e elipses desiguais sobre um silvedo. Os cabelos louros de Tamara estão presos por trás com um laço de fita azul. E o laço é uma borboleta irrequieta que não para. Voa de um lado para outro, sobe e desce em movimentos graciosos, descreve curvas elegantes, volta a erguer-se para baixar de novo serenamente.

O professor Yuco dirige o movimento de seus discípulos. Nenhum de seus gestos se perde, nenhuma de suas palavras se desperdiça. Tudo o que ele ordena é executado com precisão matemática, tudo o que ele faz é imitado com fidelidade maquinal.

Uma ruga vincula de súbito a testa do mestre. Um passo errado de um par de bailarinos foi o suficiente para transformar o seu sorriso num rictus de descontentamento. E, balançando a cabeça num gesto de desaprovação, o professor se dirige para junto de Tamara. O piano ataca de novo o ritmo rápido da partitura. Yuco corre pela pista segurando a bailarina. Para na extremidade oposta e um movimento elegante e seguro eleva a moça acima da cabeça. Começa então um rodopio celere e estonteante. Já não nos parecem dois bailarinos que dançam. Os corpos parecem anulados, tudo se confundiu na subjeti-



FADIGA — Julia Margarida desce as escadas do Teatro Municipal depois de haver tomado parte no ensaio diário a que se submetem todas as componentes do corpo de baile. Está cansada, pois longas foram as horas de trabalho intenso e estudos exaustivos. Mesmo assim, ainda traz consigo, nos movimentos e no porte, uma recordação do bailado.



O BAILADO APAIXONA UM PINTOR — O pintor e desenhista Augusto Rodrigues é um apaixonado da dança. Durante os ensaios do corpo de baile do Municipal, ele está sempre de lapis em punho, prendendo no papel os movimentos e as formas das figuras que se agitam na pista. Ei-lo aqui tentando fixar no desenho uma atitude coreográfica de Marta, uma das componentes do "ballet". A direita aparece um passo de dança classica desenhado por Augusto. E' um "croquis" apressado, embora nos mostre com clareza e arte a graciosidade de um movimento rapido.

GIOCONDA — O cansaço tomou conta do corpo da bailarina. Os musculos doloridos negam-se a obedecer o comando do cerebro. Mas, mesmo assim, a moça está alegre, pois o estudo lhe foi proveitoso. Aperfeiçoando a sua arte ela ganha novo entusiasmo e novas energias. Sentada ao lado da pista ela observa os movimentos das companheiras e aprende muita coisa á custa da perfeição e dos defeitos dos passos das colegas. Um sorriso brinca nos labios da bailarina...



vidade da energia musical, que aciona o pião gigantesco e multicolor formado pelo par. E o pião roda como um vendaval fantasmagórico que tomasse forma e colorido e se sincronizasse aos acordes musicais de uma composição classica. Sentados junto de Augusto Rodrigues, olhamos espantados para o pião gigante. Chegamos a ter a impressão de que o par de bailarinos girava dentro de nossa propria cabeça. Fechamos os olhos. E quando os abrimos é para ver Tamara que dança sosinha no centro da pista. Os seus pés deslizam sobre a assoalho tão levemente que se imagina ao ve-los dois insetos alados que em voos ligeiros procurassem tocar o solo com as pontas das asas. Um salto, uma corrida graciosa. A bailarina se eleva no espaço e cai sobre as pontas dos pés para correr novamente sobre a pista como uma silfide aguil. Estamos sentados, vendo dançar Tamara. De nada valerão depois as nossas palavras, pois a dança é como o amor e como a morte: não há palavras que possam descrevê-la, não existe no vocabulario de qualquer lingua expressão para defini-la. Para que se tenha ideia da arte de uma bailarina, é preciso ve-la dançar. Para se saber o que é um bal-

lado é
os seus
as suas
Tam
dentro
Greves
ção, p
lendas
vidade
para o
vida
nia se
Tamar
No
começ
São o
Estam
mos a

HI

O s
aos p
forma
dade
mons
se ap
domi
to de
um b

Qu
para
outra
ricos

Nã
uma
danç
obrig
é ma
São
lesce

E
minh
adol
não
sete
de b

Ve
deix
seus
cada
e do
que
neca
dos
sias
essa
suor

No
todo

lado é preciso senti-lo na vibração de todos os seus movimentos, na significação de todas as suas formas.

Tamara continua a dançar. Só existe agora, dentro da sala de ensaio a realidade da dança. Greves, metralhadoras, arranha-céus, inflação, política, racionamento, fila de pão, são lendas que se perderam lá fora, na subjetividade de um mundo de fabula. Aqui vive-se para dançar, a dança representa a própria vida. E o mundo parou de repente, a harmonia se quebrou num staccato do velho piano. Tamara já não dança.

No entanto, lá fora, o relógio de uma igreja começa a bater as badaladas das onze horas. São onze horas da manhã e tudo está calmo. Estamos de novo no Rio de Janeiro, voltamos ao ano da Graça de 1946.

HISTORINHA DE UMA BAILARINA DE BOLSO

O silêncio invadiu a sala de ensaios. Mas aos poucos, um murmúrio tímido vai tomando forma e se avolumando até atingir a intensidade de uma fuzilaria em dia de comício monstro. Já não se escutam as palavras, ouve-se apenas um barulho irregular e forte que domina todas as coisas. Um ligeiro momento de descanso é aproveitado pelas moças para um bate-papo rápido.

Que conversam as silfides? Que têm elas para contar umas às outras? Serão como as outras? Estarão ocupadas em comentar namoricos ou descrever filmes de Tyrone Power?

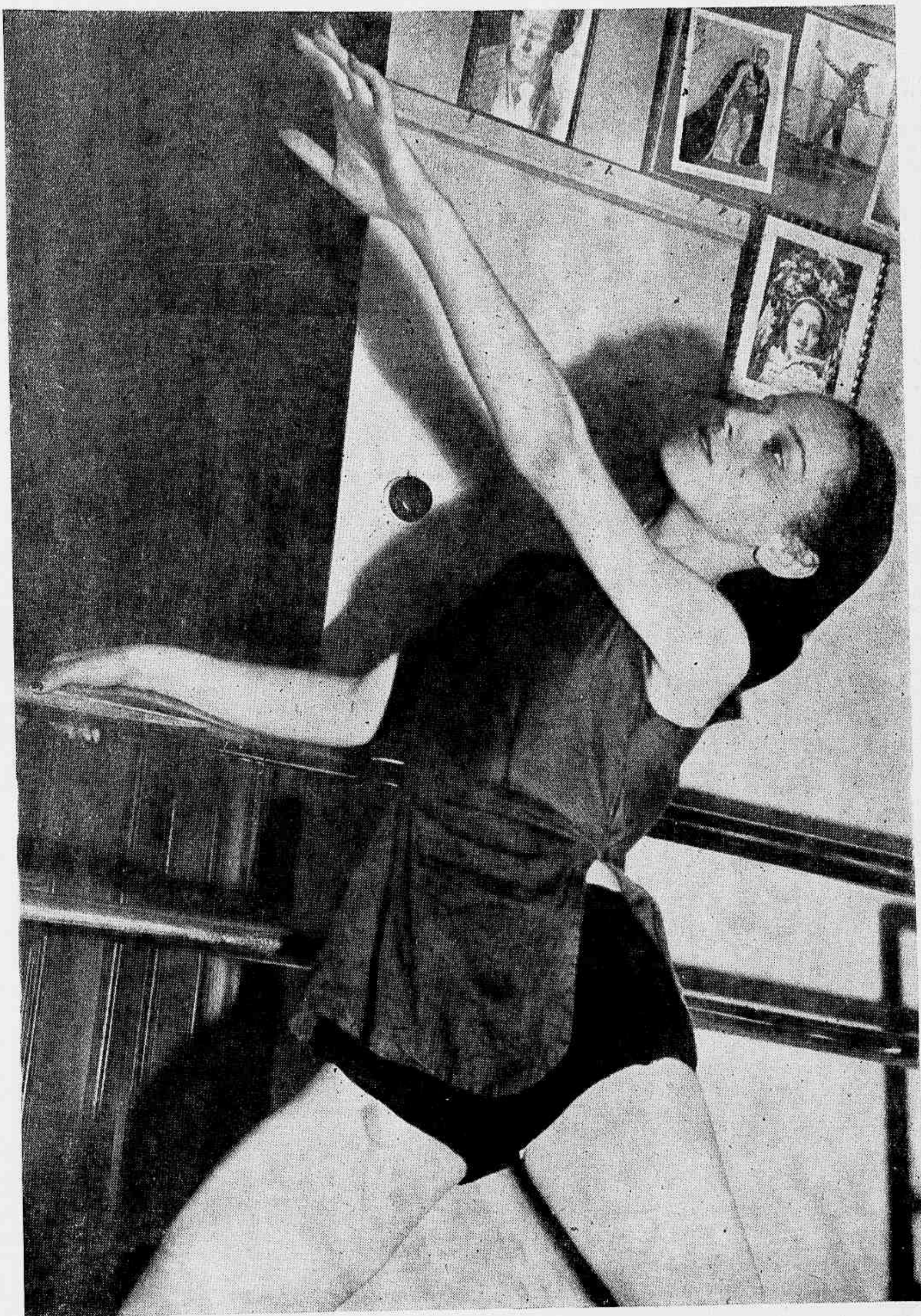
Não. Mesmo em descanso, a bailarina é uma escrava da dança. As moças discutem dança, falam sobre dança, a dança é o assunto obrigatório. Parece mesmo que a dança lhes é mais necessária que a própria alimentação. São jovens ainda, muitas não passam de adolescentes.

E esta que vem se sentar junta a nós, caminhando com passos cansados. Será uma adolescente? — Não; é uma criança. Ainda não tem dezesseis anos e não chega a ter sete palmos de altura. É a caçula do corpo de bailado:

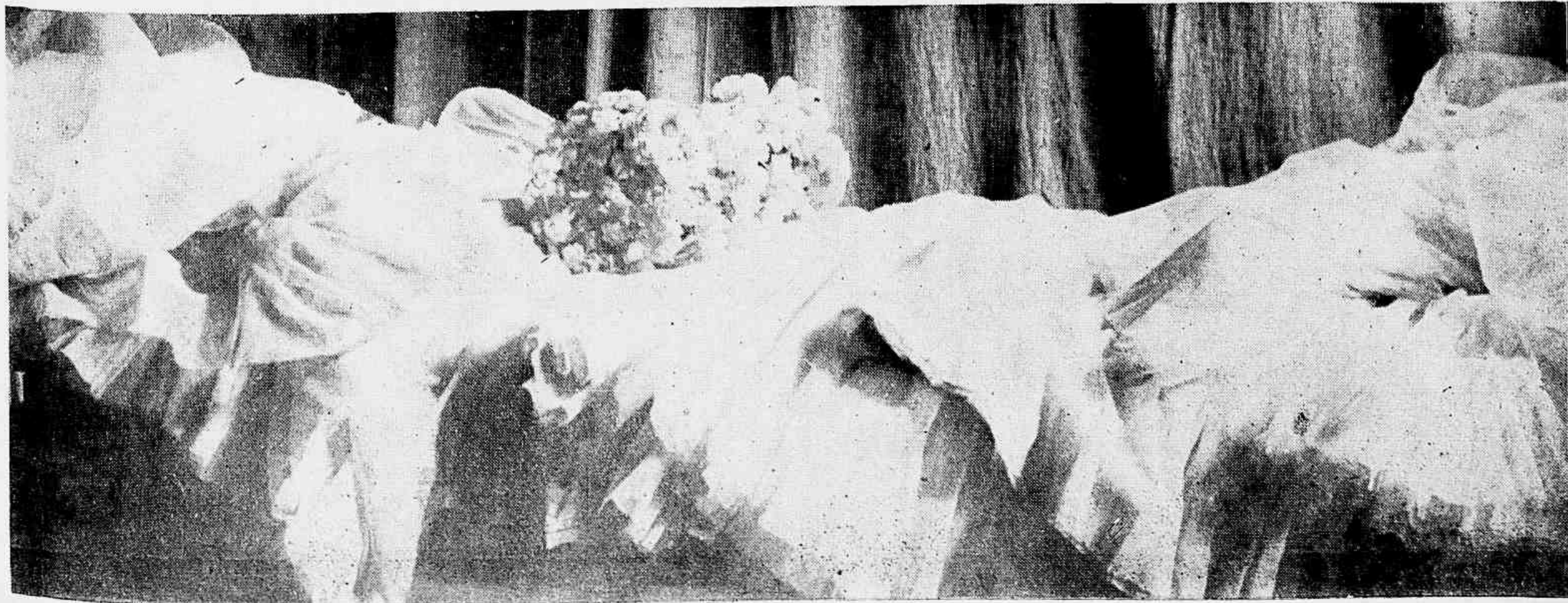
Verdadeira bailarina de bolso, Sandra não deixa, nem por isto, de ser uma artista. Dos seus verdes quinze anos quatro foram marcados pelo calendário dos ensaios cansativos e dos espetáculos absorventes. Na idade em que muitas meninas ainda brincam com bonecas, Sandra já conhece a glória e o sabor dos aplausos arrancados às multidões entusiasmadas. E sabe também quanto é custosa essa glória, alcançada á custa de sacrifício, suor e lágrimas.

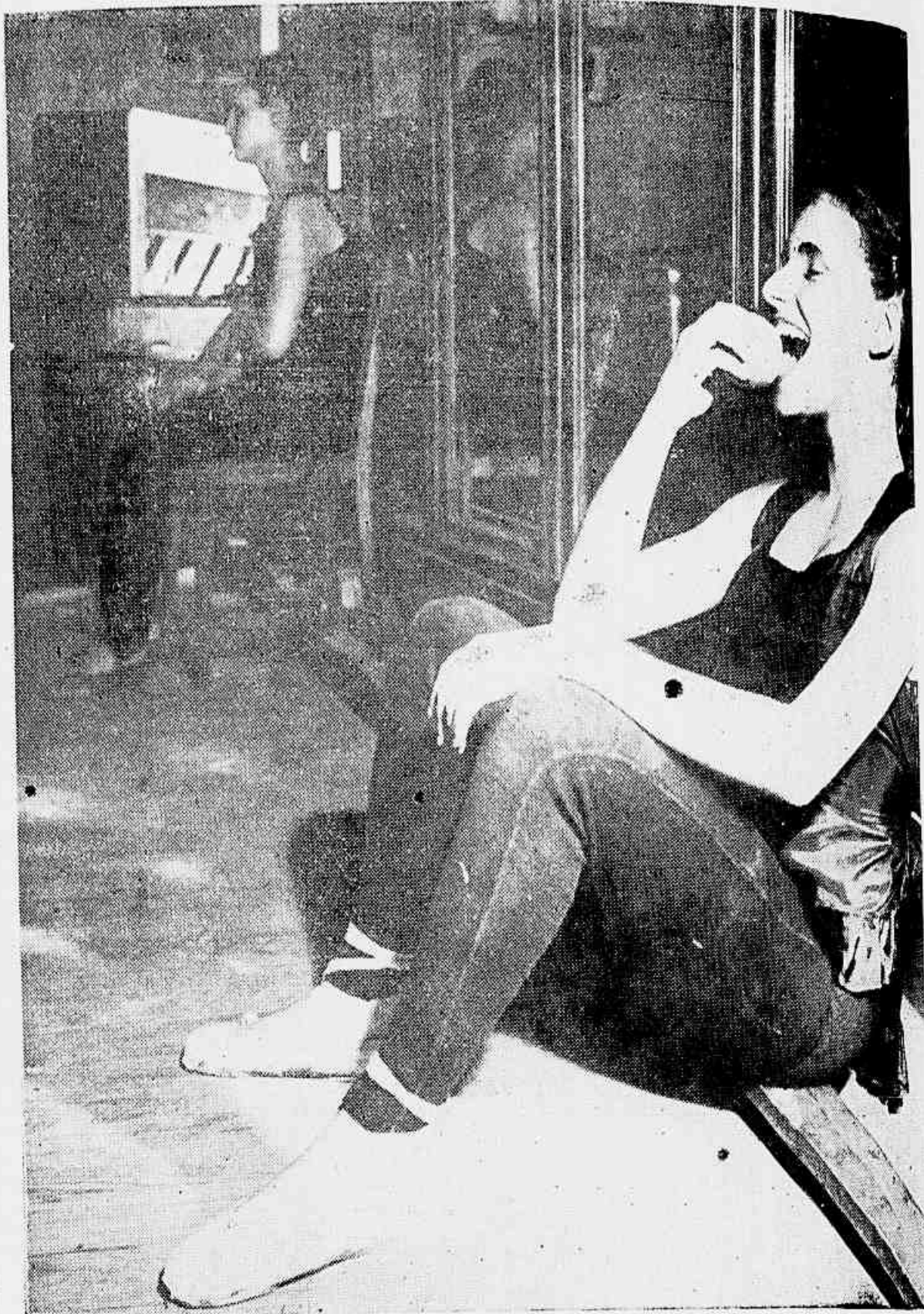
Sandra nos conta a sua história:

NO GUARDA ROUPA — Na sala destinada ao guarda-roupa do corpo de baile, há milhares de saíotes como estes. Quando as moças se preparam para o espetáculo, o chefe coloca-os todos sobre uma longa mesa, juntamente com as grinaldas de que se servirão as bailarinas para enfeitar a cerviz. Depois é só levá-los aos camarins. E logo após estarão elas no palco, enfeitando as silfides que bailam e arrancando das platéias entusiasmadas aplausos vivos e ardentes.



GINASTICA — Enquanto no centro da pista o corpo de baile se exercita em evoluções conjuntas, junto às barras de ferro varias moças fazem ginastica ritmica e ensaiam novos passos, difíceis e arrojados, segurando a grade. Esta pequena não perde um minuto. Quando não está evoluindo sob as ordens do professor Yuco, deixa-se estar a um canto, exercitando-se com persistência em passos de grande efeito.





NAS ASAS DA MUSICA — Para demonstrar às suas discípulas como se executa com perfeição a passagem de um bailado, o professor Yuco levanta Tamara nos ombros e, rodando sobre o próprio corpo, completa uma volta magistral. O movimento foi rápido, o passo se executou com uma perfeição absoluta. Mas o fotógrafo atento conseguiu este flagrante feliz que nos mostra um sorriso e uma fisionomia concentrada.

EM REPOUSO — Sandra tem 15 anos e já é uma bailarina. Aprendeu muito cedo a grande arte de Isadora Duncan e sabe todos os segredos da dança. E é uma artista. Como componente do corpo de baile ela tem os mesmos deveres das colegas mais velhas e todos os dias é obrigada a esfalfar-se em ensaios cansativos e longos. Vemo-la quando gozava um repouso ligeiro, dando largas à sua gula infantil.

A TIRANIA DOS PONTEIROS que nos martiriza a existência faz-se sentir também sobre as moças do corpo de baile. Os ensaios obedecem ao comando ditatorial do relógio de ponto, onde as pequenas são obrigadas a deixar registrados os seus nomes às 9 horas da manhã. Sandra chegou pouco antes de ter início o ensaio. Uma colega se apressa em apertar-lhe o laço da túnica, para que ela não perca mais um minuto. O tempo marcha na cadência do tic-tac cronométrico do relógio. E' pena, pois a vida seria bem mais agradável se o tempo dançasse ao ritmo de uma música lenta.



— Ainda aqui. Entre ano. Mas a Escola de B São Cristov só conheço Sandra en

prosegue:

— Gosto que você me boa bailar antes do d todo o dia

Quando guir em su um sorriso:

— A mir de contar. mida, pois lavras: Dan

E termin dentes num minas lhe s

“VI

Uma pe lado da co do sapato. mo-la per

— Quem

— Somo

curiosos.

ramos que

— Pois

há nada d

trabalho, c

— Ou c

arriscamos

— Isto

mos funci

nito o bai

minado pe

não quier

a apresen

manas, m

dos intens

— Mas

não?

— De c

de vista,

a respeit

entrada r

logio de p

poucos m

insuficien

problema

as contab

o trabalh

modo, po

Por amor

a todos c

— E h

pela arte

— Clar

ria “ball

dançar.

dança é

uma dan

as nossa

grandes

geral. A

arte que

desta vic

compens

— O s

— Ada

Guard

gum dia

treiro lu

A

Tinha

balho ig

e de ess

NO PALC

visão mar

numa har

presenta c

— Ainda não faz muito tempo que estou aqui. Entrei para o corpo de baile ha um ano. Mas antes cursei durante três anos a Escola de Bailados da Prefeitura. Nasci em São Cristóvão, criei-me no Rio. Do mundo só conheço o Rio de Janeiro e a dança.

Sandra enxuga a testa banhada em suor e prosegue:

— Gosto muito de bailar. Digo logo, antes que você me pergunte. Ainda hei de ser uma boa bailarina. Para isto é que me levanto antes do dia clarear e me dedico durante todo o dia ao bailado.

Quando pedimos á pequena para prosseguir em sua historia, ela nos responde com um sorriso:

— A minha historia é esta que eu acabo de contar. E poderia ser ainda mais resumida, pois á minha biografia bastam três palavras: Dançar, dançar, dançar.

E terminando o dialogo, a menina mete os dentes numa maçã, explicando que as vitaminas lhe são muito necessárias.

"VIVEMOS PARA DANÇAR"

Uma pequena aproxima-se. Senta-se ao lado da companheira, desaperta os cordões do sapato. Olha-nos depois curiosa e ouvi-mo-la perguntar á outra, disfarçadamente:

— Quem é este "cara"?

— Somos intrusos, senhorita, intrusos e curiosos. Viemos saber como é isto e esperamos que a senhorita nos auxilie.

— Pois não. Penso porem que aqui não há nada de interessante. Isto é um local de trabalho, como uma loja ou uma oficina.

— Ou como estudio de um pintor... — arriscamos.

— Isto mesmo. Somos trabalhadoras, somos funcionarias. O senhor acha muito bonito o bailado, quando o vê da platéia, iluminado pelas luzes da ribalta. No entanto, não queira saber o trabalho que nos custa a apresentação do espetaculo: são dias, semanas, meses de ensaios cansativos e estudos intensos.

— Mas esse trabalho distrai e compensa, não?

— De certo modo, sim. Sob alguns pontos de vista, não. Somos por exemplo obrigadas a respeitar um horario rigorosissimo de entrada nos dias de ensaio. Sujeitas ao relógio de ponto, com os dias descontados por poucos minutos de atraso, ganhando salarios insuficientes, vemo-nos diante dos mesmos problemas que enfrentam as escriturarias ou as contabilistas. Agora o senhor pergunta se o trabalho compensa. Compensa de algum modo, pois todas nós vivemos para dançar. Por amor á arte submetemo-nos com agrado a todos os sacrificios.

— E há, em verdade, esse amor acentuado pela arte?

— Claro que há. Do contrario não haveria "ballet". Vivemos, como já disse, para dançar. E vivemos tambem de dançar. A dança é que nos sustenta. A nossa vida é uma dança. Todas temos a nossa vaidade e as nossas ambições. Queremos ser um dia grandes bailarinas. Não posso fugir á regra geral. Amo a dança, adoro a dança. E' pela arte que me submeto a todos os dissabores desta vida. Mas um dia hei de ter a minha compensação.

— O seu nome, senhorita.

— Adaligia.

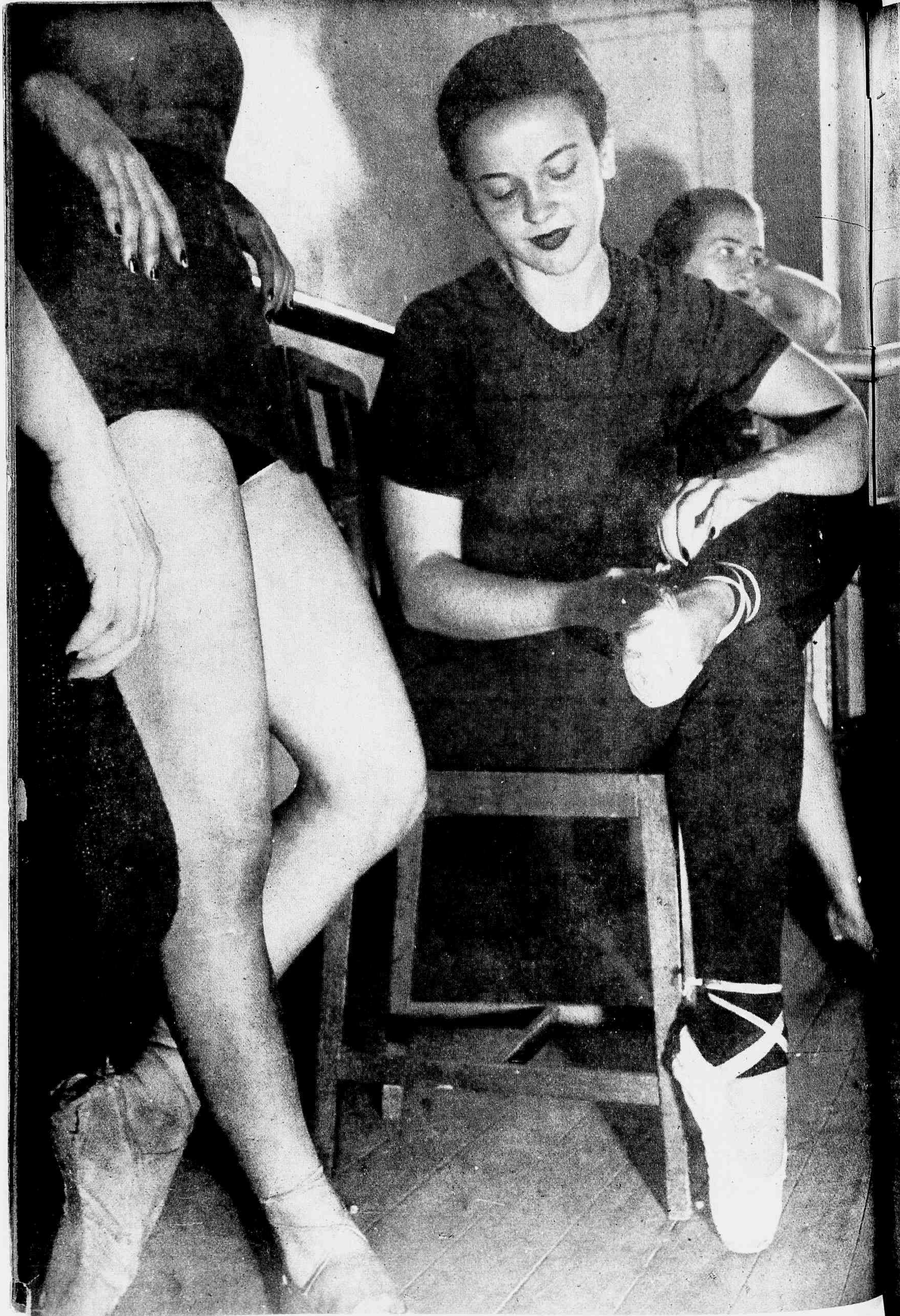
Guardem este nome, leitores. Talvez algum dia vocês o encontrem ocupando o letreiro luminoso de um teatro.

ACIDENTES DE TRABALHO

Tinha razão Adaligia. O bailado é um trabalho igual aos outros, um fator de cansaço e de esgotamento. A sala de ensaio é uma

NO PALCO — O espectador vê assim um "ballet". Uma visão maravilhosa, cores e movimentos se confundindo numa harmonia serena. No entanto, cada movimento representa dias de sacrificio, cada passo é o resultado de anos de trabalho.







TRABALHO — Uma bailarina é uma abelha que não pode parar um minuto durante o ensaio. A sala de treinamento e de aulas é uma colméia viva, onde ela se agita em movimento rítmico. A moça chega, aperta os cordões do sapato e começa logo a bailar. Na página ao lado vemos mlle. Leda Carrasco preparando-se para voltar ao trabalho após se resfrescar. Acidentes desta natureza não são raros. Em cima: Tamara dança sobre as pontas dos pés. E os pés são como notas musicais pulando sobre a pauta...

oficina, onde as trabalhadoras se esfalfam para fazer jús a um salário mensal. E elas, como nós outros, estão sujeitas aos mesmos riscos, às mesmas vicissitudes.

Leda torceu o pé. Ficamo-la conhecendo por isto. Dançava no meio da pista, entre as suas companheiras. De repente, um passo em falso, o assoalho fugiu-lhe sob as solas finas dos sapatos e uma queda estrondosa. A dor intensa da contusão faz saltar lágrimas dos olhos da bailarina. Os colegas se aproximam. Com passo tropego, a moça vem se sentar junto aos espelhos que se enfileiram ao fundo da sala.

Quando perguntamos-lhe se doía o seu pé, a bailarina nos responde:

— Doi. Mas já estou acostumada. Acidentes como este não são raros aqui. Agora terei uma dispensa, até que possa de novo ensaiar. Penso que em dois dias estarei pronta para reiniciar os exercícios.

E com estas palavras Leda Carrasco se levanta e dirige-se ao camarim coxeando, apoiada a uma companheira.

Não. Não são raros os acidentes durante os ensaios do corpo de baile. Pouco depois outra bailarina é obrigada a deixar a sala, por haver machucado o pulso ao executar uma pirueta arriscada. Mas pouco depois voltava ela ao trabalho, e sorria satisfeita, e corria de novo sobre a pista ao compasso da música, e o seu antebraço dolorido descrevia curvas graciosas no espaço... por amor à arte.

TRINTA SILFIDES DIANTE DO ESPELHO

Alem do professor Yuco, as moças do corpo de baile têm outro mestre rigoroso e austero,

que fiscaliza todo o ensaio. A ele nada escapa, o minimo defeito não lhe passa despercebido, qualquer erro ele logo o aponta às bailarinas. Este inspetor mudo e rigoroso é o espelho colocado ao fundo da sala. Se uma moça descreve uma curva errada, ele, em sua linguagem silenciosa, parece repreendê-la com sisudez.

E' assim que a auto-critica se faz sentir sobre as bailarinas refletidas no espelho. O que fazem as moças dentro do espelho, não escapa à bailarina de carne e osso. E ela, para corrigir os defeitos daquela colega errada que dança dentro do espelho, procura ensiná-la a bailar com perfeição e harmonia.

Não sabemos de quem foi esta idéia de colocar espelhos diante das bailarinas. Mas foi uma idéia genial. Pena é que não se possam pôr estes criticos, silenciosos e severos, em frente aos nossos poetas e pintores.

Estamos de novo entre as arvores do bosque que dança. O bosque se multiplica por dois, refletido no espelho do fundo. Para qualquer lado que olhemos, o nosso limitado horizonte é tomado pela floresta de comas multicores que se agitam em movimentos rítmicos e suaves, ao compasso do doce embalo da musica. E o outro bosque também roda e marcha, salta e estremece, dentro do mundo invertido do espelho. Voltou a tonteira. Desapareceu de novo o mundo real e objetivo. As bailarinas já não são moças obrigadas a um ponto rigoroso de entrada e a um ensaio de tantas horas por dia. São silfides que bailam num mundo aereo e superior, onde a unica verdade é a musica, onde a unica lei é a arte, onde o tempo é o compasso.

Vem-nos porem á memoria uma vaga lembrança de um mundo perdido atrás das muralhas desta "Shangri-lá" estranha: E' necessario voltar com urgencia á redação, para redigir a reportagem. Vamos deixar que as silfides bailem diante do espelho, vamos sair destes dois bosques limitrofes e inversos que nos põem a cabeça á roda. Vamos embora antes de perdermos o rumo. Deixemos bailar as trinta silfides diante do espelho.

Mas o mundo subjetivo materializou-se outra vez. O piano num acorde vivo silenciou-se. Pairaram ainda no ar as ultimas notas agudas, mas o silencio caiu rapido, pesado e austero. As silfides se retiraram para o camarim, Augusto Rodrigues despediu-se e foi embora. Ficamos sosinhos na sale enorme, diante do espelho monumental.

"NINGUEM SE LEMBRA DE MIM"

Iamos sair também, quando uma vozinha musical nos chamou do fundo da sala. Voltamos o rosto temerosos. Não havia ninguém fora ilusão. Mas a voz insistiu:

— Psiu. Vem cá, meu camarada.

Os cabelos ficaram em pé, queríamos gritar pela policia, mas a voz musical nos tranquilizou a tempo:

— Sou eu que estou chamando. Sou eu, o piano.

Aproximamo-nos boquiabertos do velho instrumento. E ele nos recebe muito naturalmente:

— E' sempre assim; os homens são todos iguais: convencidos, idiotas, cabotinos. Você, por exemplo, ouviu todo mundo aqui dentro menos a mim. Quer saber o que eu penso

(Continua na pág. 53)

O SEGREDO DE LADY JANE

Conto de E. PHILLIPS OPPENHEIM

Os convidados estavam reunidos no vestibulo quando ela desceu as escadas. Imediatamente, aproximaram-se, solícitos, oferecendo o braço. John sorriu.

— Estou vendo não é preciso apresentá-la.

— Inutil, meu caro. Você, como marido, não tem, hoje, nenhum privilégio. Nós vamos monopolizá-la completamente.

John estava satisfeito. Jane parecia estar se saindo muito bem. Todos a cercavam, procurando atrair-lhe a atenção.

Aquele cerimonial tinha uma importância capital na vida de John e Jane. Se, naquele momento, alguma coisa não corresse como devia, o reflexo do descuido persistiria a vida toda. A apresentação da esposa à família, em reunião solene, era a ocasião para a formação dos juízos sólidos. Valia, no caso a primeira impressão. E, como o gentleman rural inglês exige distinção acima de tudo, era preciso que Jane vencesse, com tato, os preconceitos contra uma moça da cidade que prevaleciam naquele meio. Vinda de Londres, depois de um casamento bastante romântico,

ela trazia para aquela roda, uma impressão antecipada de coisa que escapava à rotina, impressão, de início desfavorável, para quem colocava acima de tudo a conveniência, de acordo com um complicado código de procedimento cheio de formalidades cuja transgressão importava no julgamento sem contemplações e na pena imediata que variava de simples retraimento e eliminação de qualquer cordialidade até as relações sumariamente cortadas.

Não havia, contudo, motivo para receios vãos. Jane sabia lidar com todo o mundo, e tinha o dom inato de encontrar o ponto fraco das pessoas. Até tia Alice parecia satisfeita com a nova sobrinha. E isso era bem difícil. Tanto mais que Jane, de uma beleza incomum, despertaria, por isso mesmo, a imediata desconfiança dos presentes, acostumados às maneiras desgraciosas das moças da localidade, que não tinham o benefício de um treinamento Londrino, onde lhe fosse possível adquirir aquele verniz que dava brilho à apresentação em fosse qual fosse o salão.

— O jantar está na mesa.

O mordomo veio anunciar a refeição. John levantou-se imediatamente e, de acordo com a etiqueta, ofereceu o braço a tia Alice. Ele sempre temera um pouco a tia e agora dirigia-lhe a palavra, em tentativas tímidas de saber sua opinião sobre Jane.

— Você quer saber o que eu penso de sua mulher, não é? perguntou, afinal Lady Alice, com seu típico ar ousado.

Um pouco encabulado, John confessou que sim.

— Pois eu acho-a encantadora.

Porem o mais grave ainda não passara. Era com a chegada de Norman que o julgamento geral seria ratificado. Tia Alice e Tia Emma, esta generosa e amável, já tinham manifestado sua aprovação. Charles e Albert, seus irmãos, estavam conquistados pela beleza de Jane. Mas Norman ainda não aparecera. E a figura central de toda a família era Norman, filho de tia Alice, mais velho do que John e que sempre ditara a direção principal dos negócios da família desde que, depois de um acidente, John e seus irmãos tinham sido forçados a morarem com tia Alice. Viuva, ela se submetia à vontade de Norman, que se tornara chefe da família, à qual se incorporara tia Emma, por ocasião da morte de seu marido.

Norman tinha muito do temperamento irascível de sua mãe, e sabia ser inflexível quando se opunham aos seus desejos. John, dependendo dele, como seu subordinado, pois trabalhava para ele, ficava à espera de sua opinião. Na verdade, aquele casamento fora uma aventura. Se Norman não aprovasse...

★

Sinto-me num ambiente estranho, pensava Jane. Gente que eu não conheço, que me cerca. Fazendo um esforço para conversar com todos, mostrar-se amável, ela sentia que estava desempenhando suas funções maquinalmente, com o cérebro muito longe dali em Londres, na cidade que abandonara para casar-se com John. Num desfile vertiginoso passaram pela sua memória as recordações daquelas últimas semanas.

Fez um esforço para concentrar sua atenção no que estava dizendo e verificou que estava conversando com irmão de John Charles, a quem, conhecia melhor do que os outros. Não sabia porque, sentia que Charles se postava ao lado dela como que para protegê-la. Mais do que John, ele dava a impressão do marido que apresenta a esposa à família. Talvez fosse uma impressão falsa. A verdade era que ele a conhecera ao mesmo tempo que John e portanto já tinha mais intimidade.

Naquele momento, foi anunciada a chegada de Norma. Ele entrou no salão: um homem alto e magro, de cabelos grisalhos, contemplou Jane em silêncio e apertou-lhe a mão friamente. Não teve a menor centelha de cordialidade.

— Vamos jantar?

Depois da refeição, disse bem alto a John: — Preciso falar com você.

★

Imediatamente Jane sentiu que Charles se colocava ao seu lado, dando, novamente aquela impressão de que queria protegê-la.

— Jane, escute uma coisa.

— Que há?

— Olhe, não dê importância a Norman. Se você quer ser feliz, se não se importa com as consequências, faça com que John a leve daqui.

— Mas, por que?

— Esse sinal de Norman significa que ele

(Continua na pág. 53)





KAY BOOTH (Metro)

NOS BASTIDORES FEMININOS

VOCÊ achará muita graça se eu disser que a beleza começa nas pontas dos pés! No entanto, nada mais verdadeiro. Os pés merecem o nosso maior cuidado, principalmente hoje que não andam escondidos! Além do mais, com a dificuldade de condução existente, em que somos obrigadas a permanecer longas horas numa fila, as nossas "bases" bem que fazem jus a um carinho especial.

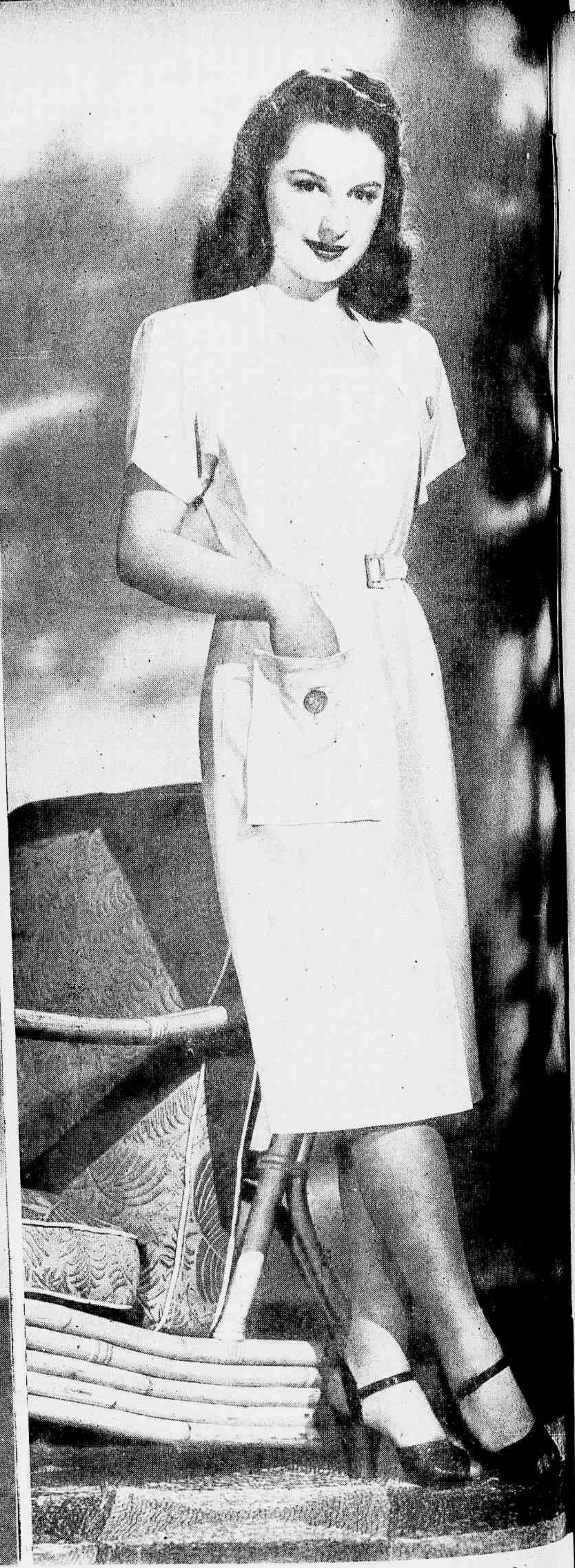
Assim, depois de um dia de caminhadas exaustivas, nada mais agradável... para os pés... do que banhá-los em água quente e fria: coloque-os primeiro dentro da água quente e em seguida na água fria; em seguida faça uma aplicação com um creme lubrificante fazendo massagens da ponta dos dedos para cima.

Também a ginástica é aconselhável e entre as numerosas que existem aconselhamos esta: deitada de costas, dobre a perna até formar ângulo reto e em seguida faça

girar em círculos. Faça esse movimento dez vezes com cada perna. Esse exercício não só descansa os pés como torna rígidos os músculos da perna e coxa.

E, já que falamos em pés, você deve saber que existe melhor exercício para manter as linhas esbeltas, do que uma boa caminhada. Com os pés bem tratados, com um sapato confortável, de saltos baixos, você deverá andar pelo menos meia hora pela manhã e à noite, afim de manter-se sempre na "linha"...

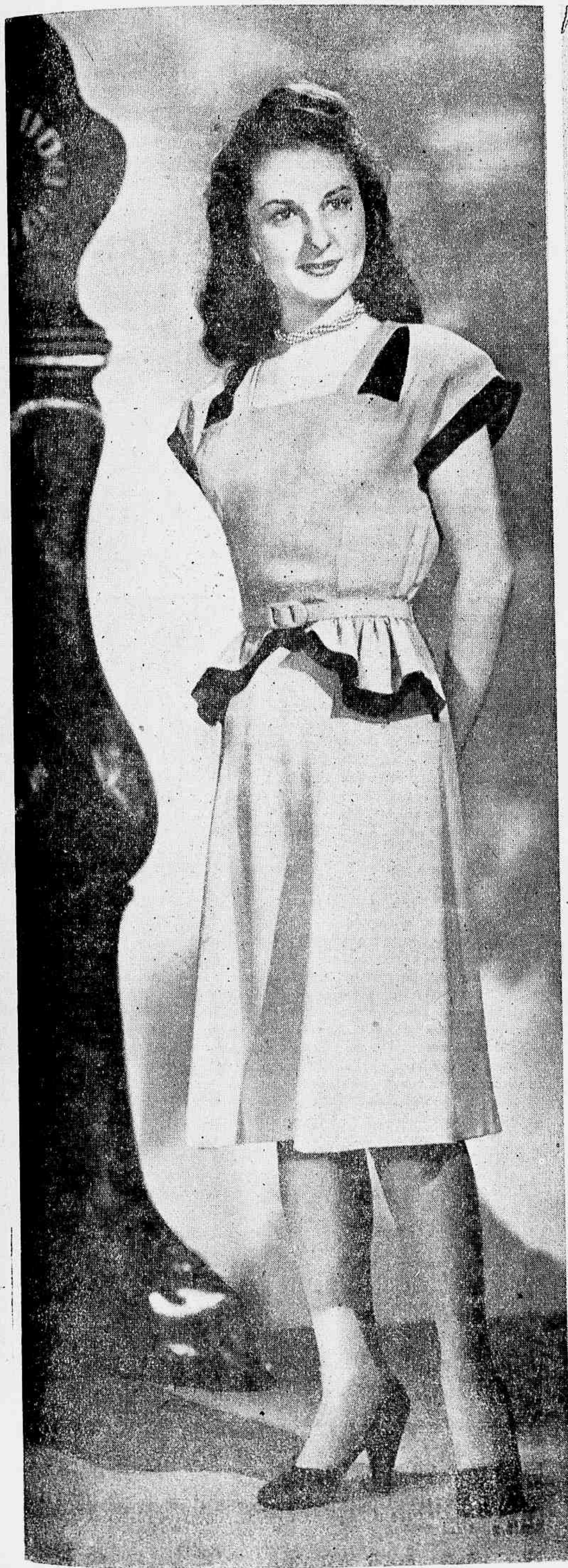
Não esqueça de visitar seu "pedicure" duas vezes por mês, para completar a beleza dos seus pés e para que você possa, sem susto, usar sandálias e sapatos de vidro não em moda. — KITH



NOS DIAS QUENTES DO INVERNO

Há, no inverno carioca, dias tão quentes que bem toleram "toilettes" mais claras e leves. Para esses dias, Hollywood oferece essas quatro lindas sugestões: 1 — Modelinho de seda estampada, fundo branco, decote redondo, mangas japonesas um pouco mais compridas e sobre as mesmas, partindo dos ombros, pequenos laços de gorgurão branco. Paio formando cinto, mais larga na frente, com franzidos na saia e na blusa. Usa-o Joan Lorrain, da Warner Bros. 2 — Ver

Modelo pratico em panamá rosa claro, decote quadrado, grande bolso na saia, abotoado com botão de madeira. O mesmo botão é colocado na pala solta de um lado da blusa. Sugestão de Joan Loring. 3 — Modelinho gracioso em crepe azul turquesa. Aplicação de organza preta nos ombros, mangas e na abinha franzida existente na saia. Saia ligeiramente "godet". 4 — Joan Leslie apresenta às nossas leitoras esse encantador modelinho em lã azul claro. Gola redonda, alta, mangas japonesas, bastante curtas. Aplicação de lã azul marinho na manga e na blusa, formando laços. Saia em panos.



EXPANSÃO AMERICANA DE ARTE FRANCÊSA

EM 1822, a Livraria Arqueológica de Didron, em Paris, publicava pequeno livro intitulado *Les Artistes Français à l'Étranger*, da autoria de L. Dussieux, professor de História na Escola Militar de Saint Cyr.

O autor assim explicava a natureza e os fins da obra:

"Trata-se de assinalar os nomes e as obras dos artistas franceses que trabalhavam no estrangeiro, preparando deste modo os materiais que servirão à história da influência exercida por nossos artistas em diversas épocas sobre a arte dos diversos povos da Europa."

Posta em relevo a influência da França quanto á politica, á filosofia, ao direito, á literatura, ás ciencias, por que, na historia da influencia moral francesa, no mundo, pôr de lado tal influencia quanto á arte? Tal disse Dussieux.

Do seu útil sobre informativo trabalho seja destacado o que diz respeito á America, a principiar pela do Norte e nesta pelos Estados Unidos, tão de bloco no hemisferio setentrional.

Guiar-nos-á sempre Dussieux.

O Congresso dos Estados Unidos incumbiu Franklin de ir a Paris convidar Houdon, a ir á América fazer o busto de Washington, a obra estatuaría a executar em Filadelfia. Tornado á Europa, com um modelo em gesso do busto, Houdon compoz uma estatua de Washington para a sala dos Estados da Virginia. Executou tambem os bustos de Lafayette e Jefferson, aquele para a Virginia.

D. PEDRO II EM 1847.

(Retrato por Monvoisin — No Castelo d'Eu)



Le Paon, pintor de batalhas, morto em 1785, nos seus últimos anos desenhou alguns dos feitos da guerra da Independência. O artista, em 1756, sentára praça de dragão, para melhor observar efeitos de batalhas, numa delas ferido.

Duvier, gravador, por encomenda dos Estados Unidos, gravou medalha em honra do cavaleiro de Fleury, distinto na tomada de Stonypoint em 1779. Dez anos depois gravava medalha representando Washington, por motivo da evacuação de Boston.

Dussieux consigna curiosa noticia a de serem muito procuradas, por gente estrangeira, as tapeçarias de Beauvais.

Aconteceu até, em 1793, vender o governo dos Estados Unidos á França e ao seu revolucionario *Comité de Salut Public* um carregamento de trigo. Recusaram os norte-americanos o pagamento pelo desvalorizado papel moeda francês de então.

Os Estados Unidos convieram em aceitar pelo trigo fornecido uma coleção do *Moniteur*, jornal oficial e tapeçarias da manufatura de Beauvais.

Voltando a artistas, *Mouchy*, escultor, expunha em 1793 um projeto de monumento em memória da Independência dos Estados Unidos.

Chazal, desenhista, em 1840, aguçava quarenta estudos de plantas medicinais para a Escola de Medicina de Lexington.

David d'Angers entregou a Nova York a estatua em bronze de Jefferson, e ao Senado dos Estados Unidos um busto colossal em mármore, o de Lafayette.

Executou ainda o artista outro busto desmarcado, o de Washington, para um particular, o Sr. Manegant, e outro avantajado busto de Benimore Cooper, para ser posto na residencia do celebre romancista em Nova York.

Não mencionou Dussieux nomes de artistas franceses no Canadá, por considerar que na Nova França os monumentos levantados se não podiam ter por obras de artistas franceses em paiz estrangeiro, embora o Canadá em 1852 não fosse mais França.

Em Cuba registra Dussieux o nome de dous franceses, os artistas *Colson Guillaume François*, pintor de historia, discipulo de David, estabelecido em Havana depois de 1824, e *João Debay*, executor em 1877 de duas grandes estatuas de Netuno e Apolo para o Jardim Botânico de Havana.

Tempo houve em que Haiti pertenceu á França, a mencionar ali o grande busto em bronze de Grégoire.

Na America do Sul ocupa-se Dussieux apenas do Brasil.

Começa declarando que após o refugio da Corte de Portugal no Brasil "o governo português resolveu estabelecer no novo imperio as ciencias, as artes e a industria da Europa, á França o Brasil pedindo artistas".

"Le Breton foi encarregado de escolher os artistas que deviam acompanhá-lo e ir fundar no Rio de Janeiro uma Academia destinada a estabelecer no Brasil o ensino e o gosto das artes."

Depois de enumerar os principais e bem conhecidos nomes dos componentes da Missão Artística Francêsa de 1816, traça Dussieux a história da Missão. A certeza das datas e da maioria das informações precisas fornecidas por Dussieux, parece indicar que Dussieux se valeu de dados.

Menciona Dussieux como discipulos de Debret, José de Christo Moreira, marinista e professor de construção naval na Escola de Marinha; Francisco Pedro de Armarel (leia-se Amaral), qualificado pintor-arquiteto, autor dos belos frescos da sala dos Filósofos na Biblioteca Nacional e dos delicados arabescos no palácio de Dona Maria (onde?).

A presença e atuação da Missão Francêsa, segundo Dussieux, revolucionou as idéias dos brasileiros.

"Os pintores até então despreziados foram admitidos nas rodas as mais distintas, gozando geral estima e consideração. "O imperador mandava parar o seu carro para entreter-se com os artistas. Um deles ao pintar, em momento de inspiração tendo deixado cair pincel o vio apanhado pelo soberano". Onde ou de quem Dussieux teria obtido esta noticia?

Com segurança porem informa Dussieux terem varios artistas franceses executado obras importantes para o Brasil.

Enumera Dussieux os seguintes:

Rafaél Urbano Massart, gravador do retrato de D. Pedro.

James Pratier, escultor e em 1850 autor de um busto de mármore de D. Pedro II e autor tambem de baixo relevo para o tumulo de sepultura infantil, no Rio de Janeiro. O baixo relevo representava um anjo levando ao céu uma criança.

Entre os artistas franceses residentes no Rio de Janeiro em 1852, menciona Dussieux.

Felix Emilio Taunay, pintor e diretor da Academia das Belas Artes.

Moreau Moço, pintor de história *Buvelot*, paisagista distinto *Barandier*, retratista.

No Chile anuncia Dussieux ter *Ernesto Charton* encontrado um compatriota, pintor como ele... Charton, sahido de França em 1847, percorreu o Equador e o Perú, tendo executado alguns trabalhos de sua arte em Quito e Lima.

Foi achar no Chile, o pintor *Pedro Raymundo Monvoisin*, residente no Chile depois de 1838. O pintor, discipulo de Guérin, trabalhava bastante no Chile.

Refere-se Dussieux aos jesuitas das missões do Paraguai ha ilmente aproveitando o gosto dos indigenas pela musica para os seus fins catequistas.

Ao chegar ao Paraguai um grupo de jesuitas franceses, os catequisados executaram bailados em honra dos recém-vindos, bailados com musica a dois côros "*dans le bon goût de France*".

Os bailadores tinham tido por mestre de musica missionario francês que, ajudado por seu violino, convertera muitos guaranis.

Completemos, ainda ajudados por Dussieux, as indicações sobre os artistas franceses na America com a menção de dois artistas franceses que trabalharam em Portugal de onde o Principe Regente trouxe para o Rio de Janeiro tantos bons quadros e tantas boas estampas que conosco ficaram.

Luís XIV mandou a Portugal o pintor *Navet* incumbido de pintar a infanta Catarina, futura rainha da Inglaterra. Em companhia do embaixador francês, o marquês de Comminges, Noret chegou a Lisboa onde pintou o retrato encommendado e mais os retratos de Afonso VI e de seu irmão o infante D. Pedro, vindouro rei.

Não se arrependeu Noret de ter ido a Lisboa, onde recebeu quinhentas pistolas, moedas de ouro nada mortíferas, e uma cadeira do mesmo metal com medalha. Presentes sólidos.

A Portugal enviou o rei de Espanha o pintor francês *Rane* para retratar a familia de Bragança.

Luís Miguel Vauloo retratou o marquês de Pombal; Dussieux observando que fundo do retrato é de Vernet. O retrato foi gravado por *Beauvartel*, que e poz o seu traço em 1773.

As informações de Dussieux podem ser uteis a al um reunido de dados sobre a historia da arte a francesa de presença sucular na America e de marca da mesma qualidade no Brasil.

ESCRAGNOLLE DORIA



Sra. Helena Guimarães Galo, catedrática do Conservatório Nacional de Música e competente professora de piano, cujo aniversário transcorrerá dia 9 do corrente, comemorado com uma audição oferecida às suas alunas no I. N. de Música.

Dr. Humberto Ballariny, jovem médico patricio que vem de assumir a chefia do Serviço de Educação Física da Prefeitura do Distrito Federal. É o fundador e diretor da Colônia de Férias para colegiais "Tudo pelo Brasil", em Paulo de Frontin.



Realizou-se no dia 11 de maio, na igreja da Candelaria, o enlace matrimonial da sta. Carmen Camacho Herrera, filha do sr. Antonio Herrera e de d. Dolores Herrera, com o tenente da Aeronautica Walte Rodrigues de Almeida, filho do sr. Argemiro Rodrigues de Almeida e de d. Maria da Gloria de Almeida. Na gravura, os nubentes durante a cerimônia religiosa.

FIGURAS E FATOS



Aluizio, dileto filhinho do deputado federal sr. Aluizio Alves e d. Ivone Alves, aos oito meses.

Na solenidade comemorativa do 109. aniversário do Real Gabinete Português de Leitura, fez-se a entrega dos prêmios do Concurso Literário Eça de Queiroz. Os vencedores, srs. Berilo Neves e Francisco José dos Santos Werneck, respectivamente conquistadores dos prêmios Liceu Literário Português e Póvoa do Varzim, num flagrante batido por ocasião da solenidade.



Um pintor espanhol anti-fascista

Por Ralph Stowger,

(Copyright B.N.S.)

Gregorio Prieto, que nasceu em Valdepenas, La Mancha, no coração da Espanha, deverá ter realizado em Londres, pelo fim de maio, uma exposição de seus trabalhos de pintura.

Em sua juventude, Gregorio estudou engenharia em Madri, porém logo abandonou a carreira em perspectiva para dedicar-se inteiramente à pintura. As suas primeiras exposições em Madri, Barcelona e Bilbao, revelaram uma fina sensibilidade artística, e foram recebidas com muita simpatia pela crítica.

O prêmio de viagem recebido do Governo Espanhol possibilitou a Prieto um estudo intensivo na França, na Grã-Bretanha e na Bélgica. A sua primeira mostra em Paris foi um sucesso, e atraiu a atenção não apenas dos jovens mas de personalidades como Valéry, Cocteau, Montherlant, e Max Jacob. Foi convidado a expor nas Tulherias e nos salões dos "Surindépendents". Seus quadros foram adquiridos pelo "Musée de Jeu Paume", e mais tarde pelas galerias de Veneza de Boston, Los Angeles e Buenos Aires.

Após este período de trabalhos em Paris, Prieto retornou à Espanha, porém, vencendo o "Prix de Rome" espanhol, logo estava empenhado em mais uma viagem em busca de horizontes mais amplos. Dois anos na Itália foram seguidos por visitas à Grécia e ao Egito. Estátuas e templos, a mar e o ar, são retratados com entusiasmo em suas telas. A liberdade destes anos é refletida na espontaneidade de seus trabalhos. No desenho e na pintura de Gregorio Prieto pode sentir-se influência distante do espírito helênico. Sem a visão direta da arte grega, os seus trabalhos, especialmente os desenhos, provavelmente nunca teriam sido produzidos.

Gregorio expôs em muitos locais da Europa. Os seus trabalhos são encontrados nos Museus de Atenas, Paris, Roma, Madri e no Departamento de Impressões e Desenhos do Museu Britânico.

Prieto reside, desde 1935, na Inglaterra, onde se exilou com a revolução de Franco, e onde se dedica a estudar as paisagens, o povo e os costumes britânicos. Publicou três livros de desenhos: "Um Jardim Inglês" (Galeria de Arte Espanhola), "Estudantes: Oxford e Cambridge" (Dolphin Book Co., Ltd.), "Os Sonetos de Shakespeare Dezesete Desenhos" (Alex. Reid and Lefèvre, Ltd.). Recentemente também foi publicada uma apreciação do poeta Garcia Lorca, intitulada "Garcia Lorca como Pintor" (Alexander Moring, Ltd.).

Garcia Lorca, o infortunado poeta e escritor espanhol, autor de "Bodas de Sangue" e vítima do facismo em sua patria, num esplêndido retrato de Gregorio Prieto.

As "cabeças" de Prieto são famosas, e os museus de maior classe procuram adquiri-las para valorizar seus arquivos de arte. Aqui está Miss Beatrix Lehmann, atriz inglesa.

O retrato de uma sobrinha de Paschoal Carlos Magno — "uma figura típica de menina brasileira" — incluído na exposição que Prieto vem de realizar em Londres.





Nada enfeita tanto uma mulher do que boas peles... Peggy Knudsen, da Warner Bros., apresenta aqui duas sugestões dignas de serem apreciadas. 1 — Grupo de seis mantas, de grande "chic" e beleza. Essas peles tanto podem ser usadas sobre um vestido "sport" como sobre uma "toilette" mais "habillé". 2 — Cepa de lontra, com gola alta, mangas formadas por 2 aberturas.

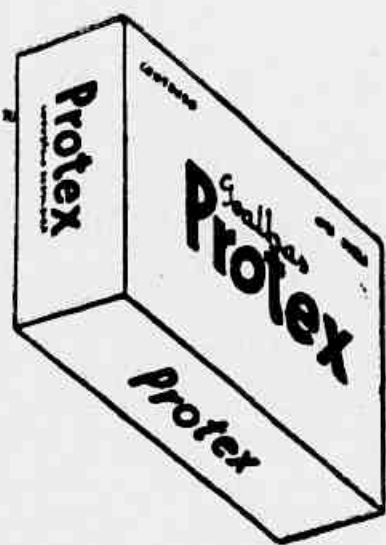
PELES

CYMA

RELOGIO SEM IGUAL



**CHRONOGRAPHO
DE ALTA
PRECISÃO**



A mais perfeita
e moderna
toalha higiênica

Feita para a mais
exigente e delicada
sensibilidade feminina

Lembre-se das vantagens que lhe
proporciona a toalha "PROTEX"

Suave, macia, invisível, face externa
impermeável, absorvente poderoso,
garante proteção, conforto e bem estar

A toalha "PROTEX" protege
"PROTEX" a toalha protetora



Fábrica

Av. N. S. de Copacabana, 98 — Terreo — Tel. 27-8757



A venda nas farmácias e lojas de artigos femininos

T E A T R O

O grande problema

Debatem-se artistas e autores, empresários e críticos, á busca dos motivos fundamentais da crise do teatro no Rio. De início é caso para indagar: Existe realmente essa crise?

Aparentemente não. Os teatros vivem cheios e as peças eternizam-se em cartaz. No Serrador, Eva Todor reapareceu logo depois do Carnaval, e três meses depois ainda sustentava em cartaz a mesma peça. Bibi Ferreira conservou durante dois meses programada "Rebeca", original cuja estréia fôra vaticinada como um sucesso muito problemático. Na Praça Tiradentes uma companhia de revistas ao estreiar a segunda peça, o faz anunciando que com ela vai encerrar a temporada, pois não tem tempo para novas montagens. Em um fim-de-semana, a revista "Fôgo no Pandeiro" fez cem mil cruzeiros, e a comédia "Candida" andou beirando a metade dessa cifra num sábado e domingo.

Os preços das localidades subiram e assim mesmo são procurados com entusiasmo. As companhias que desfrutam das simpatias do público, devem estar compensadas do seu esforço, e como sucesso estimula para novos sucessos, aí temos Jaime Costa gastando respeitável quantia para a montagem de "O 13.º Mandamento", peça que não se filia ao chamado gênero "chanchada", mesmo com um terceiro ato divertido.

Com todo esse movimento, repetimos: Existe realmente crise de teatro no Rio?

Sim, existe. Crise exatamente de teatro, não, mas de teatros nos quais as companhias possam instalar-se sem preocupações, dando conta do seu repertório, experimentando as reações favoráveis da platéia e ensaiando vôos mais altos no gênero de seus espetáculos. Eva Todor não voltará aos papéis de menina-e-moça desde que a platéia recebe-a com acatamento em papéis de maior quilate. Dulcina e Odilon preparam-se para uma temporada de grande

envergadura dramática, depois das experiências tão bem sucedidas em 45.

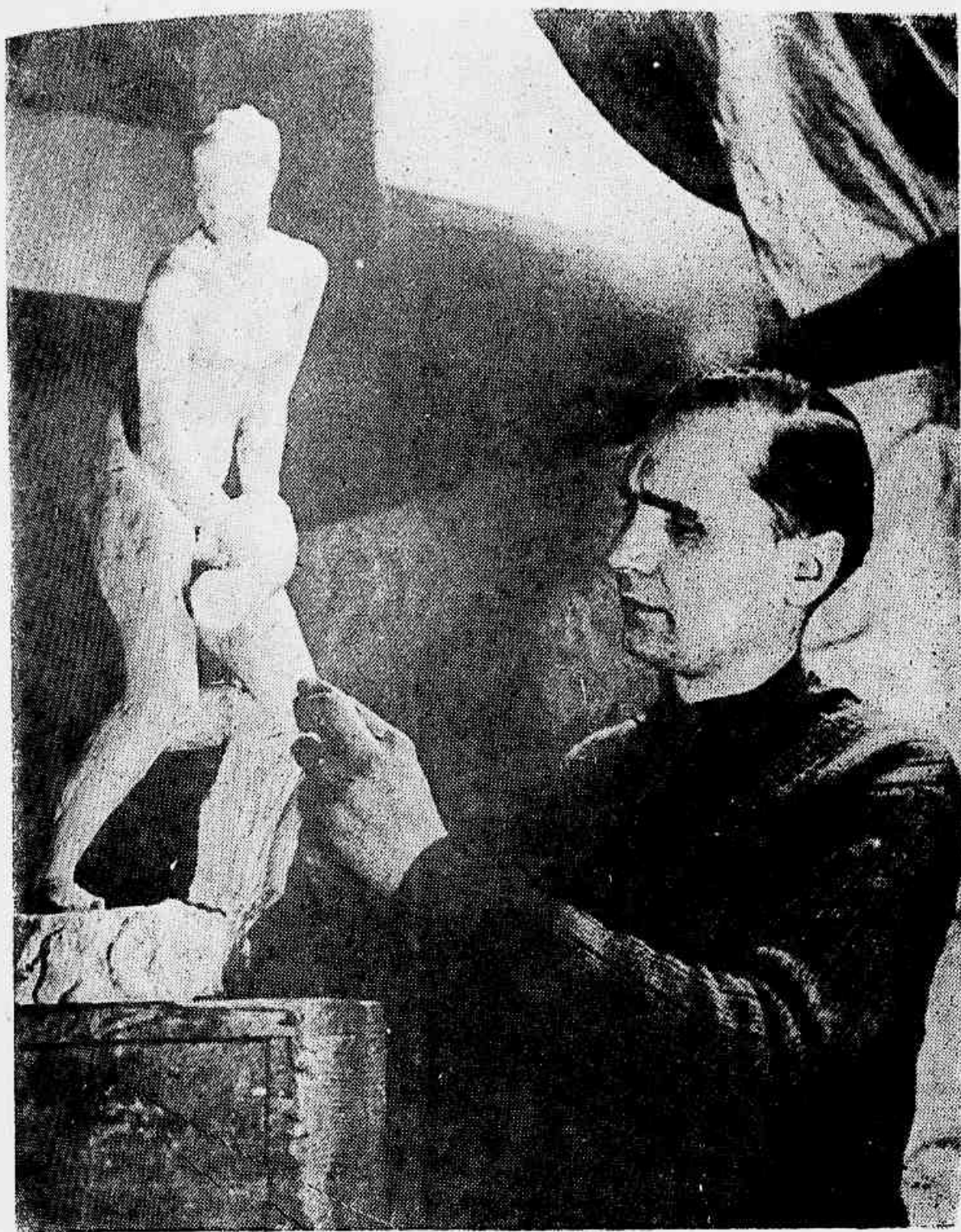
Todos esses fatos que ninguém ignora nem pode desmentir, confirmam uma suprema verdade: O lema real, o maior e definitivo, está na falta de teatros.

Somos uma capital de dois milhões de habitantes que já comporta dez ou quinze teatros funcionando com regularidade nos meses fortes do ano e temos pouco mais que a metade. Vai ainda desaparecer o Fenix, dali se retirando e interrompendo sua temporada, uma companhia para entrar outra que não poderá ficar mais de quatro meses. Não cabe discutir qual delas faz mais jús ao Fenix, desde que se cuida de examinar o problema coletivamente. E o resultado do exame acusa este diagnóstico: Existissem casas suficientes e não haveria as competições de bastidores que realmente existem. Toda via, o aluguel de qualquer dos nossos teatros é oneroso e exagerado — e assim mesmo os teatros são disputados. Briga-se para segurar um. Prova de ser bom negócio a manutenção de companhias nos teatros cariocas? Não. Prova da falta de teatros permitindo essa valorização exorbitante.

Todos os demais problemas ficam em condições inferior, impondo-se a solução do que diz respeito á falta de casas para os elencos existentes e os que aguardam vês de estreiar. Mas quem fizer um confronto do panorama teatral de 1946 com o de quinze anos passado, quando o Trianon era o único teatro de comédia da cidade e ninguém brigava para consegui-lo como se peleja agora para obter o Fenix, — que já então existia mas se considerava a "caveira de burro" — ha de reconhecer que as coisas melhoraram. Para o teatro, os artistas, os empresários, os autores — e ás vês também para o público.

O que estamos vendo, além das filas do ônibus, do pão, da carne, do leite e das bilheterias de teatros e cinemas, é mais uma: A fila das companhias que aguardam vês para obter um teatro e nele trabalhar. — CS

A Sociedade do Distrito Federal de Assistência aos Lázaros espera sua colaboração para a manutenção do Educandário Santa Maria, em Jacarepaguá, onde ela abriga e educa 112 crianças sardas, filhas de hansenianos — Rua Santa Luzia, 789 — 15.º and. S/1513 — Fone 42-8264



ARTES PLASTICAS

Nascido em Paris, em 1910, Raymond Martin demonstrou, ainda bem jovem, notáveis aptidões artísticas. Terminado o curso secundário, conseguiu matricular-se, com muita dificuldade, na "Escola de Artes Aplicadas" de Paris, onde, graças a sua pronunciada tendência artística, se tornou um mestre na arte que escolheu.

Em 1929 expôs no salão das Tulherias um busto de homem; em 1942 já fazia parte dos Membros do "Comité" desse Salão.

Esculpiu várias obras de real valor, tendo sido algumas adquiridas pela Cidade de Paris e pelo Estado.

Escultor de talento, Raymond Martin, está trabalhando atualmente no monumento ao Marechal Foch, principiado em colaboração com Robert WLERICK.



PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto **CUSTA PENNA** BAHIA BRASIL



Tenha o mundo a seus pés

Uma cabeça bem cuidada com cabelos sãos e juvenis completa a elegância. E o mundo a notar como pensa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a caspa e tonifica a raiz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabeleiros de 1.º ou nas suas 8 combalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO PÓMO FICAR DO CABELO

TINTURA FLEURY

DA JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucas minutos e sem nenhum esforço, os seus cabelos, com a Tintura Fleury, tornam-se jovens e brilhantes.

A PRINCIPAL VANTAGEM:

Tem o mesmo efeito imediato sobre os cabelos que a Tintura Fleury, mas sem o inconveniente de manchar a roupa.

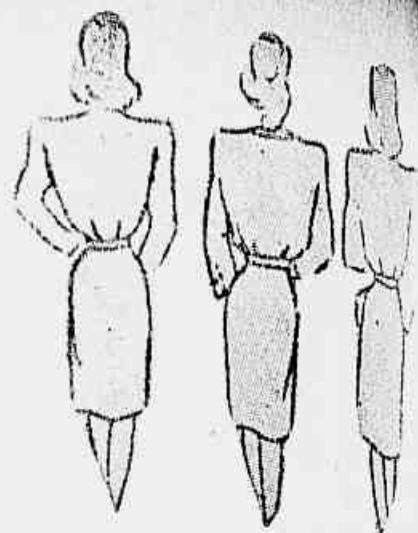
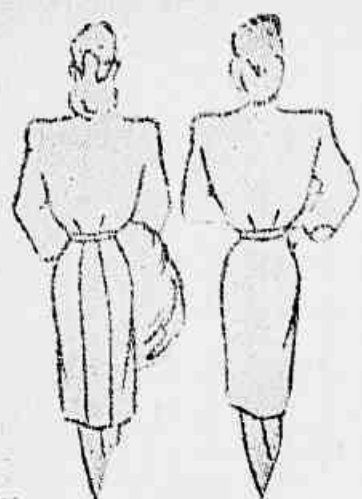
Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____

País: _____



MODELOS PRATICOS

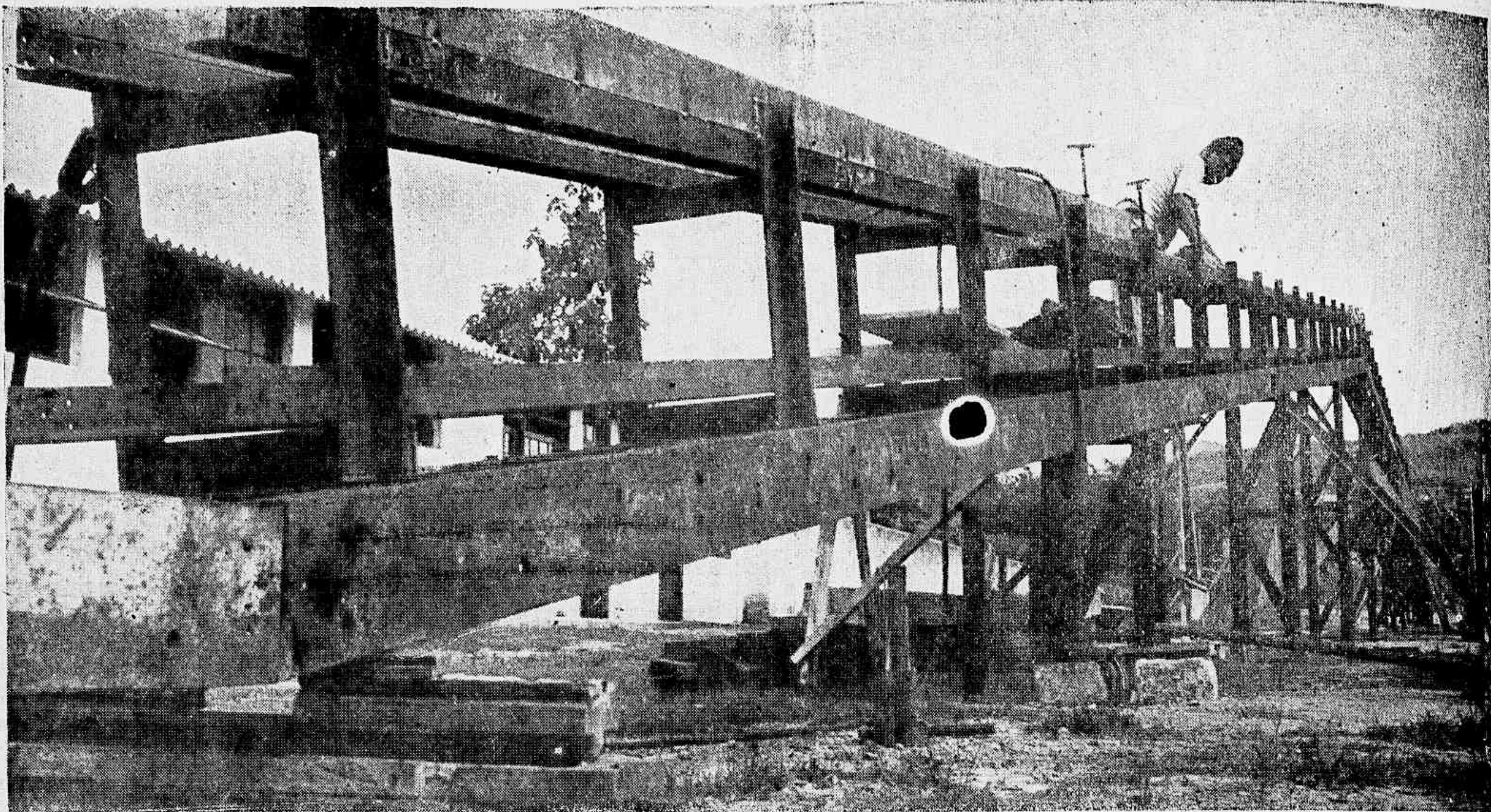
1 — Modelo em lã verde folha, "pestanas" pespontadas na blusa e na saia, botões de madeira. 2 — Modelo simples e elegante em lã lilás. Bolsos originais. Grandes pespontos em linha roxa. Os botões estão ocultos sob a "pestana" que vai de cima até em baixo. 3 — Modelo de lã violeta, com bolsos de grande originalidade, com grandes botões da mesma fazenda. Blusa transpassada. 4 — Vestido de lã bege. "Plastron" na blusa, com pespontos e botões de madeira. Saia com "macho" na frente. 5 — Mais "habillé" é este vestido de lã marrom, com babados "godet" na blusa e na saia.



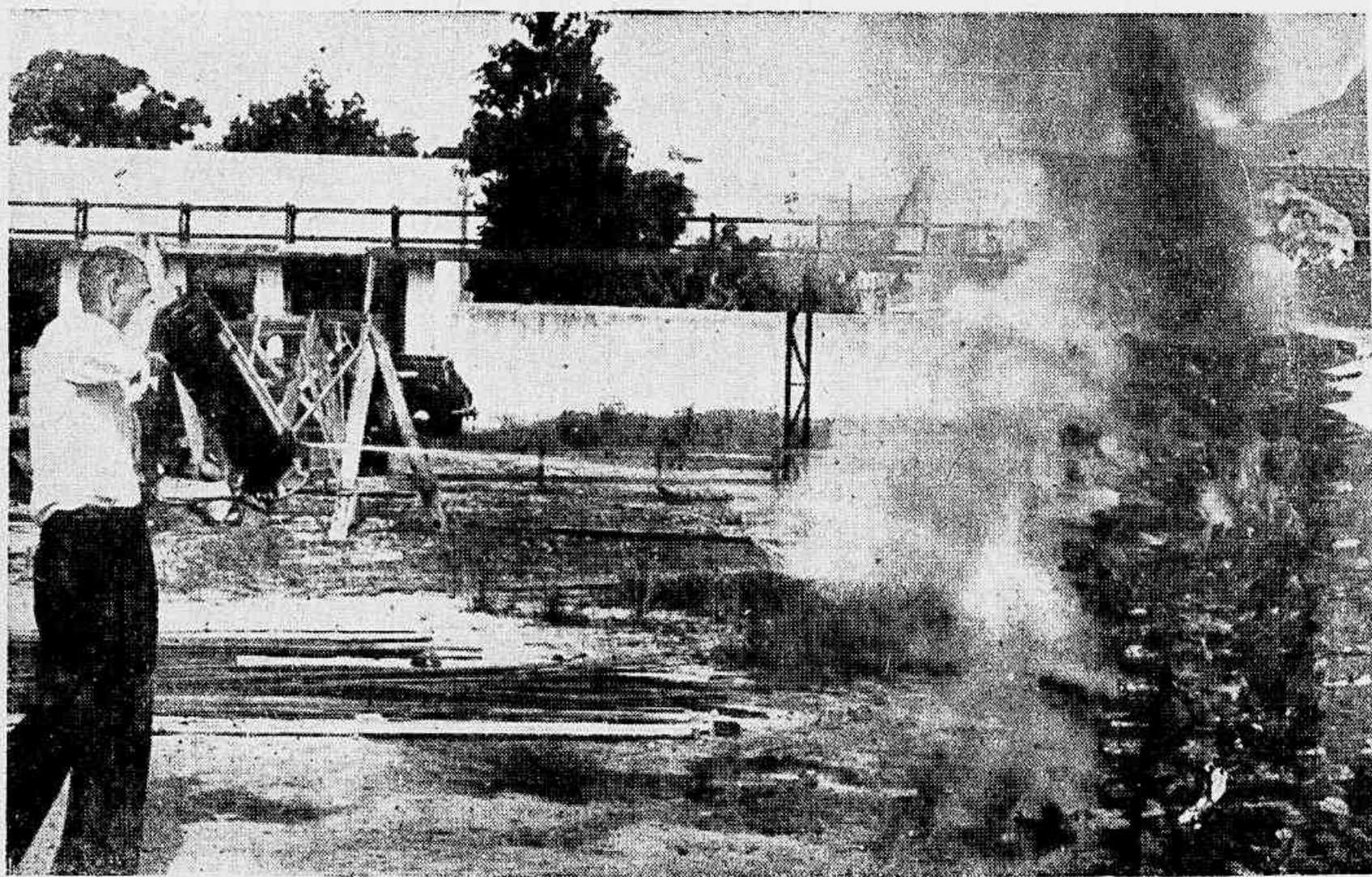
PARA GENTE MIUDA

1 — Casaquinho de lã verde claro com viez nos bolsos de lã verde escuro. Capuzo verde claro. 2 — Casaco em gabardine bege, gola e bolsos com aplicação marron. Costuras pespontadas na frente. 3 — Impermeavel branco, bastante "godet", com capuzo, gola e guarda-chuva azul marinho com "pois" brancos. 4 — Capa impermeavel com capuz em gabardine branco. Botões fantasia, formando pequenos passaros. 5 — Casaquinho para chuva, com aplicações em tom verde, pespontados, nos bolsos e ombros. Chapeuzinho com aba pespontada, batido na frente. 6 — Impermeavel em celofane branco. Capuz do mesmo material. 7 — Casaco azul claro, capuz e aplicações em tecido escocês.



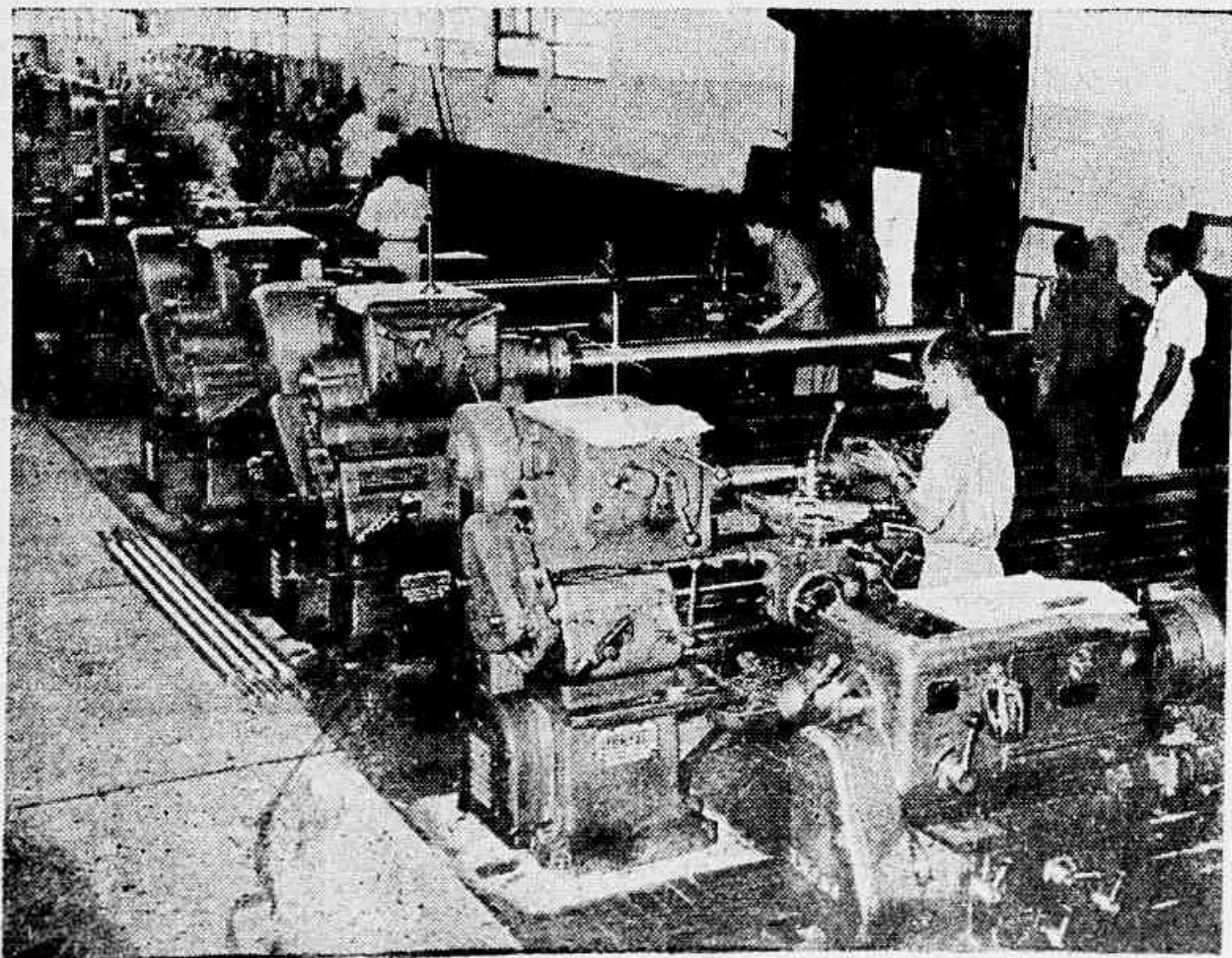


Esteira transportadora de granadas, que está sendo construída pela "INDAL" para o Ministério da Guerra. É um conjunto para o transporte de material quente e frio.



Prova de extinção de incêndio com extintor "Indal" carregado com soda-ácido. A fogueira estava impregnada de material altamente inflamável (gasolina, alcatrão e óleo combustível), e o fogo foi extinto em menos de 1 minuto, a despeito das enormes labaredas que se levantavam.

Vista parcial de secção de ferramental, vendo-se diversos tornos de precisão em funcionamento.



VISITADO POR D. JAYME CAMARA UM GRANDE CENTRO DE TRABALHO

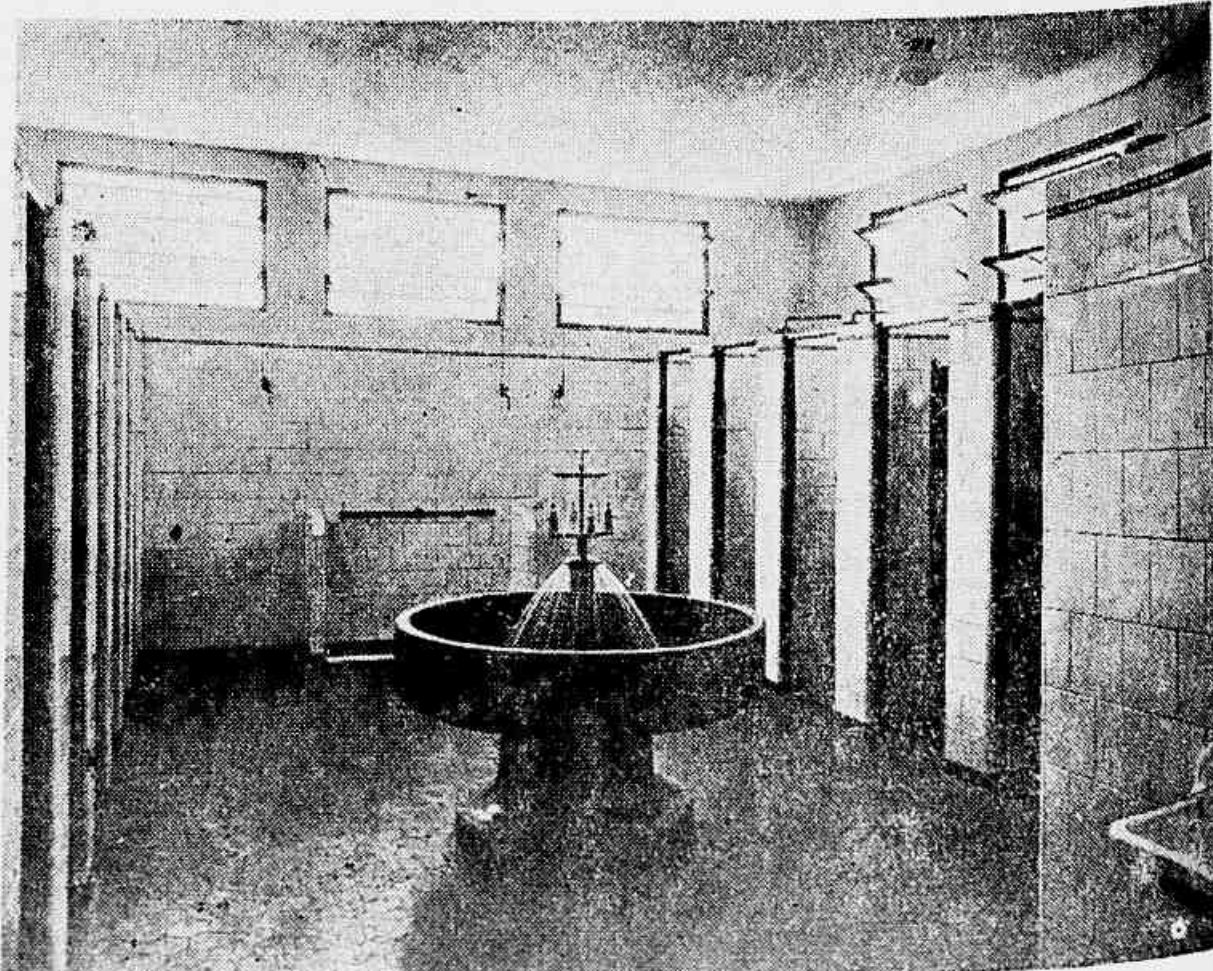
O QUE É A "INDUSTRIAS DE AÇO E METAIS "INDAL" S. A."

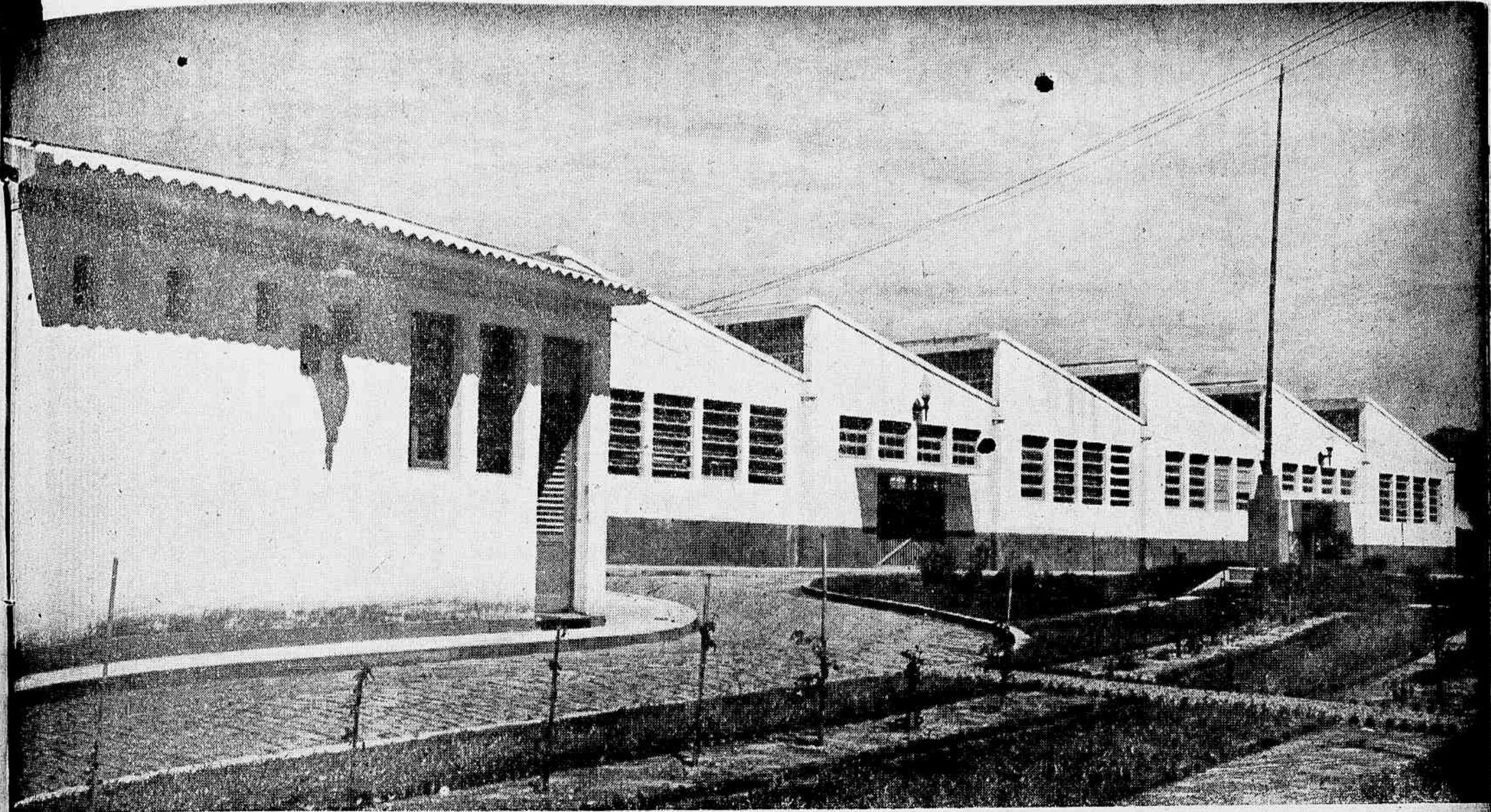
A visita pastoral de S. Eminência o cardinal D. Jayme Camara à Paróquia de Inhaúma, deu-nos a oportunidade de conhecer, em companhia de S. Em., uma fábrica moderna, de capital privado — a "INDUSTRIAS DE AÇO E METAIS "INDAL" S. A.

A quem transita pela rua José dos Reis não é dado avaliar o que de atividades úteis se desenvolvem na parte interna dos portões do n.º 1511. Desde a portaria até as suas oficinas, fica o visitante impressionado pela disposição justa dos utensílios e das máquinas que fornecem pão e teto a centenas de seres humanos, de ambos os sexos. A locação das máquinas e aparelhos dentro de uma linha rigorosamente técnica, em pavilhões para tal fim construídos; as primorosas instalações sanitárias para o operariado; o regime de trabalho; a harmonia de vista entre empregados e empregadores, têm como consequência imediata um ritmo apreciável de produção.

Ouvimos a palestra de S. Eminência com os operários: todos estão satisfeitos. E o sr. Milton Salgado de Souza,

Aspecto de parte das instalações sanitárias para os operários da importante empresa.

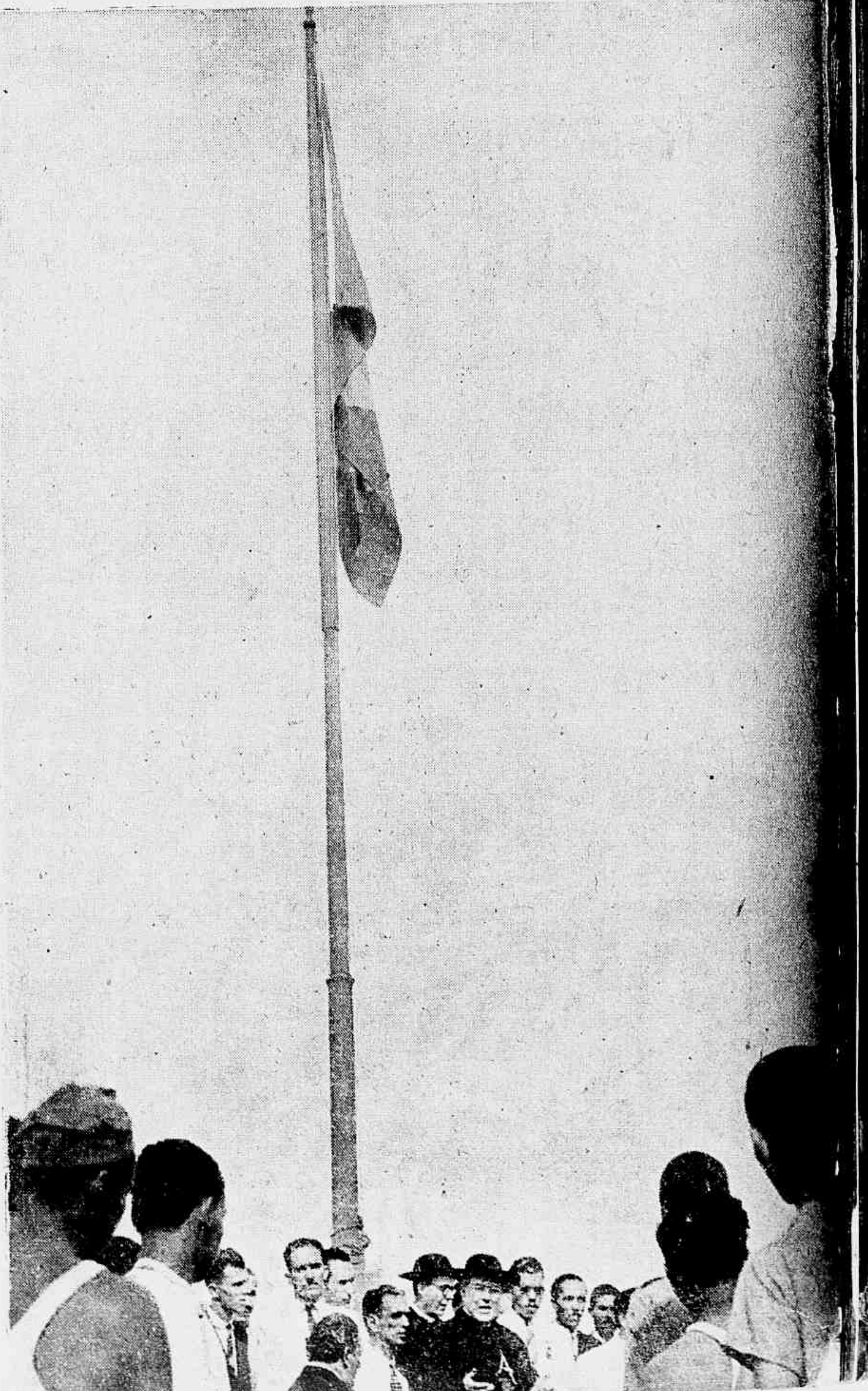
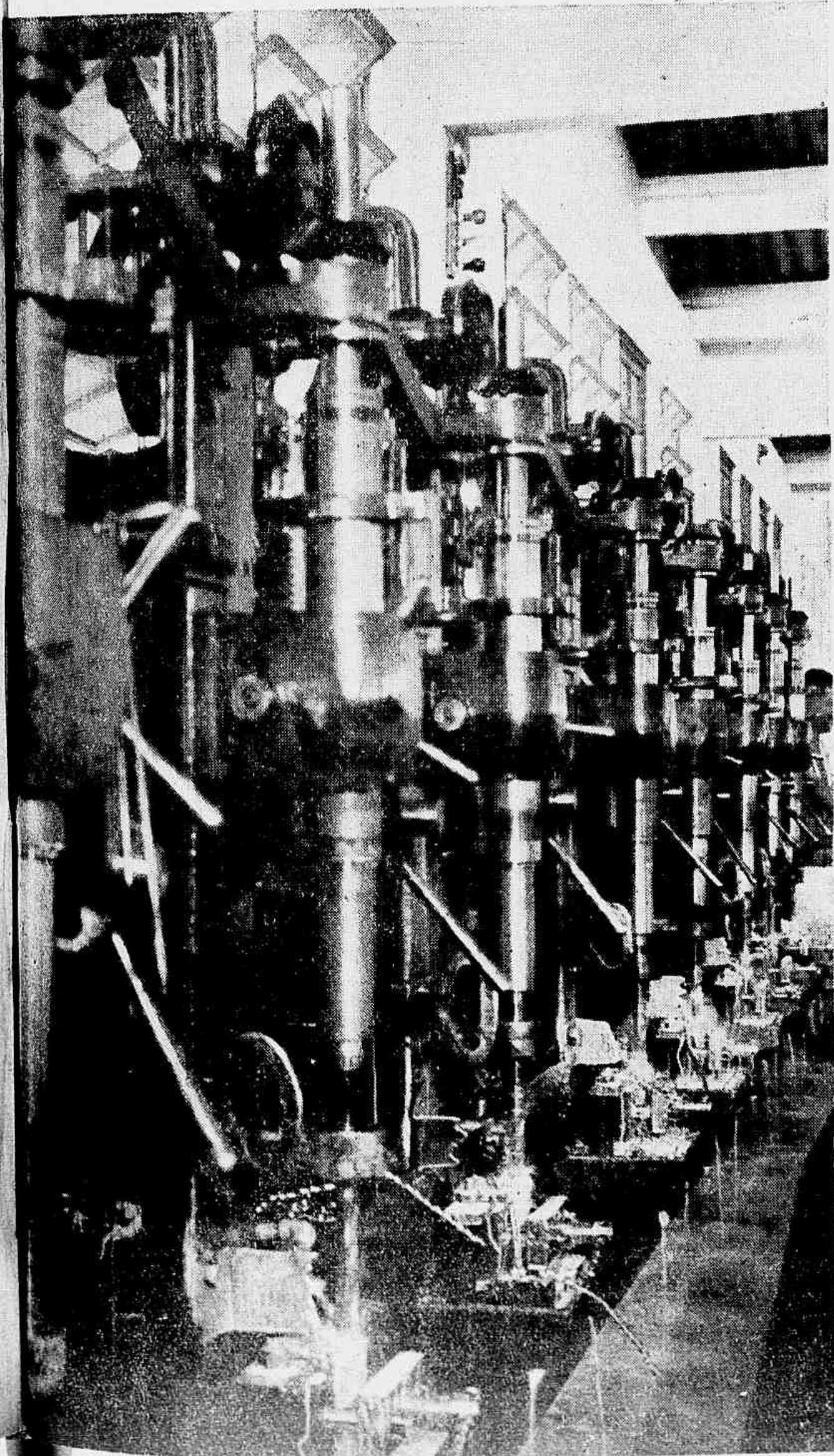


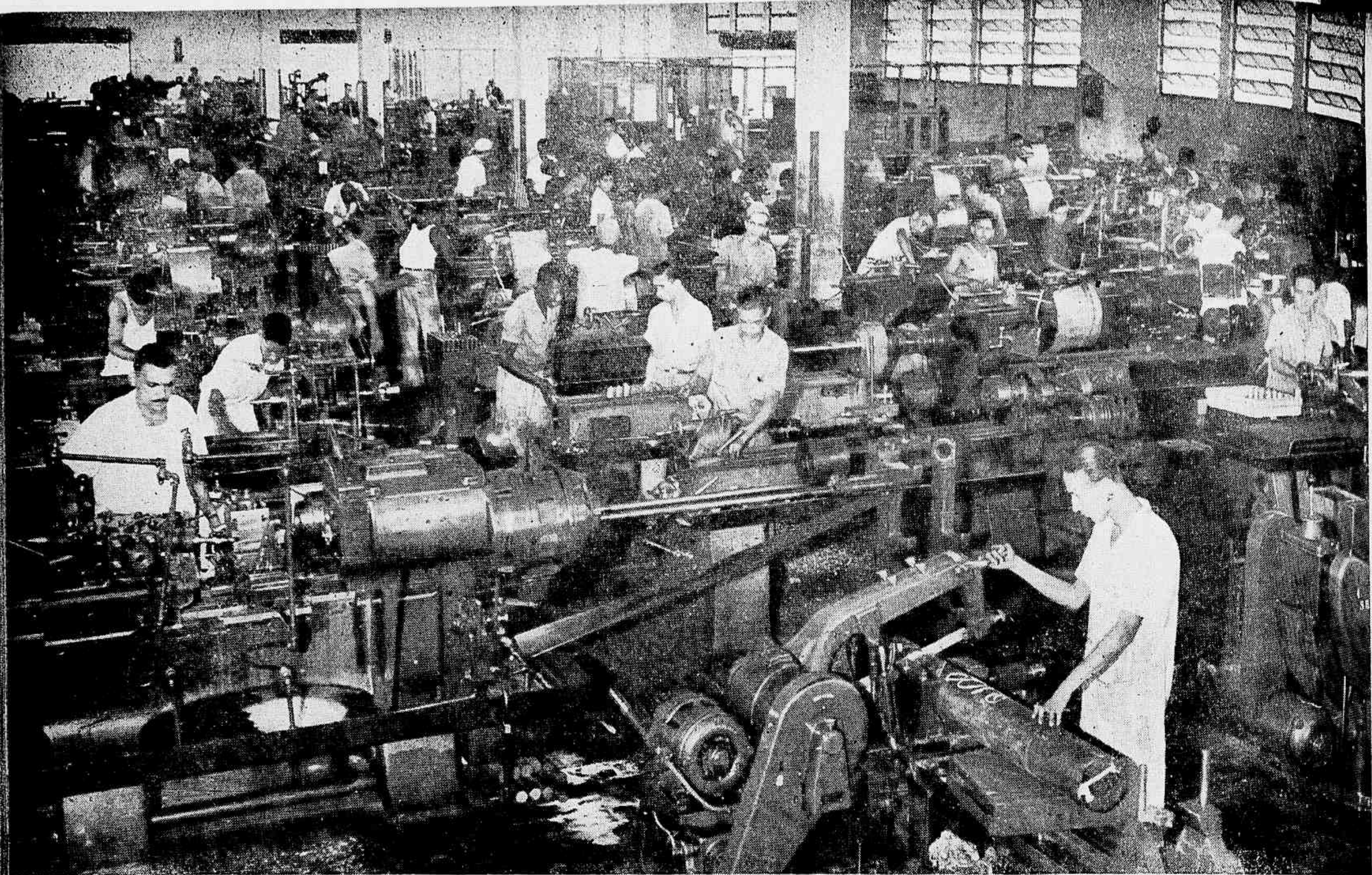


Vista externa das instalações da "Industrias de Aço e Metais "Indal" S. A.", vendo-se em primeiro plano a Casa da Força e em seguida o principal pavilhão das oficinas.

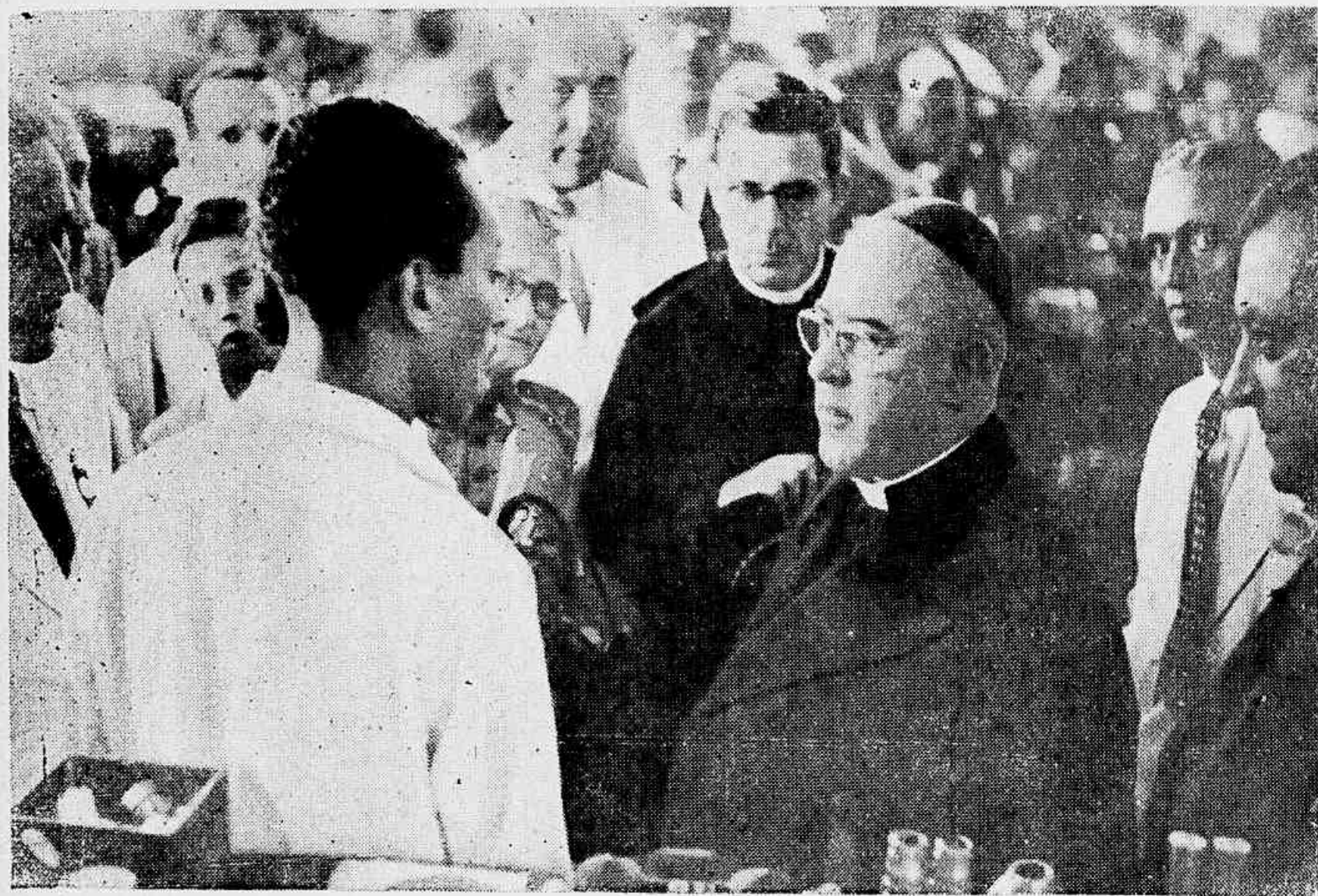
Grupo de furadeiras construídas pela "Indal". Estas furadeiras foram feitas para atender à produção que se fazia necessária no período da guerra, para a fabricação de tubos porta-detonadores.

O cardeal D. Jayme Camara falando aos operários da "Industrias de Aço e Metais "Indal" S. A.", dizendo das impressões que recebera daquela visita, sendo entusiasticamente aplaudido pelos trabalhadores.





Esse aspecto parcial das grandes oficinas da "Indal" diz bem da grandiosidade das suas instalações e do papel que a mesma representa no nosso parque industrial.



D. Jayme Camara palestrando com o operário João Mendes, assistente de produção, num dos momentos de sua demorada visita à "Indal".

O diretor industrial da "Indal", sr. Milton Salgado de Souza, expõe a S. E. o cardeal Camara o carinho ali dispensado ao trabalhador. Vê-se um operário (à esquerda) trabalhando em uma afiadora, tendo os olhos protegidos com óculos apropriados contra estilhaços e faíscas.

dinâmico e entusiasta Diretor Industrial, nos disse: "meu amigo, aqui vivemos como em família; e julgo ter em cada auxiliar um amigo sincero".

A "Industrias de Aço e Metais "Indal" S. A., especializada em fabricação de ferramental para oficinas, produção em série de peças de aço e material de guerra, fundição de metais não ferrosos, usinagem em geral, instalações mecânicas, ferramentas diversas, etc.

Acaba de lançar a fabricação de extintores de incêndio marca "INDAL", rigorosamente de acordo com as exigências da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. E está aparelhada para o preparo de planos de fabricação de material, quer de uso civil, quer de aplicação militar.

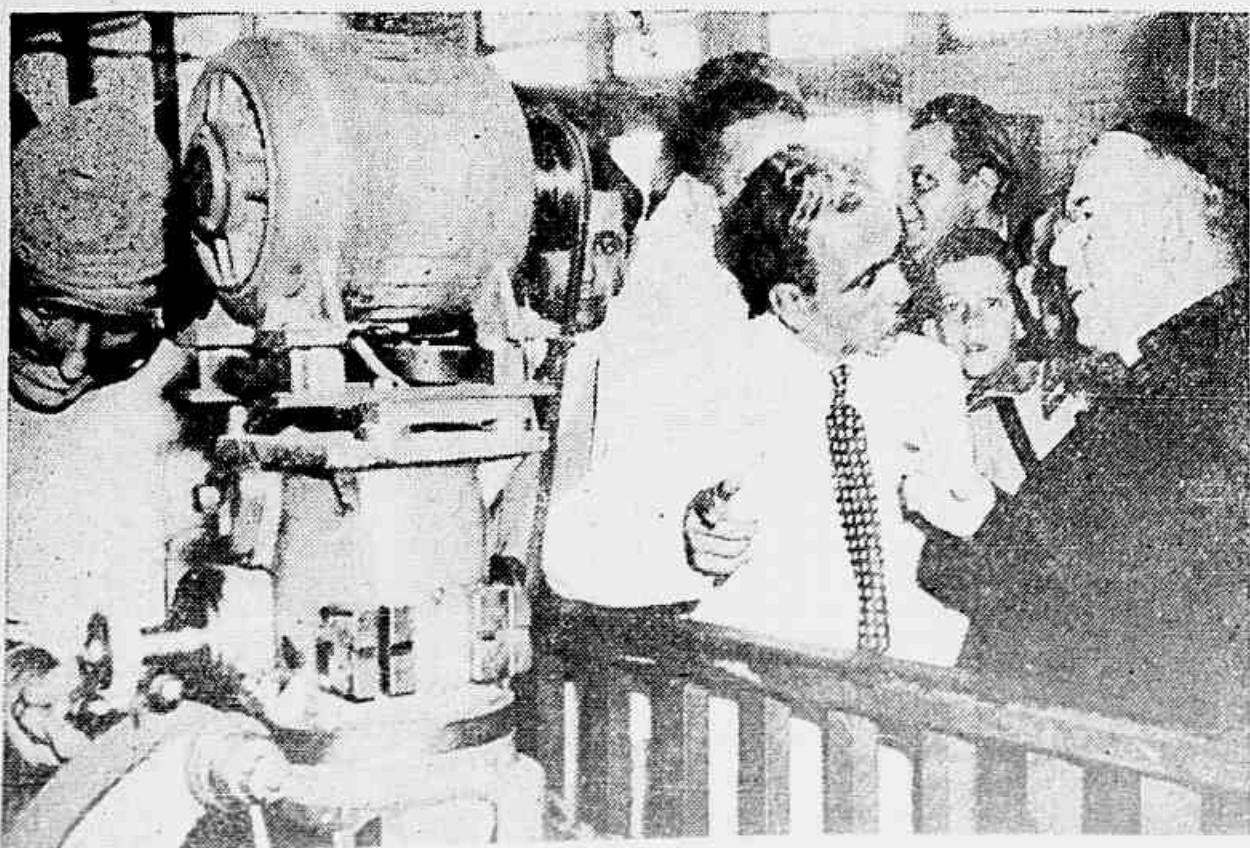
É Diretor Superintendente da "Indal" o Dr. Mário de Oliveira Brandão, tipo perfeito do "businessman".

Os flagrantes fotográficos destas páginas, ilustram a nossa reportagem e dão mais perfeita idéia do que vimos.



A visita de S. Eminência o cardeal D. Jayme Camara à "INDAL" decorreu num ambiente de festa e cordialidade. Recebido pelos diretores da importante empresa e altos funcionários da mesma, S. E. percorreu detidamente todas as suas dependências, interessando-se vivamente pelo funcionamento das diversas seções, detendo-se aqui e ali para palestrar com os operários e chefes de serviço, assistido de perto pelos srs. Milton Salgado de Souza e Mário de Oliveira Brandão e seus auxiliares. Assistiu S. E. a diversas demonstrações do fabrico de peças, bem como à prova de extinção de incêndios pelos extintores "Indal", sempre interessado pelo que via. Depois que lhe foi oferecida uma mesa de doces, D. Jayme Camara falou aos operários, sendo vivamente aplaudido, e ainda debaixo de aplausos deixou a "INDAL", onde encontrou um ambiente de trabalho e mútua compreensão entre empregados e empregadores, digno de ser imitado.

Na oficina de produção em série, S. E. D. Jayme Camara, demonstrando seu grande interesse por tudo o que via, examina com atenção um tampo de granada de 81 mm. para morteiro Brandt, em fase de fabricação. Este flagrante demonstra o interesse que dominou o ilustre visitante.



BIBI EM "CONCHITA"

Vai a temporada de comedia, no Rio, atingindo o seu periodo culminante com a entrada de junho. E' nesta época exatamente que os nossos poucos teatros disponiveis proporcionam ao público seus melhores espetáculos. E se esses teatros fossem em maior número, também em maior número seriam as companhias em funcionamento. O problema da falta de casas de espetáculos apresenta-se, exigindo uma solução que ás nossas autoridades cabe resolver, posto que a iniciativa particular, nesse capitulo, é ainda por demais escassa. Anuncia-se o advento da temporada oficial no primeiro teatro da cidade, o Municipal, com os concertos de Brailowsky, seguidos da companhia dramatica francesa, da opera e dos bailados, enquanto os demais teatros capricham na elaboração de seus programas. Agora mesmo, no Fenix, a companhia Bibi Ferreira vem de encenar uma peça de Pierre Louys vertida para o nosso idioma por Miroel Silveira sob o titulo "Conchita — a Mulher e o Boneco", apresentada com o apuro de montagem a que já nos acostumou esse elenco. Os cenários

são de Cajado Filho e Oswaldo Motta, enquanto os figurinos e o guarda-roupa obedecem ao lapis de Oswaldo Motta. Há no "cast" de "Conchita", além de um excelente trabalho da primeira figura do elenco, a contribuição de um grupo de artistas homogêneo, destacando-se Graça Mello, Cléa Suzana, Luiza Barreto Leite, Pinguinho, Angelo Labanca, Nuripê Bittencourt, Mozart, Ilidio Costa, etc.

Há ainda a presença de varios "extras", para dar maior colorido ao ambiente, pescadores, marinheiros e mulheres do povo. Trata-se de um original romantico e de aventuras, no qual Bibi encontrou oportunidade para reafirmar seus dotes de boa comediantes, mas também se apresentando como cantora e bailarina. A jovem e vitoriosa atriz patricia pode assim, imprimir ao seu papel de mulher caprichosa, temperamental, de alma de artista apaixonada, todo o arrebatamento e impetuosidade que o autor imaginou.

No transcurso da temporada, esse elenco promete ainda, no Fenix, a montagem de uma peça extraída do romance de José de Alencar, cuja encenação exige



Bibi no papel de Conchita, a protagonista da peça de Pierre Louys "Conchita — A Mulher e o Boneco", traduzido por Miroel Silveira, a segunda peça da temporada de Bibi Ferreira no corrente ano.

um grande dispendio de capital. Segundo foi publicado, também

uma peça de Edmundo Lys — "Capitú" — inspirada em um

Na peça referida, Bibi não só representa, mas também canta e dança. A gravura abaixo, mostra a artista, bailando á espanhola. De costas, Graça Mello e Dary Reis, e de perfil, Nuripê Bittencourt, este no papel de Pablo, quando diz: — "Bravo, Conchita! Você dança melhor que o meu barco em dia de tempestade!"





Dois momentos decisivos da peça de Pierre Louys, com os protagonistas Don Mateo Diaz (Graça Mello) e Conchita (Bibi). No primeiro, á esquerda, ela diz: — "Olha, olha para uma mulher livre! Completamente livre de ti! Dona de seu corpo e de sua alma!" — enquanto á direita, é Don Mateo quem a ameaça: — "Agora tudo isso acabou. Terás que ser minha, por bem ou por mal!"

Conchita (Bibi), a sra. Perez (Branca Mauá) e Pepa (Cléa Suzana). A primeira convida-as a retirarem-se, dizendo: — "Vamos embora, imediatamente, e não voltaremos mais. Depressa, de repente Don Mateo cisma de voltar e eu não quero que ele ponha mais os olhos em cima de mim! Vamos!"

conto de Machado de Assis, será representada.

Os amores de Don Mateo Diaz e Conchita, dão margem ao desenrolar de situações apaixonantes e de grande efeito na plateia. Aqui vai uma das quadras cantadas por Bibi, com acompanhamento ao violão por Dary Reis:

Mejor que tu baila un perro
Mejor que tu canta um gato
Si ti pusieran en venta
No te compraria ni un pato!
Olé!

A rivalidade surgida entre Pepa e Conchita, ambas disputando o mesmo coração de homem, tendo como cenário a romantica Sevilha, é o "pivot" da historia de Pierre Louys. Em dado momento, elas se defrontam e trava-se um dialogo ironico:

— Não dança mais, Pepa?
— Não.

— Nesse caso em nome de Sevilha... em nome de toda a Andalucia e da Espanha inteira, obrigada... Danço eu...

E o romance de Conchita e Don Mateo continua os seus lances dramáticos, por vezes cómicos, em outros repassados de forte emoção. E' assim "Conchita", de Pierre Louys.



para
que

será

Diaz
de-
man-
teia.
can-
inha-
Reis:
perro
gato

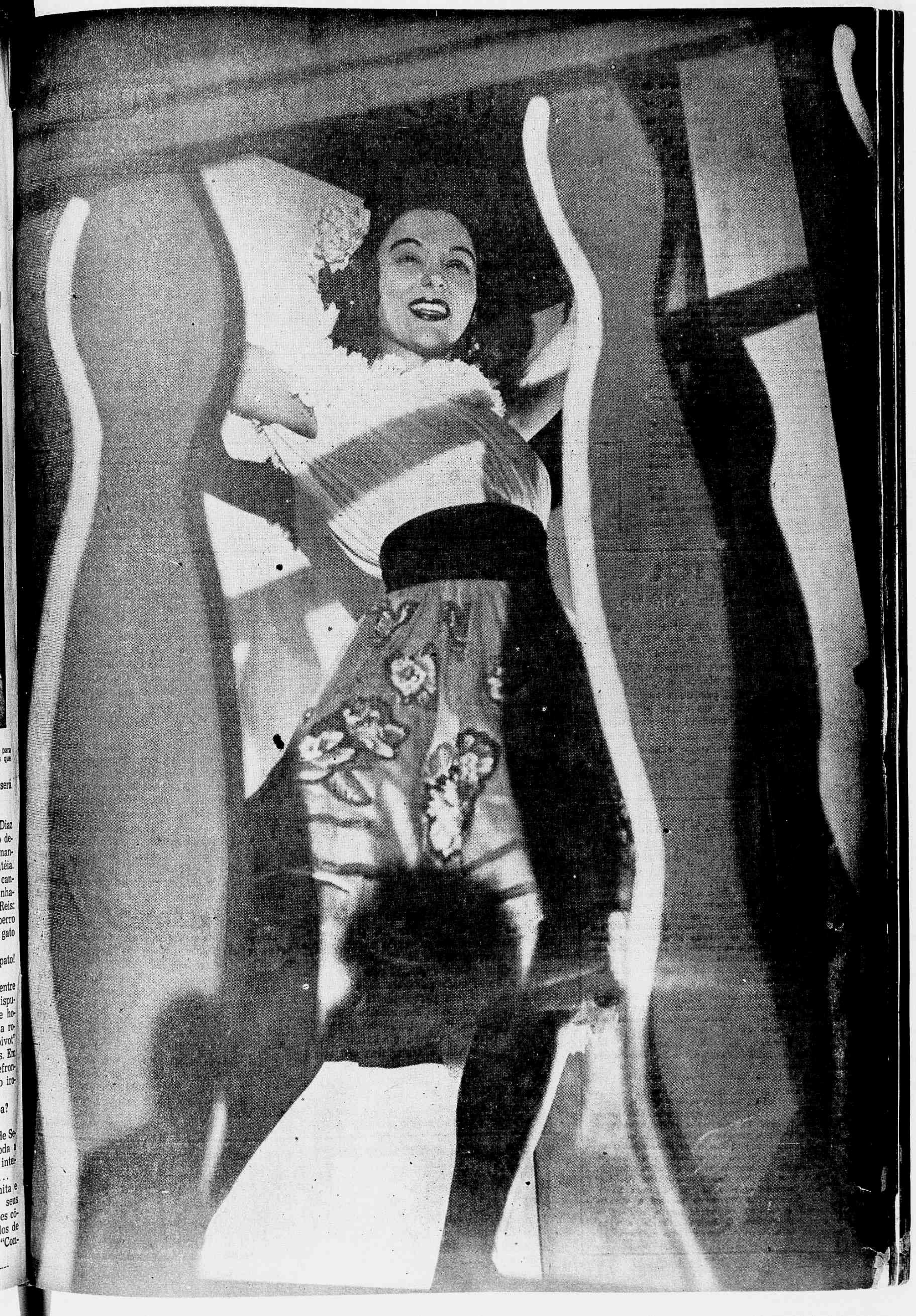
pato!

entre
ispu-
e ho-
a ro-
ivot".
s. Em
efron-
o iro-

a?

le Se-
oda +
inter-

nita e
seus
es cô-
los de
"Con-



SAUDADE

(Por Maria Dezonne Pacheco Fernandes)

CHORA o Brasil: a morte do seu verdadeiro cântor. Aquele que melhor compreendeu e sentiu a alma agreste desta terra, que foi tão simples como o gorgear do bem-te-vi; tão nostálgica como o queixume do sabiá e tão sincera como o arrular das nossas pombas rôlas.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia se é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alho "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para combater a acne, o acne e o ressecamento da pele.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua pele ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alho "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e espinhas e a tendência para pigmentação.

O tipo, o brilho de uma pele viva e saudável volta a aparecer com o uso do "Creme de Alho "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alho e Frutas.

Foi-se com ele a própria alma sertaneja do Gigante Brasileiro! Quem poderá, agora, cantar tão bem as noites de prata, as manhas vermelhas, as luxuriantes belezas das nossas matas e o murmúrio doce dos nossos rios?

Foi-se Catulo, o trovador perfeito do Brasil. Dir-se-ia que os seus cantares nasciam do amago do coração destas plagas, tão verdadeiros em a sua simplicidade e tão plenos de beleza nacional.

Partiu num dia de maio todo

bonito, engalanado de sol, do perfume de nossas flores, do gorgear dos nossos pássaros, levado para a Eternidade o interprete da nossa poesia. A Natureza não o quis decepcionar. De ouro e azul vestiu-se para o homenagear, e a Lua, prateando a sua última noite junto de nós, chorando comovida a sua grande mágoa de o ver morrer, numa reverência agradecida de morte que lamenta a partida do Amado, parecia cantar aos nossos ouvidos os versos magníficos do Artista:

"Não há, oh gente, oh não, luar
[como êste do sertão...]

"Oh! que saudade do luar de minha terra,
Prateando lá na serra fôlhas sê-
[cas pelo chão.
Este luar cá da cidade tão es-
[curo,
Não tem aquela saudade do luar
[do meu sertão...]

"A lua nasce por detrás da ver-
[de mata,
Mais parece um sol de prata
[prateando a solidão...]

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino

Rua Cap. Salomão, 67

Telefone: 4-1569

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

DE MUSICA VALORES NOVOS

Assinalamos com simpatia uma série de iniciativas magníficas no sentido da difusão cultural que estão atualmente sendo postas em prática em diversos setores. Observando as atividades musicais do Rio, hoje em dia, verificamos, que a par do elevamento geral do nível de cultura do nosso público, fruto desse movimento saudável, há, confirmando a nossa constatação, inúmeras associações formadas espontaneamente, afim de dar oportunidade ao aparecimento de valores novos. Com esse nome, mesmo — Valores Novos —

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

está sendo realizada uma série de recitais com esse objetivo. Se nem sempre esses programas apresentam grandes talentos — o que seria evidentemente exigir demais — pelo menos contribuem afim de aumentar as possibilidades do artista jovem que surge no nosso meio musical e encontram, naturalmente, todas as posições ocupadas por elementos de longo tirocinio com os quais não podem competir, não porque lhes falta valor, mas porque aos outros sobra experiência.

Ora, é justamente no momento que o interesse do público desperta, que surge um campo maior, dando aso a que os mais moços não se vejam forçados a "esperar a vez", na expectativa forçosamente maligna de decadência dos mais velhos.

A Prefeitura, por intermédio de seu Departamento de Divulgação Cultural, tem se mostrado compreensiva e bem orientada nesse sentido, não só na escolha da direção do órgão especializado, como no apoio decidido que vem prestando a todos os planos que julga contribuir para que se amplifique o contacto do povo com a arte.

Não me refiro somente aos concertos da Recreação Popular, organizados por Maciel Pinheiro, também não devemos esquecer que a própria direção do Teatro Municipal tomou, este ano, outro rumo, e que, se bem que ainda seja demasiado cedo para tratar dos resultados da experiência, parece-me inegável que a intenção inspiradora das modificações foi a melhor possível. Não critiquemos, portanto, aquilo que parecer exagerado na nova orientação das temporadas oficiais, uma vez que é injusto julgar sumariamente uma tentativa digna dos maiores elogios, pelos propósitos que revela. Esperemos os resultados.

Se bem que não esteja propriamente dentro do alcance dessa sessão os comentários

sobre concertos pelo rádio, não seria demais registrar a direção dos trabalhos na Rádio Ministério da Educação, que segue paralelamente com a Rádio Roquette Pinto, na preparação de bons programas com alto sentido educativo, sem prejuízo da finalidade eminentemente recreativa da sociedade radiofônica conforme está organizada atualmente.

Conferências e concertos, divulgação de noções gerais tudo isso contribui para a formação de uma base sólida permitindo o aparecimento dos melhores artistas nacionais e eliminando o critério quase que de geração espontânea dos grandes artistas nacionais, que só surgem depois de luta tremenda contra as adversidades do meio, insuficientemente preparado para recebê-los. Não se pode acusar o povo de não dominar conhecimentos que não lhes são facilitados, mas é precisamente por isso que damos o nosso decidido apoio a toda e qualquer medida no sentido de desenvolver o natural talento musical dos brasileiros.

Não só isso será proveitoso para os compositores que encontrarão aceitação para suas obras, por mais avançadas, como também, conforme já tive oportunidade de lembrar, para os jovens artistas, que vêm multiplicarem-se as possibilidades de acesso ao meio musical que se amplia.

Tivemos oportunidade de ouvir, da série de recitais Valores Novos a uma violinista e uma pianista brasileiras, Maria Lucia e Lais Prado Vasconcelos, que, beneficiando-se desse ambiente favorável que descrevemos, iniciam sua carreira artística com uma demonstração de qualidades que devem ser aproveitadas convenientemente. Já agora não faltarão meios para que isso se realize, em vista da acolhida favorável que o público reservou às duas recitalistas.

Roberto Lyra Filho

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGISTRO, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo — Remessa pelo reembolso postal

FEMININAS

O SILENCIO

Desde o ano de 1502, já existia em Paris uma lei que proibia o transito de carros pesados no perimetro urbano. Vejam então as minhas amigas que há quatro seculos passados, já se fazia a campanha do silencio. O silencio! Essa coisa tão repoussante que é o silencio! E no entanto, a maioria das mulheres não o cultivam esquecidas de que, no silencio, na quietude, a beleza e a mocidade se retemperam. O silencio, minhas amigas, é uma poderosa e milagrosa vitamina espiritual. Uma mulher irrequieta, uma mulher tagarela é sempre uma mulher exaustiva. Exaustiva ainda mais para si mesma do que para os

outros. Um pobre marido de uma mulher faladora, incansavelmente faladora, tem que ser um revoltado. Chegar á casa, farto da labuta diaria, ansioso por um descanso, e ter que ouvir o rosário das lamurias sobre os criados, a queixa repetida dos filhos que estiveram terribes, a historia pormenorizada dos vizinhos, a novidade sem interesse das amigas que disseram isto, que contaram aquilo e tudo sem uma pausa compreensiva e piedosa, num tagarelar egoistico e inconsciente. A inteligencia de estar calada é uma qualidade indispensavel. O silencio uma arte. E é difficilima e utilissima a arte de saber calar!

PARA DEFENDER
SUA SAUDE
exija um
refrigerador



Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda
Rua Rese e Silva, 74
Caj. Praça Municipal Breda
Fone: 8-1211 e 8-1229

E se foi Catulo, o menestrel da alma brasileira... Talvez — quem o sabe? — levado depressa pela Providencia para não assistir o sofrimento do Gigante Brasília despojado pelo materialismo que diz Civilização, das

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade á pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

Faça Bolos!!!

...e a alegria reinará
em seu lar!

É sabido que quase todo o mundo aprecia bolos... Quando eles chegam á mesa, os olhos se arregalam, a alegria invade a todos e está criado um irresistível ambiente de festa... Não se discute! Vale a pena fazer bolos. E não acha que, esperando esta ou aquela grande data, só serve para retardar momentos de alegria em seu lar? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um
pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



BÔLO RICO

¾ chic. manteiga	1 ½ chic. farinha
1 ½ chic. açúcar	½ chic. araruta
4 ovos	1 colh. (chá) sal
2 colhs. (sopa) leite	2 colhs. (chá) Royal

Amasse bem a manteiga e incorpore o açúcar aos poucos. Junte os ovos, um a um, batendo bem. Acrescente aos poucos a farinha, araruta, sal e Royal, peneirados juntos 3 vezes, alternadamente com o leite, batendo bem. Fôrma baixa untada. Forno regular uns 30 min. Deixe esfriar e corte em losangos. Cubra com o seguinte glacê: coloque em banho-maria sobre água já fervendo, 1 ¼ chic. açúcar, 3 colhs. (sopa) água fria, 1 clara não batida e colh. (chá) gema. Bata com o batedor de ovos, 10 min. ou até engrossar. Retire do banho-maria, junte ½ colh. (chá) raspa de laranja e 1 colh. (chá) suco de limão e bata até ficar quase frio. Junte ¼ colh. (chá) Royal e bata até engrossar bem. Use-o antes de esfriar completamente. Enfeite com confeitos de cores, nozes, etc.



Pega hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva agora para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



O velho

(Continuação da pág. 23)

se suportasse ereta. Ademais, aquele bastão benfazejo não deixava dúvidas sobre a velhice

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham e estufam. Sobrevém a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não elimina a causa. Neste caso, as Pílulas Carter para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter para o fígado. São as únicas que produzem. Preço Cr\$ 2,00.

GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo

CATALOGO de OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido por LUTZ, FERRANDO com a mesma garantia e eficiência como se o fosse pessoalmente pelos nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATALOGO GRATIS A

LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 11 - JARDIM JARDIM

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

do homem. Seu caminhar era difícil e vagaroso — tinha a manha das coisas cansadas, a procurar um arrimo, algo a que se apegar. Os pés, ossudos, pisavam pela talvez milionésima vez, aquele mesmo lugar, aquela mesma rua, no seu andar fatigante e constante da lida de ir e vir, sem variar de itinerário, por muitos e muitos anos. Seu mundo era aquilo: a rua molhada pela chuva, ou batida pelo sol ardente do verão, nunca mudava, sempre a mesma, os postes de madeira tortos, sustentando, um ou outro, lâmpadas de cinquenta velas, o mesmo passeio, de cimento aqui, de chão duro ali, mas sempre a mesma rua, sem arvores, sem movimento, quieta. Unicamente os trabalhadores da fábrica costumavam, a determinadas horas, passar por ali, indo ou vindo; assim mesmo, alguns poucos, não muitos, e entre eles o velhinho. E assim, a solitária rua sempre tivera aquela pacata existência; casas — havia-as poucas — umas seis ou sete; o resto eram lotes vagos, da Prefeitura ou de donos orgulhosos, esperando alguma melhoria, para vender com lucro. Nem uma festa, um desfile, uma parada; nada: nunca tivera a ventura das grandes avenidas.

O velhinho, eu notara, saíra de um barracão amarelo; sempre apoiado no bastão, caminhara alguns passos quando paráramos, um em frente o outro; ele, naturalmente, se espantou por ver alguém assim decidido, incólume, estacado à sua frente, olhou-me inquisidoramente. Não sei por que, mas senti logo uma simpatia estranha por ele; e, francamente, nunca me sentira assim.

Talvez que meu estado de espírito naquele momento, fosse o responsável. Um instinto de revolta íntima se apoderara de mim quando, num desses frequentes passeios que faço às tardinhas, quase escurecendo, passando por uma rua notei um rumor doce e agradável, vindo de não sei onde; pelos acordes orientei-me, andei até dar de cara com um lindo palacete, feericamente iluminado, onde a alegria transbordava a cada taça de champanha e a felicidade parecia abençoar a todos que

ali estavam, esquecidos completamente das coisas ruins deste mundo, entregues ao enleio aparente dos grandes banquetes, das reuniões requintadas e das festas de bom gosto. Surpreendido, estaquei defronte. A música fazia-me bem aos ouvidos; era suave, encantadora; e assim absorvido, fiquei algum tempo, contemplando com os olhos o maravilhoso espetáculo, e pelos ouvidos embevecido com os sons maviosos da orquestra. E eu conjecturava: será um casamento, ou é uma recepção ao filho querido que voltou da guerra? Ou quem sabe um aniversário? Mas não ignorei muito tempo, pois um "chauffeur" que estava na boléia do seu carro — provavelmente esperando por alguma família rica — tirou-me da dúvida informando ser um casamento de alta roda. Lá dentro, os risos das mulheres se misturavam ao estouro das garrafas de champanha, quase que abafando a música. No jardim, amplo e bem cuidado, alguns pares passeavam despreocupados, juntinhos, numa alegria efêmera e numa satisfação de desejos muito superficial; alguns mais ousados chegavam mesmo a se carinhar, beijando-se e abraçando-se.

E aquela era a felicidade do rico...

Fiquei ainda por algum tempo, ouvindo apenas a música, abstraído do resto — o palacete, as luzes, os risos, os estouros de rolhas e tudo mais. Procurei sentir tão somente a música, uma valsa de Strauss, que a orquestra agora executava. Como é boa a música! E' um bálsamo para as tristezas humanas, as agruras da vida — distila os nossos corações, decanta as nossas almas, faz-nos mais humanos. E sobretudo faz com que a gente pense um pouquinho mais no espírito, eleve-se a Deus, admire as estrelas numa

noite de luar. Mas, abertos os olhos, caía na muda contemplação daquele espetáculo indigno deles, a realidade atroz da riqueza, que eu odiava, que não era feita para mim — porques era um sofredor, um revoltado, um inadaptável. Espírito inquieto, sentia-me bem, não no meio deles, os aristocratas detestáveis, mas na choupana mísera do pobre, cujos filhos nada têm para comer... este sim, era o meu lugar predileto, onde me sentia á vontade e podia respirar todo o vigor da vida, natural, despida do artificialismo moderno e do conforto da riqueza; porque no pobre eu via um amigo; no rico, um inimigo.

Vieram-me lágrimas aos olhos ao pensar no casebre do matuto que, atirado nas brenhas do sertão bravo, a Deus implora que o mate, para não morrer de fome. Sentia-me cambaleante ao pensar no criminoso que, àquela hora, jazia, isolado do mundo, num cubículo acanhado, mais próprio para um rato que um ser humano, vítima da injustiça, da parcialidade, obrigado a matar para sobreviver, a roubar para não morrer...

E a festa, defronte, continuava.

Mas os risos que eu ouvia, as gargalhadas frenéticas, eram para mim o gargalhar revoltado do pobre, do criminoso em seu constante asco por eles. Sentia a hipocrisia daquela gente, vivendo uma existência tão artificial.

E pensava nos milhares de seres do mundo, sofrendo, vivendo, morrendo. Senti naquela contemplação, mais fortemente, tudo o que padece na Terra, pois eu também padecia com eles. E quanta gente não sofria assim, simultaneamente, no mesmo minuto...

(Continua na pág. 55)

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho
compostas por...
LIC. 3.548
16-6-925-042.8

DOR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E SUPURAÇÃO NO OUVIDO?

AURIS-SEDINA

O segredo de Lady Jane

(Continuação da pag. 32)

não aprovou a escolha. John agora vai ouvir dele uma reprovação:

— Mas... se ele mal me viu...

— Os métodos de Norman são assim.

As onze horas da noite, todos se recolheram. Ainda John e Norman se achavam no gabinete, trancados lá dentro. Jane resolveu subir também.

Chegou ao quarto. Em cima da mesa estava sua mala por desfazer, mas estava cansada. Resolveu deixar para o dia seguinte. Tomou uma camisola e um peignoir e dirigiu-se para o banheiro.

Verificando, porém, que esquecera o seu copo e escova de dentes, voltou ao quarto. Lembrou-se de que colocara sobre a mesa de cabeceira. Na gaveta desta, aliás, haviam um revólver. John o mostrara quando chegaram e dissera:

— Quem mora em lugar ermo como esse tem o hábito de dormir com o revólver na mesa de cabeceira.

Ela abriu a gaveta e olhou para a arma. Era pequena e brilhante. Negra. Sorriu:

— Medo de ladrões?

Fechou a gaveta, apanhou o copo e a escova e voltou ao banheiro. Demorou-se bastante lá. Quando saiu, pronta para deitar-se verificou que John já se despira e dormia placidamente. Não quis acordá-lo. Sem dúvida, cansado da discussão com Norman, resolvera deixar para a manhã seguinte a conversa com ela.

Deitou-se. Mas não conseguia conciliar o sono. Naquela casa imensa, de gente estranha, ela se sentia mal. Não tinha propriamente medo, mas não estava tranquila confiante. Resolveu ir buscar um livro na grande biblioteca que lhe havia sido mostrada. Vestiu o peignoir e levantou-se.

A escadaria estava escura, mas ela conseguiu encontrar o caminho. Dirigiu-se à biblioteca. Mas ao passar pela porta do gabinete de Norman verificou que havia uma luz lá dentro. Aproximou-se. Com um sobressalto verificou que se tratava de uma lampada de bolso o que foi voltada contra os seus olhos.

— Você!

Era a voz de Charles.

— Tire essa lampada dos meus olhos.

Ele baixou-a e ela viu finalmente, depois de alguns segundos, que Charles estava ajoelhado ao lado de um vulto caído.

— Quem é? perguntou surpresa.

— Norman. Está morto.

Ela mal pôde falar.

— Como?

Toda aquela impressão que se vinha acumulando estalou nos seus ouvidos. Ela sentiu como que um zumbido, notou que o chão lhe faltava, e caiu desmaiada.

★

Quando abriu os olhos, viu John estava ao seu lado:

— Acorde! Acorde!

Um tanto tonta ela abriu os olhos:

— Que foi?

— Norman! Norma foi assassinado.

Subitamente ela sentiu que se lembrava de tudo. Mas ao mesmo tempo tão fantática era sua recordação que não sabia se estava

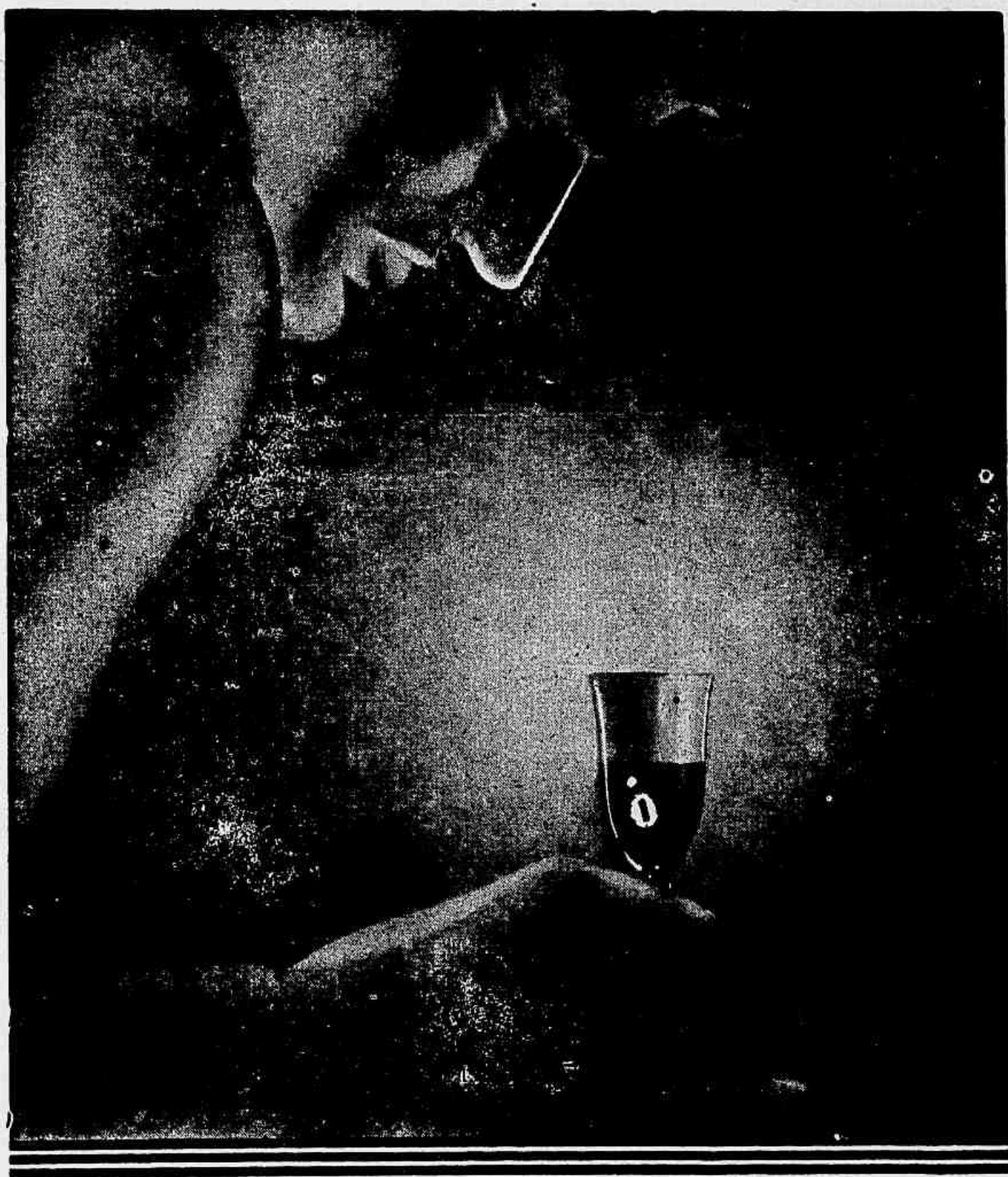
sonhando. Estava em sua cama... Mas lembrava-se de ter perdido os sentidos na biblioteca. Ao lado de Norman, morto. De repente teve um pensamento horrível... John? John teria feito aquilo?

E Charles? Que fazia ele junto do corpo de Norman?

— E' preciso descer, Jane. A polícia está aí.

Quando ela chegou lá em baixo notou que, na fisionomia de todo, transparecia uma certa hostilidade. Ela assumia aos olhos da família, o ar da intrusa, no momento da desgraça, ela que, aparentemente, trouxera para aquela casa a desgraça.

Um inspetor de polícia, de pé na porta da sala, chamou-a. Fe-la entrar, sentar-se em uma cadeira e começou o interrogatório. Jane estava tão atordoada pela precipitação dos



CÉREBRO ILLUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — Neurobiol, o tônico do cérebro!

A venda em todas as farmácias e drogeries.

Neurobiol



"A NOSSA VIDA E' UMA DANÇA"

(Continuação na pág. 31)

de tudo e de todos? São figuras nulas, figuras de segundo plano. O importante aqui dentro sou eu. Agora todos se foram embora, eu fiquei sozinho e abandonado. Estão convencidos que são artistas, que são indispensáveis ao bailado. No entanto, se não fosse eu não existia bailado, não havia ensaio. Não se esqueça de dizer isso em sua reportagem. Até logo. Vá embora. Feche a porta devagar, que eu estou cansado e quero tirar uma soneca.

E dizendo isto, o velho piano fechou a boca com estrondo.

Pela janela aberta entrou uma borboleta...

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Lote

acontecimentos que só depois de conversar durante alguns minutos percebeu que o policial estava firmemente convencido de que ela era uma assassina.

Vejamos, Lady Jane. A senhora confessa que tirou o revólver da gaveta...

- ... para contemplá-lo simplesmente...
- ... confessa que desceu até a biblioteca.
- Sim.
- E diz que encontrou mr. Charles lá.
- Exato.
- Mas como explica a senhora o fato das impressões digitais no revólver?
- Porque o segurei.
- Muito bem. Vamos a outro aspecto.
- Pois não.
- A senhora casou-se há pouco tempo?
- Uma semana.

- Vinha aqui conhecer a família.
- Sim.
- A vítima demonstrou que não a estimava.
- Creio que essa foi sua impressão.
- Nega que veio procurá-la?
- A quem?
- A vítima. A Norma Claire, afim de persuadí-lo.
- Nego.
- Mas seu marido afirma que a viu sair do quarto.
- Eu fui buscar um livro...
- Essa história é velha. Além disso como voltou ao quarto?
- Não sei. Disse que tinha desmaiado.
- Nesse caso, como é que mr. Charles afirma que não a viu lá em baixo?



A vida é dos
FORTES!

Seja forte, combatendo a FALTA DE APETITE, a NEURASTENIA, a INSONIA, a FALTA DE MEMÓRIA, o ESGOTAMENTO, a ANEMIA, com DYNAMOGENOL, que é A VIDA DO CÉREBRO, A VIDA DOS MÚSCULOS, A VIDA DO CORPO!

DYNAMOGENOL
Produto do Laboratório Sian

- Mas... mas eu falei com êle.
- Falou com êle, ou escondeu-se quando êle apareceu e descobriu o cadáver?
- Não! Ele já estava lá quando eu cheguei...
- Acusa-o, então, do crime?
- Não! Não o acuso de nada. Afirmo-lhe que êle estava lá quando eu cheguei.
- Nesse caso, um dos dois está mentindo.
- Mas êle não tem razão para negar isso.
- A senhora mantém seu testemunho?
- Sim.
- Nem. Pode retirar-se. Espere-me no seu quarto e... Não adianta tentar fugir.

★

Quando ela chegou ao quarto, sentou-se na cama e pos-se a pensar. Que estranho motivo teria Charles para negar tudo. Das duas uma, ou ele era o criminoso — hipótese que ela se recusava a aceitar — ou então êle pensava que ela era a responsável, e estava tentando protegê-la, dizendo que ela lá não estivera.

Uma pancada de leve, na porta, sobresaltou-a.

— Charles!

Ele entrou silenciosamente e fechou a porta atrás de si.

- Por que fez aquilo?
- Mas, Charles, eu estou inocente.
- Não sabe que o testemunho de seu marido revelou tudo?
- Mas...

— Ele contou que lhe transmitira a decisão de Norma de despedi-lo porque se tinha casado consigo. Você não devia ter feito aquela loucura. Devia ter fugido. Eu arranjaría qualquer coisa para John...

— Mas eu estou inocente. Eu nem conversei com John ontem. Todos estão mentindo aqui, Charles, você precisa acreditar em mim já que ninguém acredita.

Ele contemplou-a em silêncio um instante; depois, lentamente, disse.

— Acredito. Conte-me tudo.

Com voz entrecortada ela relatou o que sabia.

— Nesse caso... nesse caso só há uma outra hipótese. Por que John mentiu? Por que é êle, mesmo, o culpado.

★

Ap princípio a revelação fez com que ela fizesse como que tonta diante da enormidade

**Falamos todos
por experiencia própria:**



**limpa
mais**

Kolynos restitue ao sorriso o seu encanto natural. Com a ajuda da escova seca, a sua horbulhante espuma atinge todos os recantos da boca. Kolynos limpa os dentes sem arranhar o esmalte.



**agrada
mais**

Kolynos encanta, refresca a boca, perfuma o hálito... É que Kolynos não é um simples dentífrico: é um creme dental antisséptico, agradável a adultos e crianças.



**rende
mais**

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

*este creme
dental
antisséptico...*

**Todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.**



*o creme
dental
antisséptico*

*basta um cm.
na escova
seca!*

K103PH

SOPRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIINA

que implicava. John, deliberadamente acusa-la, para salvar-se?

Nesse caso o plano seria mais antigo. Quando ele se casara com ela já tinha a intenção de livrar-se de Norman e seu autoritarismo, por meio daquela solução violenta e ela simplesmente o instrumento a ser utilizado para, fornecendo uma razão para o crime, ser dada como responsável por ele.

Nunca chegou a saber o que realmente se passou a seguir. Alguns minutos depois, Charles chegava ao seu quarto e informava-o que ia tirá-la dali. Um carro os esperava à porta.

— Mas... e o detetive?

Charles informou laconicamente.

— Está avisado.

— E... John?

Seco, ele disse:

— Confessou tudo.

E a seguir acrescentou:

— Você não pode ficar mais um minuto nessa casa. Vamos, de-me seu braço. Vou acompanhá-la.

Ela não sabia explicar bem a sensação que tinha, mas poderia notar bem que era uma agradável consciência de que se sente protegido.

O velho

(Continuação da pag. 52)

Mas depois daqueles instantes, após aquele devaneio, os pensamentos, as idéias confusas a me conturbar o cérebro, caminhei para a frente, os passos indecisos, parecendo-me que a terra se me fugia aos pés. Agora, estava face ao velhinho. Eu o tinha observado e figurado nele o próprio mundo, cansado, doente, sem força já para se sustentar de pé. Sorri para ele, sorriu para mim. Estranho, parecia conhecê-lo. Tinha-o visto antes, em algum lugar. Não, mas não é possível — é a primeira

vez que o vejo. Ora, que cousa! Já o vi sim. Não, nunca. E decidi: nunca o tinha visto antes. Assemelhava-se muito ao meu velho avô, era ele, não — havia morrido há tanto tempo. Aliás, não o conhecera, apenas por retratos; dizem que era ótima pessoa.

E eu deixei o velho e vim caminhando, para casa. Andando, andando, parando e de repente, correndo; pensando, andando

novamente, outra vez correndo, desvairado, louco, alucinado, atravessando a escuridão, longe... E vozes me gritando aos ouvidos, a estalar — você o conhece... sim, é ele mesmo, é ele: o avô... E eu, com os dedos, apertava os ouvidos, queria ficar livre das vozes, mas gritavam mais alto ainda. Demônios... vozes... duendes... pensava, alucinado. E elas sempre... Correndo, sempre, trope-

cei, caí, refiz-me e levantei, tornei a cair. Mas continuei correndo... pela escuridão. O chão, aos meus pés, numa velocidade impressionante... e eu... correndo... pela escuridão. O chão, tornando a cair... sem forças, suando, sangue... suor... e quase lágrimas. Aterrado, tampando os ouvidos... as vozes gritando...

E eu, correndo... correndo... correndo sempre...



Óleo Elétrico

O INIMIGO DA DOR!

Efeito instantâneo nas dores reumáticas, nevralgias, torceduras, inflamações, ciática, lumbago etc.

Peça **Óleo Elétrico**

do Dr. Charles de Grath



A TOSSE REBELDE ENFRAQUECE OS PULMÕES

Evite esse risco! Para bronquite, tosse e coqueluche, use

PEITORAL DE ANACAHUITA Composto

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Perfume Rêve Rose de GALLY

Água de Colônia

Brilhantina

O sonho côr de rosa dos perfumes!

VENDA TODO O BRASIL

RF

ADÁGIOS SEM FUGIO

Os comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

UMA DOSE DE ALEGRIA



Não passe pela vida sem viver! Use as "Pílulas de Reuter" para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais puríssimos, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

Agora muitos usam **DENTADURA POSTIÇA** com perfeita comodidade

Comer, falar, rir ou cantar, sem medo de que sua dentadura postíça se desprenda ou caia da boca. **FIXODENT** conserva as dentaduras postíças mais firmes e torna-as mais cómodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

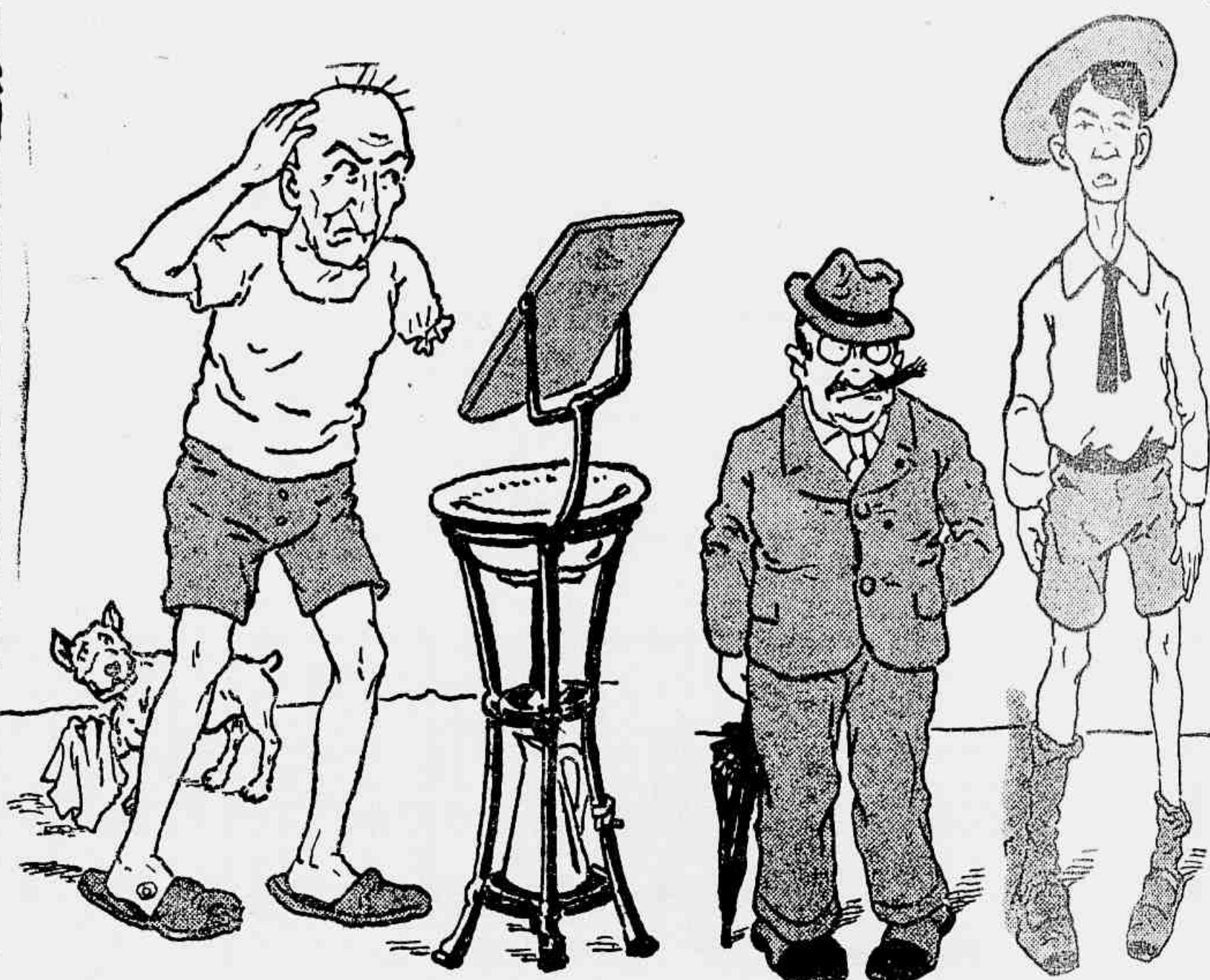
Distribuidora para todo o Brasil:
OSINTO L. G. A. AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 1.4, 1.º - Rio de Janeiro

Comece pela raiz!



A semelhança das plantas, o cabelo absorve pela raiz as substâncias que lhe dão vida, beleza e louçania. **Tônico Oriental**, singularmente perfumado, nutre os filamentos capilares, higieniza a cabeça, elimina a caspa, evita a queda e dá brilho, vigor e maciez aos cabelos.

Tônico ORIENTAL



Uma mão lava a outra.

Tal pae, tal filho.



Comer e coçar, a questão é começar.



De vagar se vae ao longe.

NADIR — Madame Sonia.
CARLOS — Vemem cá lá. Quero que ela veja o meu futuro. Da primeira vez falei-lhe brincando, mas agora consultarei a sério.

NADIR — Não, Carlos, não quero.

CARLOS — Vem cá. É toda questão. (OIT) Madame Sonia, desculpe-me por perturbar o seu sossego.

SONIA — É um prazer.

CARLOS — Se o cavalheiro permitir...

ROBERTO — Estejam á vontade. Falávamos da política europeia. E o assunto é pesado demais para uma noite tão bela como esta. Sentem-se, por favor...

NADIR — Obrigada.

SONIA — Eu imagino porque veio o senhor me procurar. Quer que lhe fale do futuro.

CARLOS — Ao contrário. Quero que me faça uma revelação do presente...

SONIA — Quer um presente melhor que esse — a linda jovem que o acompanha?

CARLOS — Madame, a jovem está aqui. Mas seu espírito está longe e seu coração não sei por onde anda.

SONIA — E que deseja o senhor que eu faça?

CARLOS — Madame, existe um rival. E eu seria feliz se soubesse que esse rival é superior a mim, em tudo: saúde, inteligência, fortuna, coração...

SONIA — Ela que conhece os dois poderia lhe explicar a diferença que existe.

NADIR — Creio que conhecer essa diferença só a mim interessa.

SONIA — Talvez não. Talvez interesse ao outro também. Porque há um fenómeno engraçado: — os mentirosos, á força de repetirem suas mentiras, acabam se convencendo de que são verdades.

NADIR — Por que diz isso?

SONIA — Porque o outro, mente tanto que hoje não consegue separar as suas verdades das mentiras.

ROBERTO — Sonia, se me permita, eu me retiro. Mas que um encontro e...

SONIA — Fique, Roberto. Esse encontro é mais uma mentira.

CARLOS — Bem, madame Sonia, diga-me então, qual é o outro?

SONIA — O seu rival? É simpático... Bastante simpático, para as mulheres. Os homens não o suportam. É quatro anos mais velho que o senhor e possui talvez vinte anos de experiência a mais.

NADIR — Basta, minha senhora! A senhora está dizendo insultos ao homem que amo e não posso, não devo continuar a ouvi-la.

SONIA — Bravos! Gostei de ver a sua reação, Nadir. Teve coragem para protestar. Existem pessoas que se encolhem, covardemente, disfarçando seu nervosismo com o amassar o cigarro entre os dedos...

ROBERTO — Com licença. Cavalheiro... Senhoras boa noite... (PASSOS)

CARLOS — O seu amigo parece ter saído zangado.

SONIA — Não se zanga. É feitiço dele. Basta que eu o mande chamar e ele voltará...

NADIR — É natural que volte.

CARLOS — Por que diz isso?

NADIR — Madame Sonia me compreendeu. Não a quem me retire...

SONIA — Não sei... Com toda sinceridade, agora a vidinha fracaça. Não posso advinhar os motivos que a levam a dizer isso.

NADIR — Uma palavra... Uma palavra que não lhe pertence que se encontra em seu poder... (SONIA E CARLOS MESMO) Por que ri? Que motivo encontrou em minhas palavras para a fazer ri?

SONIA — A sua ingenuidade, menina... Tenente, imagine que esta menina acreditou numa história absurda que lhe contaram.

NADIR — Absurda, não. Foi a verdade...

CARLOS — Não posso dar opinião. Não sei do que se trata. Aliás, desde que nos aproximamos que percebo tratarmos de um assunto que me é estranho. Se desejam...

SONIA — Nada disso, fique. O senhor é companhia agradável. E diga-me, meu rapaz, se lhe contassem que às sextas-feiras eu invoco o diabo e realizo missas negras, e outras tolices, o senhor acreditaria?

CARLOS — Naturalmente que não.

SONIA — Pois a esta menina contaram uma história mais fantástica. E ela acreditou. Disseram-lhe que eu sou capaz de roubar cartas, documentos íntimos e depois usá-los para chantagens.

NADIR — E é. Ladra!

CARLOS — Nadir! Tenha calma...

NADIR — É isso mesmo. Ladra! Ladra!...

CARLOS — Madame, queira perdoar. Eu não encontro explicação para isto. Mas creio que Nadir está cometendo um grave engano...

SONIA (SORRINDO) — Não se impressione. Eu sei os motivos que a levam a pensar assim a meu respeito. Mas pode estar certo de que ela não me ofende. A ela, só a ela eu permitiria que me dissesse mais que isso. Que me sabotasse até...

NADIR — Hipocrita. Procurando se fazer passar por boa e tolerante.

SONIA — Não estou procurando nada, nem tomando atitudes falsas. Estou apenas em pouco magoada, Nadir. E não é com você. É com o Destino, esse deus caprichoso que se diverte com as vidas dos homens...

NADIR — Eu não creio em Destino.

SONIA — E acredita em que?

NADIR — Em mim mesma, no futuro, na verdade e no amor, principalmente no amor. É só. Com licença.

CARLOS — NADIR...

NADIR — Deixe-me, Carlos. Prefiro ir só. Amanhã falaremos. Boa noite.

SONIA — Não se impressione, meu amigo. Sente-se aqui a meu lado...

CARLOS — Mas não compreendo...

SONIA — Sente-se aqui, já lhe pedi. E agora estou mandando. Meu rapaz, eu tenho idade bastante e experiência suficiente para lhe falar nesta tola...

CARLOS — Minha senhora, eu...

SONIA — Já sei. Quer se afastar de mim. O seu espírito está abalado. Embora eu lhe inspire simpatias, está duvidando. Sim, a dúvida nasceu em seu espírito. Quem serei eu? Serei uma mulher educada que foi insultada brutalmente e não reagiu? Serei uma aventureira que

SONIA — Bom noite. Felicidade, Nadir. TAG

JULIA — E então, Sonia? Dormiu bem?

SONIA — Mal, Julia. Muito mal.

JULIA — Pensei que esta viagem fosse alegrá-la. E

no entanto nos primeiros dias eu a vi contente...

SONIA — Julia, eu embarquei para afastar Nadir de

Roberto.

JULIA — Justamente. E conseguiu esse objetivo.

SONIA — Não, Julia. Nadir é mais obstinado do que

eu pensava. Ela embarcou neste mesmo vapor.

JULIA — Como? Então ela está a bordo?

SONIA — Encontrei-a ontem à noite.

JULIA — E' a vanagem de ser rica. Pode satisfazer

caprichos como esse. E Roberto já sabe?

SONIA — Talvez soubesse antes mesmo de embarcar.

NADIR — Também me impressionava. Mas agora

sei que esse Tag é uma espécie de espião. Indaga da

vila de todos os consulentes antes que ela os receba.

CARLOS — Mesmo assim fiquei contente quando ela

me disse que este encontro iria alterar o curso de minha

vida.

NADIR — Tolices! Você já está tomando muito a

sério este encontro.

CARLOS — Você não acredita em amor à primeira

vista?

NADIR — Não.

CARLOS — Mas acredita no amor?

NADIR — Acredito... porque amo.

CARLOS — Ah! então existe outro. (DESAPONTADO)

Desculpe-me... Não leve a mal as brincadeiras que fiz.

Mas realmente eu estou impresionado com sua beleza.

NADIR — Por favor, não vamos estragar uma cama-

radagem que começou tão bem...

CARLOS — Perfeitamente. Seremos bons amigos. E

se me permitir vou procurar tornar esta viagem o mais

agradável possível para você. Existe ele... Mas ele está

longe, não?

NADIR — Não. Ele está a bordo.

CARLOS — Oh! E' pena... para mim. Mesmo assim

poderemos tomar um cocktail?

NADIR — Como não... Com todo o prazer.

CARLOS — E quando ele chegar eu terei discrição

bastante para me retirar...

NADIR — Ele não aparecerá hoje, tenho certeza. E

mesmo amanhã, creio que não será fácil falar com ele...

CARLOS — Por que?

NADIR — Porque existe gente interessada em me

afastar dele. Mas é um problema meu. Vamos tomar o

nosso cocktail e que o amanhã nos traga melhores en-

contros...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

JULIA — E então, Sonia? Dormiu bem?

SONIA — Mal, Julia. Muito mal.

JULIA — Pensei que esta viagem fosse alegrá-la. E

no entanto nos primeiros dias eu a vi contente...

SONIA — Julia, eu embarquei para afastar Nadir de

Roberto.

JULIA — Justamente. E conseguiu esse objetivo.

SONIA — Não, Julia. Nadir é mais obstinado do que

eu pensava. Ela embarcou neste mesmo vapor.

JULIA — Como? Então ela está a bordo?

SONIA — Encontrei-a ontem à noite.

JULIA — E' a vanagem de ser rica. Pode satisfazer

caprichos como esse. E Roberto já sabe?

SONIA — Talvez soubesse antes mesmo de embarcar.

Mantenha dois amigos, um diante do outro é relativamente

fácil. Mas não podemos fazer isso.

SONIA — Não podemos fazer isso.

JULIA — Não. Mas se não tivermos mais um grande

que nos ajude, eu não consigo que Roberto volte com

nos. Não posso fazer isso sozinho.

SONIA — Você nunca tinha razão, Julia. Roberto é

indeciso para ter escolhido uma coisa como essa... Tal-

vez mesmo estava mais preocupado que eu...

JULIA — Se é que ele já sabe que Nadir está a bordo.

SONIA — Se realmente não sabe, o seu choque será

ainda maior que o meu. (OT) E Tag?

JULIA — Ainda não chegou. Mas também é ainda

muito cedo...

SONIA — Pedi a Tag que seguisse Nadir, ontem.

Quero saber o que houve depois que os deixou...

JULIA — "Os"? Ela estava acompanhada então?

SONIA — Estava. Estava em companhia dum simpá-

tico oficial de bordo. O rapaz parecia encantado por ela.

E seria tão bom se ele viesse a uná-lo!

JULIA — Roberto soube conquistá-la.

SONIA — Mas um dia ela saberá quem é Roberto. E

há de desprezá-lo. (PANCADAS LEVES NA PORTA) Deve

ser Tag. Abra, Julia.

JULIA (PORTA) — Bom dia, Tag. Entre...

TAG — Bom dia... Então, Sonia, mais animada?

SONIA — Um pouco. Traz boas novidades?

TAG — Algumas... Não sei se serão boas.

SONIA — Depois que eu sei do bar, que fez Nadir?

TAG — Tomou um drink com o oficial. Depois saíram

juntos e ele foi assumir o seu posto. Ele voltou só...

SONIA — Para o bar?

TAG — Não. Para o salão de música. O professor

Otávio estava presente. Pediram a ele para tocar. Ele

se recusou. Quando Nadir pediu a que ele soubesse o nome

atendeu prontamente. Foi um verdadeiro espetáculo...

SONIA — Sim... Mas depois?

TAG — Quando todos já se retiravam, o professor

veio falar com Nadir... Ela quis agradecer-lhe e...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

NADIR — Muito obrigada, professor, por haver aten-

dido o meu pedido. Foi uma noite magnífica.

OTAVIO — Para mim foi mais bela ainda a noite,

pois tive oportunidade de tocar para a senhorita. E é

sempre um prazer dar alegria a uma menina bonita.

NADIR — Muito agradecida, maestro. E... (SUR-

PRESA) Oh! você?

ROBERTO — Nadir? Que está fazendo a bordo?

Como veio parar aqui? E por que veio?

NADIR — Roberto, vim para...

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Terá Nadir coragem para dizer a Ro-

berto tudo o que pensa? Os motivos que a trouxeram

para bordo?

OTAVIO CAPITULO

SPEAKER — Desejando afastar Roberto de sua filha

Nadir, Sonia embarca para os Estados Unidos, obrigando

Roberto a segui-la.

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Terá Nadir coragem para dizer a Ro-

berto tudo o que pensa? Os motivos que a trouxeram

para bordo?

OTAVIO CAPITULO

SPEAKER — Desejando afastar Roberto de sua filha

Nadir, Sonia embarca para os Estados Unidos, obrigando

Roberto a segui-la.

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Terá Nadir coragem para dizer a Ro-

berto tudo o que pensa? Os motivos que a trouxeram

para bordo?

OTAVIO CAPITULO

SPEAKER — Desejando afastar Roberto de sua filha

Nadir, Sonia embarca para os Estados Unidos, obrigando

Roberto a segui-la.

Roberto a acompanhá-la. E com grande surpresa encontra Nadir a bordo. Além disso, também está viajando no mesmo vapor Otavio, o primeiro amor de Sonia e pai de Nadir. Pela manhã, Tia chega ao camarim de Sonia e conta-lhe que, na sala de música, Nadir saiu quando entrou Roberto... E...

CONTROLE — SOBE A MUSICA E DESAPARECE

NADIR — Muito obrigada, professor, por haver atendido ao meu pedido. Foi uma noite magnífica!

OTAVIO — Para mim a noite foi ainda mais bela, pois tive a oportunidade de tocar para a senhorita. E é sempre um prazer dar alegria a uma menina bonita.

NADIR — Muito agradecida, maestro... (OT) Oh! você?!...

ROBERTO — Nadir!? Que está fazendo aqui a bordo? Como veio parar aqui? E por que veio?

NADIR — Roberto, vim para... viajar em tão agradável companhia. É uma honra viajar no mesmo navio em que se encontram um grande violinista, madama Sonia, a vidente e... um grande negociante como você.

OTAVIO — Bem, senhorita, creio que terão muita coisa que dizer um a outro. E um velho violinista fica sobrado numa sala onde dois jovens se encontram...

NADIR — Você conhece de nome, com certeza, Roberto. O professor Otavio.

ROBERTO — Já tive o prazer de ouvi-lo no seu último concerto no Rio de Janeiro. Muita honra. Roberto Mendes.

OTAVIO — O prazer é todo meu. Sempre admirei os grandes negociantes. O senhor comercia em que?

ROBERTO — Bem, eu... atualmente... quero dizer, estava trabalhando em pedras preciosas.

OTAVIO — Eu tive um amigo que negociou muito tempo em pedras e jóias. Hoje está afastado dos negócios. Cumpre uma pena numa prisão do oeste americano. (RI)

ROBERTO — Há duas classes de negociantes, cavalheiro: honestos e... inteligentes.

OTAVIO — O senhor, por certo, se coloca na segunda categoria?

ROBERTO — Exatamente.

OTAVIO — Mas a inteligência às vezes é inútil, quando falta a sorte.

ROBERTO — Bem, cavalheiro, creio que nessa apresentação foi inútil. Não poderemos terminar a viagem como bons amigos.

OTAVIO — Naturalmente, porque eu seleciono bem as minhas relações. Senhorita, boa noite. (PASSOS PORTA)

ROBERTO — Interessante, o homenzinho não simpatisou com a minha cara.

NADIR — Eu também não compreendo. Comigo e com todos que aqui estavam ele foi de uma gentileza enorme.

ROBERTO — É estranho. Enfim, coisas de artista. Mas falemos de nós...

NADIR — De você.

ROBERTO — Por que embarcou?

NADIR — Para saber até que ponto essa mulher estava me dizendo a verdade. Ela me disse que você a seguiria. Eu duvidei. E, no entanto, aqui estou para sofrer esta decepção.

ROBERTO — Nadir, eu explico...

NADIR — O que que tem isso? Não estou entendendo. Roberto, você não poderia explicar.

ROBERTO — Pense. Tenho evitado fazer-lhe esta confissão com medo de perdê-la. No entanto, agora, quando cheguei a este ponto, sinto-me obrigada a confessar-lhe alguma coisa do meu passado...

NADIR — Mas que pode ter você a confessar?

ROBERTO — É bem desagradável para mim ter que lhe falar do meu passado. Um passado que eu quero esquecer, procuro esquecer e você vem reavivá-lo...

NADIR — Roberto, eu não o estou conhecendo! É um outro Roberto...

ROBERTO (DRAMATIZANDO) — Sim, é outro Roberto que você está conhecendo. Um homem... Um homem que tem os olhos rasos d'água e está fazendo um esforço enorme para não chorar...

NADIR — Roberto!

ROBERTO — Perdoe-me, Nadir. Perdoe-me estas lágrimas... Eu choro de vergonha. Vergonha dum passado que vive a me amedrontar como um fantasma. Vergonha do rapaz que fui. Vergonha de amando tanto, estar preso, impossibilidade de lutar...

NADIR — Mas eu não compreendo, Roberto. Não posso compreender.

ROBERTO — Nadir, este homem que você vê em sua frente, existe há pouco mais de dez anos. Eu me vejo antes de ter coragem para lutar... Menino pobre de um bairro miserável. Sofrendo fome, humilhações, martírios sem nome... Levantava-me de madrugada para trabalhar. E trabalhava como um animal de carga. A paga miserável, mal dava para comer...

NADIR — Meu pobre Roberto!

ROBERTO — E foi assim que um dia, rapazote, ainda, furti uma quantia mais ou menos grande. O furto foi descoberto e a vítima me obrigou a assinar uma confissão... Deixou-me livre, mas com essa ameaça pesando sobre mim. Eu mudei de cidade, trabalhei, muito muito e venci. Foi quando, desgrazadamente, conheci Sonia.

NADIR — Essa mulher, sempre essa mulher!

ROBERTO — Eu fui procurá-la para uma consulta. Ela, habilmente, me levou a dizer-lhe muita coisa do meu passado, inclusive esta confissão que acabo de fazer-te. Mais tarde surgiu essa ligação entre nós. No fim de meses eu já não a suportava. E ela aqui como um felino, traiçoeiramente. Um de seus agentes roubou a confissão que eu tinha escrito...

NADIR — Mas Roberto...

ROBERTO — E quando eu lhe disse que tudo estava acabado entre nós, ela mostrou-me a confissão, ameaçando mandar prender-me. Eu tive medo... Medo por você, querida. A minha prisão agora, o escândalo, seriam a minha ruína e eu a perderia.

NADIR — O que não compreendo, Roberto, é porque só agora você me confessa isso.

ROBERTO — Tive medo de perdê-la, querida. Você que amou a este Roberto, rico, trabalhador, honesto, seria capaz de amar o homem que fora um menino quase mendigo, que dormia pelas ruas e que um dia, levado pela miséria, tornou-se um ladrão?

NADIR — Como você confia pouco em meu amor, Roberto!

ROBERTO — E agora... Agora eu sei que você não...
 tem uma varinha mágica de mim.

NADIR — Engenheiro. Agora eu tenho muita pena do
 julgamento que você passou e quero mais ainda o meu
 herói que teve a coragem de lutar e tornar-se um homem
 honesto, um vencedor.

ROBERTO — Foi essa ameaça que me fez embarcar,
 fugir de você esperando uma oportunidade para voltar.
 E para voltar definitivamente.

NADIR — Pois bem, querido. Lutaremos. Sim, agora,
 a seu lado, hei de ajudá-lo. Havemos de conseguir essa
 confissão e você será livre. E agora vamos a um cocktail?

ROBERTO — Não, amor. É preferível que não nos
 vejamos muitas vezes juntos. Encontraremos um meio de nos
 falarmos sem que eu seja vigiado. Tag está sempre onde
 menos se espera. Vá para o salão de danças e logo
 estarei lá.

NADIR — Está bem, querido. Um beijo... E até já...
 (PASSOS PORTA)

ROBERTO — Uii... (CORTINA QUE CORRE) Tag!
 Você?!

TAG — O senhor mesmo acaba de dizer que eu estou
 sempre onde menos me esperam...

ROBERTO — Mas... como entrou aqui?

TAG — Não entrei. Deixei de sair quando o senhor
 entrou. Ocultei-me por trás desse reposteiro e agora, que
 estamos sós, resolvi aparecer...

ROBERTO — E que pretende?

TAG — Dar-lhe os parabéns. O senhor sabe mentir...

ROBERTO — Tag, deixe-me em paz...

TAG — Acusando Sonia de haver roubado uma con-
 fissão assinada pelo senhor. Alguém possui documentos
 que o comprometem, mas não é Sonia...

ROBERTO — Eu precisava dar uma explicação qual-
 quer...

TAG — E conseguiu-a maravilhosa. Francamente, o
 senhor tem muita imaginação e seria um belo ator dra-
 mático. Em Hollywood aconselho-o a tentar o cinema. Hol-
 lywood está precisando de escritores de argumento. E
 uma história como a que o senhor acaba de inventar para
 contar à dona Nadir tem tudo para agradar...

ROBERTO — Não me aborreça!

TAG — É uma história medíocre, inverossímil, exage-
 rada no lado dramático e bastante ridícula... Tem todas
 as qualidades para fazer sucesso no cinema americano.

ROBERTO — Bem, Tag, não tenho mais tempo a per-
 der. Boa noite...

TAG — Um momento ainda... Aconselho-o a que não
 vá ao salão de baile. Seria perigoso...

ROBERTO — Por que perigoso?

TAG — O tombadilho está muito liso, o navio viaja
 de luzes apagadas devido ao "black-out"... Um salto da
 sombra, um rápido empurrão e um passageiro desaparecido
 durante a viagem...

ROBERTO — Boa noite, Tag.

TAG — Boa noite, senhor Roberto.

CONTROLE — ACORDE MUSICAL

SONIA — Sim, Tag... E depois?

TAG — Seu Roberto me disse "boa noite", indignado,
 e saiu.

SONIA — Foi para o salão de danças, com certeza?
 TAG — Não. Estava com medo, por certo. Foi para
 o camarote dele.

SONIA — Que viagem terrível vai ser esta... Com
 três pessoas que fogem uma da outra. E num espaço tão
 pequeno como é um navio... Que longa viagem!

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

SONIA — Para que esse vestido, Julia?

JULIA — Para o jantar, Sonia. É o vestido verde
 que você tanto gosta.

SONIA — Muito obrigada. Mas jantarei no camarote.

JULIA — E por que?

SONIA — Estou enervada. Não sinto vontade de ver
 ninguém, de conversar.

JULIA — Mas para que seu plano dê resultado é pre-
 ciso esse sacrifício...

SONIA — Não compreendo.

JULIA — O senhor Roberto estará no salão. E se
 mesmo for, o pobre tenente estará impossibilitado de falar
 com a menina...

SONIA — Sim, Julia. Você tem razão. Você tem sem-
 pre razão. É preciso que eu não dê descanso ao Roberto.
 Ajude-me a vestir...

JULIA — E deve ficar bonita...

SONIA — Bonita... Veja esta mecha de cabelos bran-
 cos. E esta fisionomia cansada... E mesmo assim terei
 que suportar o jantar, as conversas sempre quises, os ga-
 lanteios que se tornaram hábitos.

JULIA — Roberto ficará a seu lado. Ele não terá co-
 ragem para sair ou para conversar com a Nadir em sua
 presença...

SONIA — Depois do jantar quero ver se vou para o
 tombadilho, sentar-me um pouco. A noite está quente e o
 ar fresco deve me fazer bem...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

CARLOS — A noite está quente, Nadir. Fiquemos
 mais um pouco aqui, no tombadilho.

NADIR — Concordo, Carlos. No entanto, exijo uma
 condição.

CARLOS — Pode dizer.

NADIR — Você fica proibido de me falar de amor.

CARLOS — É o mesmo que pedir ao mar que não
 movimente suas ondas ou que não reflita a luz do luar.
 Por que não pede ao vento que passe de manso sem asso-
 biar nas vergas? Junto de você que posso eu fazer, Nadir?

NADIR — Está vendo, Carlos? Assim é impossível. Já
 lhe disse que amo outro homem.

CARLOS — Se eu ao menos soubesse quem é esse
 outro...

NADIR — E para que?

CARLOS — Iria reparar nele. Ver se é mais jovem
 que eu, se é simpático, inteligente, enfim, se possui as
 qualidades que me faltam. E se assim fosse, eu, embora
 vencido, ficaria feliz...

NADIR — Jovem ou não, é dele que eu gosto, Carlos.
 E não vamos insistir. Embora em tom de brincadeira a
 sua insistência nesse assunto é bastante desagradável.

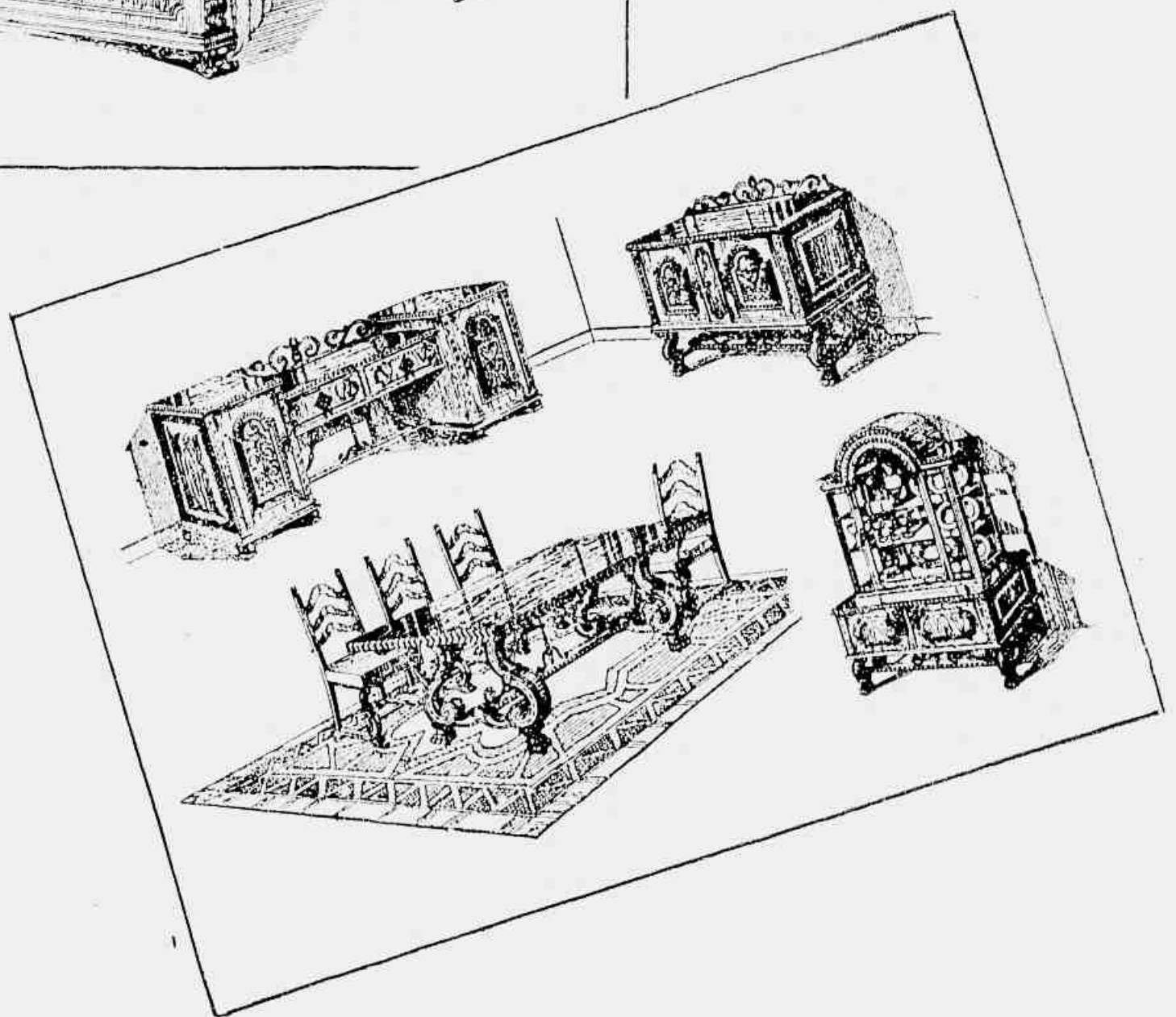
CARLOS — Está bem. Não insistirei... (OT) Olhe
 quem ali está sentada...



Dormitorio D. João V e sala de jantar espanhola

No cliché acima reproduzimos a fotografia móveis D. João V estilizado, reunidos em majestoso dormitório. Cômoda penteadeira, mesas de cabeceira aparecem neste elegante quarto de dormir. A penteadeira, o guarda-roupa e o outro armário podem ser colocados no quarto de "toilette", caso não os comporte o espaço exíguo que em geral são reservados aos dormitórios, nos apartamentos modernos.

A foto ao lado nos mostra uma elegante sala de jantar Espanhola, que deverá ser confeccionada em madeira escura.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

*Um bom
cigarro!*



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

R

8-44
23